

PANORAMA DAS ESCOLAS SESI DE ENSINO MÉDIO

UM OLHAR A PARTIR
DOS DADOS DO SAEB 2017



SESI

Serviço Social da Indústria
PELO FUTURO DO TRABALHO

PANORAMA DAS ESCOLAS SESI DE ENSINO MÉDIO

UM OLHAR A PARTIR
DOS DADOS DO SAEB 2017

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA – CNI

Robson Braga de Andrade

Presidente

Diretoria de Educação e Tecnologia – DIRET

Rafael Esmeraldo Lucchesi Ramacciotti

Diretor de Educação e Tecnologia

Serviço Social da Indústria – SESI

Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira

Presidente do Conselho Nacional

SESI – Departamento Nacional

Robson Braga de Andrade

Diretor

Rafael Esmeraldo Lucchesi Ramacciotti

Diretor-Superintendente

Paulo Mól Júnior

Diretor de Operações

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI

Robson Braga de Andrade

Presidente do Conselho Nacional

SENAI – Departamento Nacional

Rafael Esmeraldo Lucchesi Ramacciotti

Diretor-Geral

Julio Sergio de Maya Pedrosa Moreira

Diretor-Adjunto

Gustavo Leal Sales Filho

Diretor de Operações

Instituto Euvaldo Lodi – IEL

Robson Braga de Andrade

Presidente do Conselho Superior

IEL – Núcleo Central

Paulo Afonso Ferreira

Diretor-Geral

Eduardo Vaz da Costa Junior

Superintendente

PANORAMA DAS ESCOLAS SESI DE ENSINO MÉDIO

UM OLHAR A PARTIR
DOS DADOS DO SAEB 2017



Brasília, 2020

SESI

Serviço Social da Indústria
PELO FUTURO DO TRABALHO

© 2020. **SESI – Departamento Nacional.**

Qualquer parte desta obra poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte.

SESI/DN

Unidade de Estudos e Prospectiva - UNIEPRO

FICHA CATALOGRÁFICA

S491p

Serviço Social da Indústria. Departamento Nacional.

Panorama das escolas SESI de ensino médio: um olhar a partir dos dados do Saeb 2017 / Serviço Social da Indústria, Ana Luiza Amaral, Ernesto Faria, Lectícia Maggi. – Brasília: CNI, 2019.

102 p. : il.

ISBN: 978-85-7710-414-7

1. Ensino Médio. 2. Avaliação da Educação. I. Título.

CDU: 373.5

CNI
Confederação Nacional da Indústria
Sede
Setor Bancário Norte
Quadra 1 – Bloco C
Edifício Roberto Simonsen
70040-903 – Brasília – DF
Tel.: (61) 3317-9000
Fax: (61) 3317-9994
<http://www.portaldaindustria.com.br/cni/>

Serviço de Atendimento ao Cliente - SAC
Tels.: (61) 3317-9989/3317-9992
sac@cni.org.br

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

FIGURA 1 - QUANTIDADE E PERCENTUAL DE RESPONDENTES DOS QUESTIONÁRIOS POR REDE DE ENSINO	28
GRÁFICO 1 - QUAL O SEU SEXO?	32
GRÁFICO 2 - QUAL É A SUA COR OU RAÇA?	32
GRÁFICO 3 - ATÉ QUE SÉRIE SUA MÃE, OU A MULHER RESPONSÁVEL POR VOCÊ, ESTUDOU? ...	34
GRÁFICO 4 - ATÉ QUE SÉRIE SEU PAI, OU O HOMEM RESPONSÁVEL POR VOCÊ, ESTUDOU? ...	34
GRÁFICO 5 - VOCÊ GOSTA DE ESTUDAR LÍNGUA PORTUGUESA?	35
GRÁFICO 6 - VOCÊ FAZ O DEVER DE CASA DE LÍNGUA PORTUGUESA?	36
GRÁFICO 7 - VOCÊ GOSTA DE ESTUDAR MATEMÁTICA?	36
GRÁFICO 8 - VOCÊ FAZ O DEVER DE CASA DE MATEMÁTICA?	37
GRÁFICO 9 - VOCÊ UTILIZA A BIBLIOTECA OU SALA DE LEITURA DA SUA ESCOLA?	37
GRÁFICO 10 - QUAL É O SEU SEXO?	38
GRÁFICO 11 - QUAL É A SUA COR OU RAÇA?	39
GRÁFICO 12 - VOCÊ PODERIA NOS DIZER A SUA FAIXA ETÁRIA?	39
GRÁFICO 13 - HÁ QUANTOS ANOS VOCÊ TRABALHA COMO PROFESSOR?	40
GRÁFICO 14 - NESTA ESCOLA, QUAL A SUA CARGA HORÁRIA SEMANAL? (CONSIDERE A CARGA HORÁRIA CONTRATUAL: HORAS-AULA MAIS HORAS PARA ATIVIDADES, SE HOVER. NÃO CONSIDERE AULAS PARTICULARES)	41
GRÁFICO 15 - COMO PROFESSOR, QUAL É, APROXIMADAMENTE, O SEU SALÁRIO BRUTO? (COM ADICIONAL, SE HOVER).	42
GRÁFICO 16 - EM SEU TEMPO LIVRE, VOCÊ COSTUMA: IR AO CINEMA.	43
GRÁFICO 17 - EM SEU TEMPO LIVRE, VOCÊ COSTUMA: IR A ALGUM TIPO DE ESPETÁCULO OU EXPOSIÇÃO (TEATRO, MUSEU, DANÇA, MÚSICA).	43
GRÁFICO 18 - EM SEU TEMPO LIVRE, VOCÊ COSTUMA: FREQUENTAR BIBLIOTECAS.	44
GRÁFICO 19 - QUAL É O SEU SEXO?	45
GRÁFICO 20 - QUAL É A SUA COR OU RAÇA?	45
GRÁFICO 21 - VOCÊ PODERIA NOS DIZER A SUA FAIXA ETÁRIA?	46
GRÁFICO 22 - VOCÊ ASSUMIU A DIREÇÃO DESTA ESCOLA POR MEIO DE:	47
GRÁFICO 23 - COMO DIRETOR, QUAL É, APROXIMADAMENTE, O SEU SALÁRIO BRUTO (COM ADICIONAIS, SE HOVER).	47
GRÁFICO 24 - INDIQUE O CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MAIS ALTA TITULAÇÃO QUE VOCÊ POSSUI.	50

GRÁFICO 25 - INDIQUE O CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MAIS ALTA TITULAÇÃO QUE VOCÊ POSSUI	51
GRÁFICO 26 - NESTA ESCOLA E NESTE ANO, INDIQUE A FREQUÊNCIA COM QUE: O (A) DIRETOR(A) INFORMA OS PROFESSORES SOBRE AS POSSIBILIDADES DE APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL.....	54
GRÁFICO 27 - DURANTE OS ÚLTIMOS DOIS ANOS, VOCÊ PARTICIPOU DE QUALQUER UM DOS SEGUINTE TIPOS DE ATIVIDADES DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL, E QUAL FOI O IMPACTO DESSA ATIVIDADE EM SUA PRÁTICA COMO PROFESSOR? CURSOS/OFICINAS SOBRE METODOLOGIAS DE ENSINO NA SUA ÁREA DE ATUAÇÃO	55
GRÁFICO 28 - DURANTE OS ÚLTIMOS DOIS ANOS, VOCÊ PARTICIPOU DE QUALQUER UM DOS SEGUINTE TIPOS DE ATIVIDADES DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL, E QUAL FOI O IMPACTO DESSA ATIVIDADE EM SUA PRÁTICA COMO PROFESSOR? CURSOS/OFICINAS SOBRE METODOLOGIAS SOBRE OUTROS TÓPICOS	55
GRÁFICO 29 - DURANTE OS ÚLTIMOS DOIS ANOS, VOCÊ PARTICIPOU DE QUALQUER UM DOS SEGUINTE TIPOS DE ATIVIDADES DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL, E QUAL FOI O IMPACTO DESSA ATIVIDADE EM SUA PRÁTICA COMO PROFESSOR? CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO (MÍNIMO DE 360 HORAS) OU APERFEIÇOAMENTO (MÍNIMO DE 180 HORAS) SOBRE METODOLOGIAS DE ENSINO NA SUA ÁREA DE ATUAÇÃO	56
GRÁFICO 30 - NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS, VOCÊ GOSTARIA DE TER PARTICIPADO DE MAIS ATIVIDADES DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO QUE VOCÊ PARTICIPOU?	57
GRÁFICO 31 - CONSIDERANDO OS TEMAS A SEGUIR, INDIQUE POR FAVOR SUA NECESSIDADE DE APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL. USO PEDAGÓGICO DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.	58
GRÁFICO 32 - CONSIDERANDO OS TEMAS A SEGUIR, INDIQUE POR FAVOR SUA NECESSIDADE DE APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL. FORMAÇÃO ESPECÍFICA PARA TRABALHAR COM ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA OU NECESSIDADES ESPECIAIS.....	59
GRÁFICO 33 - DURANTE OS ÚLTIMOS DOIS ANOS, VOCÊ PARTICIPOU DE ALGUMA ATIVIDADE DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL?	60
GRÁFICO 34 - SE VOCÊ PARTICIPOU DE ALGUMA ATIVIDADE DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS, COMO VOCÊ AVALIA O IMPACTO DA PARTICIPAÇÃO EM SUA ATIVIDADE COMO DIRETOR?	60
GRÁFICO 35 - NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS, VOCÊ GOSTARIA DE TER PARTICIPADO DE MAIS ATIVIDADES DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO QUE VOCÊ PARTICIPOU?	61
GRÁFICO 36 - NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS, VOCÊ ORGANIZOU ALGUMA ATIVIDADE DE FORMAÇÃO CONTINUADA (ATUALIZAÇÃO, TREINAMENTO, CAPACITAÇÃO, ETC.) NESTA ESCOLA?	61
GRÁFICO 37 - QUAL FOI A QUANTIDADE DE DOCENTES NESTA ESCOLA QUE PARTICIPOU DAS ATIVIDADES DE FORMAÇÃO CONTINUADA QUE VOCÊ ORGANIZOU NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS?	62

GRÁFICO 38 - NESTA ESCOLA E NESTE ANO, INDIQUE A FREQUÊNCIA COM QUE: O(A) DIRETOR(A) ESTIMULA ATIVIDADES INOVADORAS.....	66
GRÁFICO 39 - INDIQUE A FREQUÊNCIA COM QUE VOCÊ DESENVOLVE AS SEGUINTE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NESTA TURMA: SOLICITAR QUE OS ALUNOS COPIEM TEXTOS E ATIVIDADES DO LIVRO DIDÁTICO OU DO QUADRO NEGRO (LOUSA).....	67
GRÁFICO 40 - INDIQUE A FREQUÊNCIA COM QUE VOCÊ DESENVOLVE AS SEGUINTE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NESTA TURMA: DESENVOLVER ATIVIDADES EM GRUPO, EM SALA DE AULA, PARA QUE OS ALUNOS BUSQUEM SOLUÇÕES DE PROBLEMAS.....	68
GRÁFICO 41 - INDIQUE A FREQUÊNCIA COM QUE VOCÊ DESENVOLVE AS SEGUINTE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NESTA TURMA: ESTIMULAR OS ALUNOS A EXPRESSAREM SUAS OPINIÕES E A DESENVOLVEREM ARGUMENTOS A PARTIR DE TEMAS DIVERSOS.....	69
GRÁFICO 42 - INDIQUE A FREQUÊNCIA COM QUE VOCÊ DESENVOLVE AS SEGUINTE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NESTA TURMA: EXPERIMENTAR DIFERENTES AÇÕES (COLETAR INFORMAÇÕES, RECORTAR, EXPLORAR, MANIPULAR ETC.) PARA RESOLVER PROBLEMAS.	69
GRÁFICO 43 - INDIQUE A FREQUÊNCIA COM QUE VOCÊ DESENVOLVE AS SEGUINTE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NESTA TURMA: DISCUTIR DIFERENTES MODOS PARA RESOLVER PROBLEMAS E CÁLCULOS.	70
GRÁFICO 44 - INDIQUE A FREQUÊNCIA COM QUE VOCÊ DESENVOLVE AS SEGUINTE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NESTA TURMA: UTILIZAR CONTOS, CRÔNICAS, POESIAS OU ROMANCES PARA EXERCITAR ASPECTOS DA GRAMÁTICA.	71
GRÁFICO 45 - INDIQUE A FREQUÊNCIA COM QUE VOCÊ DESENVOLVE AS SEGUINTE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NESTA TURMA: PROPOR SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM QUE SEJAM FAMILIARES OU DE INTERESSE DOS ALUNOS...	71
GRÁFICO 46 - GOSTARÍAMOS DE SABER QUAIS OS RECURSOS QUE VOCÊ UTILIZA PARA FINS PEDAGÓGICOS, NESTA TURMA: PROGRAMAS/APLICATIVOS PEDAGÓGICOS DE COMPUTADOR	73
GRÁFICO 47 - GOSTARÍAMOS DE SABER QUAIS OS RECURSOS QUE VOCÊ UTILIZA PARA FINS PEDAGÓGICOS, NESTA TURMA: INTERNET	73
GRÁFICO 48 - GOSTARÍAMOS DE SABER QUAIS OS RECURSOS QUE VOCÊ UTILIZA PARA FINS PEDAGÓGICOS, NESTA TURMA: PROJETOR (DATASHOW, PROJETOR DE TRANSPARÊNCIAS).	74
GRÁFICO 49 - GOSTARÍAMOS DE SABER QUAIS OS RECURSOS QUE VOCÊ UTILIZA PARA FINS PEDAGÓGICOS, NESTA TURMA: JORNAIS E REVISTAS INFORMATIVAS. ..	75
GRÁFICO 50 - GOSTARÍAMOS DE SABER QUAIS OS RECURSOS QUE VOCÊ UTILIZA PARA FINS PEDAGÓGICOS, NESTA TURMA: FILMES, DESENHOS ANIMADOS OU DOCUMENTÁRIOS.	75
GRÁFICO 51 - GOSTARÍAMOS DE SABER QUAIS OS RECURSOS QUE VOCÊ UTILIZA PARA FINS PEDAGÓGICOS, NESTA TURMA: LIVROS DE LITERATURA EM GERAL. ..	76

GRÁFICO 52 - NESTA ESCOLA, INDIQUE COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ DISCUTE COM OS PROFESSORES MEDIDAS COM O OBJETIVO DE MELHORAR O ENSINO E A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.	80
GRÁFICO 53 - NESTA ESCOLA, INDIQUE A FREQUÊNCIA COM QUE: O(A) DIRETOR(A) DISCUTE METAS EDUCACIONAIS COM OS PROFESSORES NAS REUNIÕES.	80
GRÁFICO 54 - INDIQUE COM QUAL FREQUÊNCIA SÃO DESENVOLVIDAS AS SEGUINTE ATIVIDADES APARA MINIMIZAR AS FALTAS DOS ALUNOS NESTE ANO E NESTA ESCOLA: OS PAIS/RESPONSÁVEIS SÃO AVISADOS POR COMUNICAÇÃO DA ESCOLA.	82
GRÁFICO 55 - INDIQUE COM QUAL FREQUÊNCIA SÃO DESENVOLVIDAS AS SEGUINTE ATIVIDADES APARA MINIMIZAR AS FALTAS DOS ALUNOS NESTE ANO E NESTA ESCOLA: OS PAIS/RESPONSÁVEIS SÃO CHAMADOS À ESCOLA PARA CONVERSAR SOBRE O ASSUNTO INDIVIDUALMENTE.	83
GRÁFICO 56 - NESTA ESCOLA, HÁ ALGUMA AÇÃO PARA REDUÇÃO DAS TAXAS DE ABANDONO?	83
GRÁFICO 57 - NESTA ESCOLA, HÁ ALGUMA AÇÃO PARA REDUÇÃO DAS TAXAS DE REPROVAÇÃO?	84
GRÁFICO 58 - QUANTO DO CONTEÚDO PREVISTO VOCÊ CONSEGUIU DESENVOLVER COM OS ALUNOS DESTA TURMA NESTE ANO?.....	85
GRÁFICO 59 - CONSIDERE AS CONDIÇÕES EXISTENTES PARA O EXERCÍCIO DO CARGO DE DIRETOR NESTA ESCOLA: HÁ APOIO DE INSTÂNCIAS SUPERIORES?.....	88
GRÁFICO 60 - CONSIDERE AS CONDIÇÕES EXISTENTES PARA O EXERCÍCIO DO CARGO DE DIRETOR NESTA ESCOLA: HÁ TROCA DE INFORMAÇÕES COM DIRETORES DE OUTRAS ESCOLAS?	89
GRÁFICO 61 - NESTA ESCOLA E NESTE ANO, INDIQUE A FREQUÊNCIA COM QUE O(A) DIRETOR(A) ME ANIMA E ME MOTIVA PARA O TRABALHO.....	89
GRÁFICO 62 - NESTA ESCOLA, COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ FEZ O SEGUINTE: ENVOLVEU-SE EM ATIVIDADES CONJUNTAS COM DIFERENTES PROFESSORES (POR EXEMPLO, PROJETOS INTERDISCIPLINARES).....	90
GRÁFICO 63 - NESTA ESCOLA, COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ FEZ O SEGUINTE: PARTICIPOU DE REUNIÕES COM COLEGAS QUE TRABALHAM COM A MESMA SÉRIE (ANO) PARA A(O) QUAL LECIONA.	91
GRÁFICO 64 - NESTA ESCOLA, COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ FEZ O SEGUINTE: PARTICIPOU EM DISCUSSÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DE DETERMINADOS ALUNOS.	92
GRÁFICO 65 - COM QUAL FREQUÊNCIA SEUS PAIS, OU RESPONSÁVEIS POR VOCÊ, VÃO À REUNIÃO DE PAIS?	93
GRÁFICO 66 - SOBRE OS FATOS LISTADOS ABAIXO, DIGA SE ELES ACONTECERAM OU NÃO NESTE ANO, NESTA ESCOLA: AGRESSÃO VERBAL OU FÍSICA DE ALUNOS A OUTROS ALUNOS DA ESCOLA.	94
GRÁFICO 67 - NESTA ESCOLA, HÁ PROJETOS NAS SEGUINTE TEMÁTICAS: BULLYING.	94

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
1 INTRODUÇÃO.....	13
2 PANORAMA DO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO.....	19
3 METODOLOGIA.....	25
3.1 Base de dados.....	25
3.2 Modelo de análise.....	26
3.3 Critérios de composição da amostra.....	26
4 PERFIL DOS ATORES ESCOLARES.....	31
4.1 Alunos.....	31
4.2 Professores.....	38
4.3 Diretores.....	44
5 FORMAÇÃO INICIAL.....	49
5.1 Professores.....	49
5.2 Diretores.....	51
6 FORMAÇÃO CONTINUADA.....	53
6.1 Professores.....	54
6.2 Diretores.....	59
7 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	65
7.1 Busca por inovação.....	65
7.2 Recursos pedagógicos.....	72
8 ESTRATÉGIAS DE GESTÃO.....	79
8.1 Gestão para a aprendizagem.....	79
8.2 Gestão para acompanhamento do aluno.....	81
9 AMBIENTE PARA A APRENDIZAGEM.....	87
9.1 Integração entre a gestão.....	88
9.2 Relação dos professores com a direção.....	89
9.3 Colaboração entre professores.....	90
9.4 Proximidade da escola com as famílias.....	92
9.5 Desafios escolares.....	93
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	101

APRESENTAÇÃO

Diante das diversas transformações atuais na sociedade, a escola tem sido incitada a buscar novos modelos de atuação, de modo a contribuir na formação de crianças e jovens preparados para os desafios do século 21 e aptos a colaborar na construção de um mundo melhor. O avanço escolar nessa direção depende de processos avaliativos que permitam o diagnóstico educacional, apontando caminhos para a mudança das práticas pedagógicas.

Nas últimas décadas, o Brasil investiu na consolidação de sistemas de avaliação da educação básica e superior. No entanto, o país precisa desenvolver estudos que analisem os resultados desses exames e permitam interpretações mais aprofundadas sobre o universo escolar. Dessa forma, será possível subsidiar as redes de ensino no movimento de melhoria e inovação das escolas brasileiras.

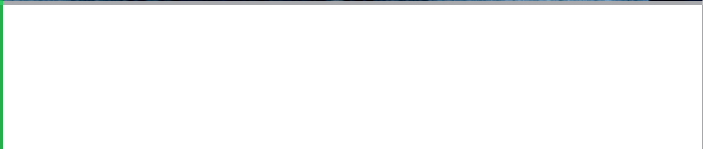
É nesse contexto que se insere a iniciativa do Serviço Social da Indústria (SESI) de realizar o presente estudo, que analisa os resultados dos questionários da edição de 2017 do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). A intenção é compreender melhor o perfil e o modelo de atuação dos alunos, professores e diretores das escolas SESI de ensino médio.

O estudo indica que a rede SESI tem se destacado na formação continuada dos professores e na busca de uma educação inovadora, por meio da utilização de recursos pedagógicos diversos e da adoção de tecnologia na sala de aula, com o uso de programas de computador e aplicativos. Aponta, também, caminhos para a contínua evolução das escolas SESI com a manutenção de um ensino de excelência para todos os seus alunos.

Boa leitura.

Robson Braga de Andrade

Diretor do Departamento Nacional do SESI



1 INTRODUÇÃO



Nas últimas décadas, o Brasil tem incorporado progressivamente crianças e jovens ao processo escolar. Ainda que o atendimento não esteja universalizado no ensino médio e na educação infantil e que o país apresente grandes desigualdades regionais, é inegável o avanço na inclusão. No entanto, no que se refere à qualidade do ensino, a educação brasileira tem importantes desafios a superar. As avaliações nacionais de larga escala sobre os resultados do processo educacional evidenciam, dentre outros aspectos, que grande parte dos jovens têm concluído o ensino médio com baixa proficiência em Matemática e Língua Portuguesa.

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), desenvolvido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), avalia bianualmente alunos de escolas públicas e privadas do 5º e 9º anos do ensino fundamental e do 3º ano do ensino médio. As escolas públicas dos anos iniciais e finais do ensino fundamental são avaliadas de forma censitária, enquanto as privadas, por amostra. Além dos testes, os alunos, professores e diretores respondem a questionários que fornecem informações sobre fatores de contexto que podem estar associados ao desempenho.

Desde a primeira realização do Saeb, o resultado referente ao ensino médio era calculado com base numa amostra de escolas públicas e privadas selecionadas para realizar a prova. Assim sendo, não era possível calcular o resultado de cada escola e de cada município nessa etapa de ensino, pois o resultado da amostra garantia apenas o resultado por UF.

Na última edição, em 2017, pela primeira vez, as escolas públicas de ensino médio participaram de forma censitária e todas as escolas privadas de ensino médio também foram autorizadas pelo INEP a aderirem à avaliação, mediante o pagamento de uma taxa. Tendo em vista que o Saeb é um importante instrumento diagnóstico da qualidade do ensino, as escolas de ensino médio da rede SESI participaram da edição de 2017.

Diante desse ineditismo e da possibilidade de realizar uma análise mais aprofundada sobre os dados do ensino médio, o presente estudo analisou as respostas dos questionários dos alunos, professores e diretores das escolas das redes pública e privada e comparou-as com os resultados da rede SESI de ensino. O objetivo é compreender os fatores de sucesso e identificar os desafios para a melhoria da qualidade da educação nessa fundamental etapa de ensino.

A realização desse estudo justifica-se também pelo fato de que no Brasil, apesar do grande investimento em avaliações de larga escala, ainda permanece um importante desafio: transformar o universo de dados disponíveis em conhecimento, dando-lhes tratamento estatístico de forma que sejam possíveis interpretações mais depuradas. Esse é o único meio possível para que as avaliações educacionais possam ir além da sua função diagnóstica e se transformem efetivamente em instrumentos de mudança, que apontem caminhos para acelerar o movimento de melhoria e inovação das escolas brasileiras.

Este estudo olha para os dados da rede SESI de ensino, especialmente, em relação às redes privada e federal do país, por entender que elas apresentam contextos um pouco mais próximos ao da rede SESI do que a rede estadual de ensino. Segundo o Censo Escolar de 2017, ano de realização do Saeb, das 7.930.384 matrículas no ensino médio, 85% estão na rede estadual. A rede privada responde por 12,2% desse montante e a federal, por 2,4%. Como a rede municipal não é responsável por ofertar o ensino médio e registra somente 47 mil matrículas (0,6% do total), optou-se por não considerá-la na análise. Em 2017, a rede SESI tinha 58.478 alunos no ensino médio, distribuídos por 330 escolas nos 23 estados e no Distrito Federal.

Além do tamanho em si e das questões gerenciais inerentes à tal dimensão, as redes de ensino também apresentam conjunturas diferentes de investimento, de infraestrutura, de condições para o ensino e de nível socioeconômico dos alunos. Esse último aspecto é especialmente relevante, pois tanto a literatura nacional quanto a internacional, mostram grande correlação entre os resultados dos estudantes em testes padronizados e a situação socioeconômica de suas famílias.

Tal evidência científica, obviamente, não tem qualquer relação com a capacidade nata das crianças e dos adolescentes para aprender, mas sim com os estímulos que recebem em casa em função da maior escolaridade dos pais; da exposição a um repertório de

experiências mais diversificado e do acesso a materiais de estudo e bens culturais. Por isso, ao analisar os resultados deste estudo, é preciso considerar que o nível socioeconômico dos estudantes da rede estadual é mais baixo e que muitos alunos estão expostos a situações de vulnerabilidade que não ocorrem nas redes federal e privada. Esse fator impacta o desempenho dos alunos, assim como o maior investimento feito pelas redes privada e federal em infraestrutura, formação de professores e uso de novas tecnologias.

O presente relatório divide-se em onze capítulos. Os três primeiros trazem, na sequência, introdução, panorama sobre o ensino médio no Brasil e metodologia utilizada para a realização do estudo. A partir do quarto capítulo são apresentados os resultados do estudo que versam sobre seis importantes temáticas associadas ao desempenho escolar: perfil dos atores escolares; formação inicial e continuada dos professores e diretores; práticas pedagógicas; estratégias de gestão; e ambiente para a aprendizagem, conforme especificação apresentada a seguir.

O capítulo sobre o perfil dos atores escolares apresenta quem são os alunos, os professores e os diretores das redes de ensino. No caso dos estudantes, o questionário aborda itens como sexo, idade, raça e escolaridade dos pais além do interesse do jovem em estudar português e matemática. Já em relação aos professores e diretores, além de itens sobre a identidade, o questionário traz questões sobre o tempo de profissão, a carga horária semanal de trabalho, salário e hábitos de lazer.

O quinto capítulo apresenta como foi a formação inicial dos professores e diretores e o sexto, como ocorre a formação continuada, o impacto verificado no dia a dia da sala de aula e as áreas em que os profissionais alegam mais necessidade de desenvolvimento. Já no sétimo capítulo são exploradas as práticas pedagógicas de cada rede, tanto em relação à escolha de recursos para facilitar a aprendizagem (uso de *datashow*, aplicativos, filmes, poesias, jornais, revistas, etc) como às ações e atividades desenvolvidas (por exemplo, o estímulo a trabalhos em grupo e à experimentação para a resolução de problemas). O oitavo capítulo versa sobre as estratégias de gestão, que englobam questões como a discussão de metas educacionais entre a equipe escolar, as ações visando a redução de faltas e a diminuição das taxas de reprovação e abandono.

O nono capítulo, por sua vez, divide-se em cinco subitens que investigam como é o ambiente para o ensino e a aprendizagem na rede, suas condições facilitadoras e desafios. São eles: integração entre a gestão; relação dos professores com a direção; colaboração entre professores; proximidade da escola com as famílias; e desafios escolares. Por fim, são apresentadas as considerações finais e bibliografia.

A divisão de capítulos adotada neste relatório não é arbitrária. Ela foi pensada tendo em vista o objetivo de examinar a forma como estão presentes nas redes de ensino

algumas das principais características que a literatura associa aos sistemas eficazes de ensino. A pesquisa sobre eficácia escolar surgiu inicialmente nos Estados Unidos e no Reino Unido e depois ganhou relevância internacional sendo desenvolvida em inúmeros países. Nas últimas duas décadas, houve um incremento no volume das pesquisas e o campo agora já dispõe de um conjunto de evidências científicas sobre os pilares que sustentam um sistema eficaz de ensino.

A análise dos questionários e a definição dos eixos temáticos para a apresentação dos resultados foi realizada com base na revisão dessa literatura. Tomou-se como base, dentre outras publicações, o estudo de Pam Sammons e Linda Bakkum, *Effective schools, equity and teacher effectiveness: a review to the literature* (2011), que elenca as seguintes práticas que comprovadamente melhoram o desempenho escolar: clima escolar positivo; gestão escolar eficaz com foco na aprendizagem; monitoramento do progresso indicando as intervenções pedagógicas necessárias; processos de ensino efetivos por meio de práticas consistentes e colaboração entre os professores; altas expectativas para os alunos e para a equipe escolar; formações que desenvolvem professores de alta qualidade e parceria escola-família.

No Brasil, a série de estudos Excelência com Equidade, que investigou características comuns às unidades de ensino fundamental e médio que conseguem bons resultados com alunos de baixo nível socioeconômico, indica que tais escolas têm, principalmente, bom clima escolar, gestão focada na aprendizagem, e avaliações e monitoramento. Financiamento é um desafio para o país, tal qual currículo e formação de professores de alta qualidade, mesmo nas melhores unidades.

O presente estudo, ressalta-se, é um trabalho exploratório sobre dados importantes do Saeb, que tem o objetivo de iniciar a discussão sobre eficácia escolar e não esgotá-la. Espera-se que tal análise possibilite à rede SESI identificar alguns de seus pontos fortes, de destaque, assim como aqueles que precisam ser aprimorados. Almeja-se, desta forma, fornecer subsídios importantes que possam orientar decisões estratégicas visando a melhoria contínua da qualidade do ensino oferecido e a garantia da aprendizagem de todos e de cada um dos estudantes.





2 PANORAMA DO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO



O ensino médio é a última etapa da educação básica e considerada imprescindível para a vida futura do jovem. Segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o ensino médio é a credencial mínima para ingresso no mundo do trabalho do século XXI e para o pleno exercício da cidadania.

No entanto, o Brasil ainda está distante de garantir que todos concluam essa importante etapa de ensino. Segundo dados do relatório *Education at a Glance* (OCDE, 2019), enquanto 83% da população de 25 a 64 anos dos países desenvolvidos concluiu pelo menos o ensino médio, apenas 53% da população brasileira dessa faixa etária alcançou essa escolaridade.

Esse baixo percentual reflete um conjunto de desafios que o Brasil enfrenta em relação ao acesso, à permanência e à garantia da aprendizagem ao final da educação básica. Diante desse cenário, o governo brasileiro sancionou a Lei nº 13.415/2017 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estabelecendo uma nova estrutura para a etapa, que deve entrar em vigor a partir de 2020. O novo ensino médio traz três grandes mudanças:

- 1) **A ampliação do tempo mínimo do estudante na escola de 800 para 1.000 horas**, divididas em 200 dias letivos. No total, contabilizando os três anos, o ensino médio passará a ter sua carga horária ampliada de 2.400 para 3.000 horas;

- 2) **Nova organização curricular**, com disciplinas comuns e obrigatórias a todos os estudantes, a despeito da rede e região onde estão estudando. Tais disciplinas são orientadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que será referência também para a formação de professores e para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). O ensino de língua portuguesa e matemática continua obrigatório nos três anos, independentemente da área em que o estudante escolher se aprofundar;
- 3) **Criação de itinerários formativos**, divididos segundo as áreas do conhecimento (Matemática, Linguagens, Ciências Humanas e Ciências da Natureza) e também contemplando a formação técnica e profissional. Dessa forma, o adolescente poderá escolher em qual área quer se aprofundar conforme seus interesses pessoais, necessidades e habilidades. As redes de ensino terão autonomia para definir os itinerários formativos que serão ofertados.

O Ministério da Educação (MEC) defende que tal mudança irá “aproximar as escolas da realidade dos estudantes, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade”. Com a BNCC organizada por áreas do conhecimento e não mais por disciplinas, a expectativa é que os estudantes tenham acesso a uma aprendizagem mais significativa, com aulas mais dinâmicas e menos expositivas, envolvendo oficinas e projetos.

De fato, os dados de desempenho evidenciam a necessidade de uma educação que faça mais sentido para o jovem, que estimule seu protagonismo e forneça subsídios para que possa construir seu projeto de vida. O ensino médio, de forma geral, tem tido dificuldades para encontrar um rumo que reflita em resultados de aprendizagem mais positivos. De acordo com os dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), em um período de 10 anos (2007 a 2017), o percentual de estudantes com aprendizado adequado em língua portuguesa passou de 24,5% para 29,1%. Já em matemática, caiu de 9,8% para 9,1%¹. A meta do Plano Nacional de Educação (PNE) é que 70% dos alunos alcancem aprendizado adequado até 2019 – cenário muito distante do atual.

O Espírito Santo, por exemplo, é o estado com o maior percentual de estudantes com desempenho adequado em língua portuguesa ao final do 3º ano do ensino médio. Ainda assim, não chega à metade dos alunos (são 40,7%) e continua distante da meta do PNE. Em matemática, a situação é ainda mais desafiadora: a localidade de melhor desempenho é o Distrito Federal, onde 17% dos alunos têm aprendizado adequado. No Amapá, o estado com o desempenho mais baixo na disciplina, o percentual é de apenas 2,8%².

1 Fonte: Anuário Brasileiro da Educação Básica 2019, do Movimento Todos Pela Educação

2 Fonte: Anuário Brasileiro da Educação Básica 2019, do Movimento Todos Pela Educação

Vale destacar que os desafios de desempenho no ensino médio não dizem respeito exclusivamente à rede pública de ensino. Em que pese a existência de um conjunto de escolas da rede privada que consegue alcançar bons resultados, o percentual de alunos com aprendizado adequado na rede privada no Brasil é de 39,4% em matemática e 67,5% em língua portuguesa. Em Alagoas, estado em que a rede privada apresenta os resultados mais baixos de desempenho, esses percentuais são 19,4% e 48,0%, respectivamente.

Outro aspecto importante é que a rede privada, tal qual a rede pública, não tem conseguido avançar de forma constante no ensino médio. Em 2005, registrava Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 5,6. Em 2013, houve uma queda para 5,4 e, em 2015, caiu novamente para 5,3, apresentando melhora na última edição.

Enquanto os dados do Saeb, permitem constatar as disparidades regionais de desempenho, os resultados do Pisa (*Programme for International Student Assessment*), realizado pela OCDE, revelam a distância do país em relação à outras nações da América Latina, como Uruguai e Chile. No Brasil, 17,5% dos alunos têm aprendizado adequado em ciências, já no Uruguai são 28,2% e no Chile, 33,9%. A média dos países que compõem a OCDE é 51,1%. O Pisa é feito de forma amostral, com testes aplicados a estudantes de 15/16 anos de escolas públicas e privadas.

Outra análise possível pode ser feita com base nas médias de proficiência no Pisa. O Brasil alcançou 401 pontos em ciências, contra 493 da OCDE. Em matemática, 377 contra 490. De acordo com a escala da OCDE, cada 35 pontos, em média, representam um ano letivo de aprendizagem. Portanto, não é exagero dizer que, em ciências, os estudantes brasileiros estão cerca de 2 anos e meio de aprendizagem atrás da média dos estudantes dos países desenvolvidos e, em matemática, mais de 3 anos.

A situação do ensino médio, todavia, deve ser analisada à luz do que ocorre no ensino fundamental brasileiro. Enquanto 56% dos alunos do 5º ano têm aprendizado adequado em português e 44% em matemática; no 9º ano, esses percentuais caem para 34% e 15%, respectivamente. Isso significa que os alunos chegam ao ensino médio com um conjunto de lacunas pedagógicas que impõem desafios para o avanço da aprendizagem.

Como ciclo final da educação básica, o ensino médio acumula múltiplas funções: precisa preparar o estudante para o Enem e outros vestibulares, garantir a aquisição das competências e habilidades necessárias ao mundo do trabalho e cumprir com os conteúdos curriculares próprios da etapa. E isso tudo ao mesmo tempo em que precisa lidar com grandes defasagens de aprendizado acumuladas ao longo do ensino fundamental, buscando mitigá-las. Definitivamente, não é uma tarefa trivial.

Enquanto é urgente aumentar a aprendizagem dos estudantes, há que se buscar ainda soluções para a questão do atendimento, que não está completamente resolvida. Ao contrário do cenário observado no ensino fundamental, no ensino médio o acesso não está universalizado. Em 2018, 91,5% dos adolescentes de 15 a 17 anos estavam matriculados na escola. Isto é, quase um em cada dez adolescentes está excluído do processo educativo. Em números absolutos, são mais de 900 mil jovens que não estão avançando no seu processo de escolarização.

Os dados também revelam a falta de equidade na educação brasileira. Por exemplo, enquanto 75,3% dos brancos de 15 e 17 anos estão no ensino médio, entre os negros da mesma faixa etária o percentual é de 63,6%. A comparação por renda também traz números preocupantes: entre os 25% mais pobres, somente 57,3% cursam o ensino médio; já entre os 25% mais ricos, a taxa é de 91,1%. Em Sergipe, menos da metade dos jovens de 15 a 17 anos está matriculada no ensino médio (48,6%, o menor percentual do país). Já em São Paulo, são 79,4%³.

É importante destacar que entre os jovens de 15 a 17 anos que estão na escola, somente 68,7% cursam o ensino médio. Uma parte ainda está no ensino fundamental. Essa distorção idade-série (proporção de estudantes com pelo menos dois anos de atraso escolar) é um grande desafio, pois é um dos fatores que leva à evasão escolar. Em 2018, a distorção idade-série atingiu mais de ¼ dos alunos do ensino médio: cerca de 2,2 milhões não estavam cursando a série adequada. Na rede privada, como a taxa de reprovação é muito menor, apenas 9% dos alunos estão atrasados em relação à série que deveriam estar cursando.

É preciso enfrentar todos os gargalos relativos ao acesso, à permanência e ao desempenho, buscando formas de garantir que todos os jovens, especialmente os mais vulneráveis, tenham condições de continuar na escola e concluir o ensino médio. Os números não deixam dúvidas sobre a necessidade de políticas públicas mais equitativas que combatam as desigualdades de forma intencional, garantindo o aprendizado de cada um dos estudantes. Nesse sentido, o MEC prevê a ampliação do ensino médio de tempo integral. Em 2018, 10,3% das matrículas do ensino médio eram em escolas de tempo integral⁴. A expectativa do Ministério é que, até 2024, pelo menos ¼ dos estudantes da educação básica estejam nessa modalidade. Esse é um desafio considerável para as redes, principalmente, em termos de planejamento e financiamento. Mas pode ser um caminho, especialmente no sentido de propiciar aos alunos um maior apoio para a recuperação das lacunas pedagógicas herdadas nas etapas anteriores.

3 Fonte: Anuário Brasileiro da Educação Básica 2019, do Movimento Todos Pela Educação

4 Fonte: Censo Escolar, 2018

O estudo “Excelência com Equidade no Ensino Médio: a dificuldade das redes para dar um suporte efetivo às escolas” (2019)⁵, identificou 100 escolas de ensino médio que conseguem bons resultados com estudantes de baixo nível socioeconômico. Dessas, 82 são de tempo integral.

Algumas redes de ensino vêm se destacando e apontando caminhos para a superação dos desafios referentes ao ensino médio. É o caso da rede pública do Ceará. Dentre as 100 escolas com bons resultados analisadas pela pesquisa acima citada, 55 eram da rede pública do Ceará. Pernambuco, Espírito Santo e Goiás são outros estados com exemplos de ações exitosas e para as quais deve-se olhar mais atentamente. Na rede privada existem muitas escolas com bom desempenho, mas também é preciso ganhar escala.

Os dados sugerem a necessidade de reformulações estruturais para o ensino médio. É preciso melhorar a capacitação dos diretores, reformular a formação inicial e continuada dos professores, valorizar esses profissionais e garantir melhor infraestrutura. Outro ponto fundamental para alavancar os resultados é a inclusão de um trabalho intencional com as habilidades socioemocionais. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) preconiza o trabalho com tais competências, mas para que a Base saia do papel e chegue na sala de aula é preciso que as redes de ensino desenvolvam currículos e desenhem metodologias para contemplar o que está prescrito na BNCC. Como etapa final da educação básica, o ensino médio precisa gerar oportunidades e munir os estudantes não somente do conteúdo escolar, mas principalmente das habilidades e competências necessárias a uma participação ativa e crítica na sociedade.

⁵ Estudo realizado por Iede, Fundação Lemann, Instituto Unibanco e Itaú BBA



3 METODOLOGIA



3.1 BASE DE DADOS

Para melhor compreender o panorama das escolas SESI de ensino médio, o presente estudo teve como base empírica os microdados das respostas aos questionários do aluno, do professor e do diretor da edição de 2017 do Saeb Ensino Médio.

Os questionários do Saeb permitem a obtenção de informações sobre diversos aspectos do dia a dia escolar que impactam a aprendizagem dos estudantes, tais como modelo de gestão escolar, formação dos professores, recursos pedagógicos utilizados e práticas de ensino adotadas pela equipe escolar. Eles são ricos também na medida em que possibilitam entender como acontecem e qual a qualidade das relações estabelecidas entre os diversos atores do processo educacional.

No caso dos professores, são 125 questões que abordam temas relativos à identidade (sexo, idade, raça), formação inicial e continuada, experiência profissional, salário, carga horária, condições e ambiente de trabalho. Há também questões específicas sobre os recursos pedagógicos, as práticas de ensino e a relação com os estudantes. No questionário dos diretores constam 111 questões que abordam temas sobre o modelo de liderança, a gestão para aprendizagem e acompanhamento do aluno, a relação com os professores e a integração escola-família. O relatório dos estudantes é composto por 60 questões que, em sua maioria, são relativas ao nível socioeconômico da família. Há também itens que

abordam a preferência por disciplinas, a realização do dever de casa e o envolvimento dos responsáveis com a escola, por meio da presença em reuniões de pais, por exemplo.

Os mesmos questionários são aplicados a cada dois anos permitindo, assim, a comparabilidade das respostas entre as edições do Saeb. Respondem aos questionários os alunos que realizam as avaliações de língua portuguesa e matemática, os professores dessas disciplinas que lecionam para os alunos participantes e os diretores das escolas.

3.2 MODELO DE ANÁLISE

Esta análise exploratória apresenta a distribuição das respostas dos alunos, professores e diretores, desagregadas por Dependência Administrativa (ID_DEPENDENCIA_ADM), com o intuito de possibilitar um painel comparativo entre as diferentes redes de ensino.

Desse modo, para cada questão é apresentado o percentual de respondentes de cada rede de ensino que assinalou cada uma das alternativas dentre o total de respondentes de cada rede. Cada uma das colunas presentes nos gráficos, portanto, deve somar 100%, representando o total de respondentes da respectiva Dependência Administrativa.

Os resultados são apresentados em um recorte nacional, de forma que refletem os cenários das diferentes redes de ensino no Brasil. Tendo em vista a presença das escolas SESI em 19 estados do Brasil e no Distrito Federal, foram gerados relatórios de gráficos para cada uma das unidades federativas (ID_UF) - que não constam no presente documento pela limitação de espaço. Tais relatórios apresentam um recorte estadual permitindo a comparação dos resultados de todas as redes de ensino de cada estado.

3.3 CRITÉRIOS DE COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

Este estudo debruça-se exclusivamente sobre os dados da edição de 2017 do Saeb ensino médio. Participaram dessa edição todas as escolas públicas, urbanas ou rurais, que tinham pelo menos 10 alunos matriculados. Em relação às escolas privadas, o Inep definiu uma amostra de forma a garantir um resultado representativo por UF. No entanto, nessa última edição, foi autorizada a participação das escolas privadas de ensino médio mediante o pagamento de taxa de adesão. Com isso, um conjunto de escolas privadas

aderiu de forma voluntária. Foi o caso da Rede SESI, que teve a participação de 219 escolas de ensino médio de 19 estados e do Distrito Federal.

Em relação à análise dos dados da rede pública, 85% das matrículas do ensino médio estão na rede estadual, 2,7% na rede federal e apenas 0,5% na rede municipal. Tendo em vista o baixo percentual de matrículas da rede municipal e o fato dessa rede não ser responsável por ofertar o ensino médio, os resultados das escolas municipais não foram considerados na análise.

Como a análise se referia apenas a escolas que ofertam ensino médio, alguns filtros na análise dos dados do Saeb tiveram que ser feitos. Para a análise das respostas dos diretores, foram consideradas apenas as respostas dos gestores das escolas que tiveram os resultados dos alunos do ensino médio divulgados. Em relação à análise do questionário dos professores, havia um filtro que sinalizava a série para a qual o professor leciona. Já no caso dos alunos, as respostas foram divulgadas pelo Inep em duas bases de dados distintas: uma delas traz as escolas consideradas para o cálculo no nível do estado e do Brasil; a outra considera todas as escolas, mesmo que tenham tido baixa participação na avaliação e estejam com o código Inep não identificado. A análise realizada considerou a primeira base de alunos citada. Outro ponto que merece destaque é que a análise feita sobre as bases do Saeb indicou que, para 7 unidades da federação, os dados das escolas federais participantes do Saeb não constam na base de dados utilizada para o cálculo do resultado de cada UF e do Brasil. Dessa forma, as escolas desses estados não entraram no resultado nacional da rede federal apresentado no presente estudo. Os 7 estados citados são os seguintes: Rondônia, Tocantins, Rio Grande do Norte, Alagoas, Espírito Santo, São Paulo e Mato Grosso.

No caso da rede privada, foram consideradas unicamente as escolas selecionadas pela amostra Saeb, excluindo-se as que aderiram de forma voluntária. Com o peso amostral, garante-se que os resultados dessas escolas são representativos de cada UF e do Brasil.

Em 2017, a rede SESI tinha 58.478 alunos no ensino médio, distribuídos por 330 escolas nos 23 estados e no Distrito Federal. Participaram do Saeb 2017 apenas as escolas que tinham alunos concluintes no ensino médio. No total, foram 219 escolas participantes de 19 estados e do Distrito Federal.

Na tabela abaixo são apresentados o percentual e a quantidade de respondentes de cada um dos questionários para cada dependência administrativa analisada.

FIGURA 1 - Quantidade e percentual de respondentes dos questionários por rede de ensino

Quantidade e percentual de respondentes dos questionários por rede de ensino						
REDE	Questionário Alunos		Questionário Professores		Questionário Diretores	
	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%
SESI	10.418	0,18%	1.273	0,7%	210	1,5%
Privada	48.389	3,5%	3.918	2,1%	723	5,2%
Federal	3.365	0,2%	514	0,3%	31	0,2%
Estadual	1.307.520	94,9%	184.029	96,4%	12.910	92,3%
TOTAL	1.377.417	100%	190.976	100%	13.911	100%

Por fim, em relação às escolas SESI, o resultado nacional foi calculado com base nas médias simples dos resultados por unidade da federação, sem considerar a diferença do número de alunos participantes no Saeb entre as UFs. Desse modo, o viés resultante do padrão de distribuição das escolas SESI no país foi minimizado, de forma a garantir que a maior atuação do SESI nas regiões Sul e Sudeste não se configurasse como um fator que beneficiasse o resultado final do SESI.





4 PERFIL DOS ATORES ESCOLARES

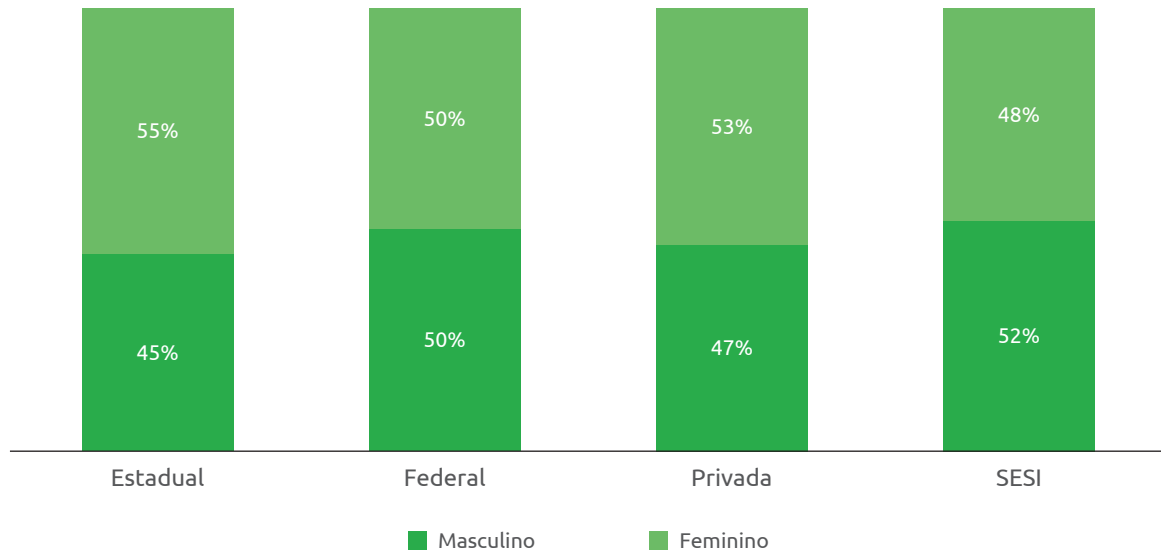
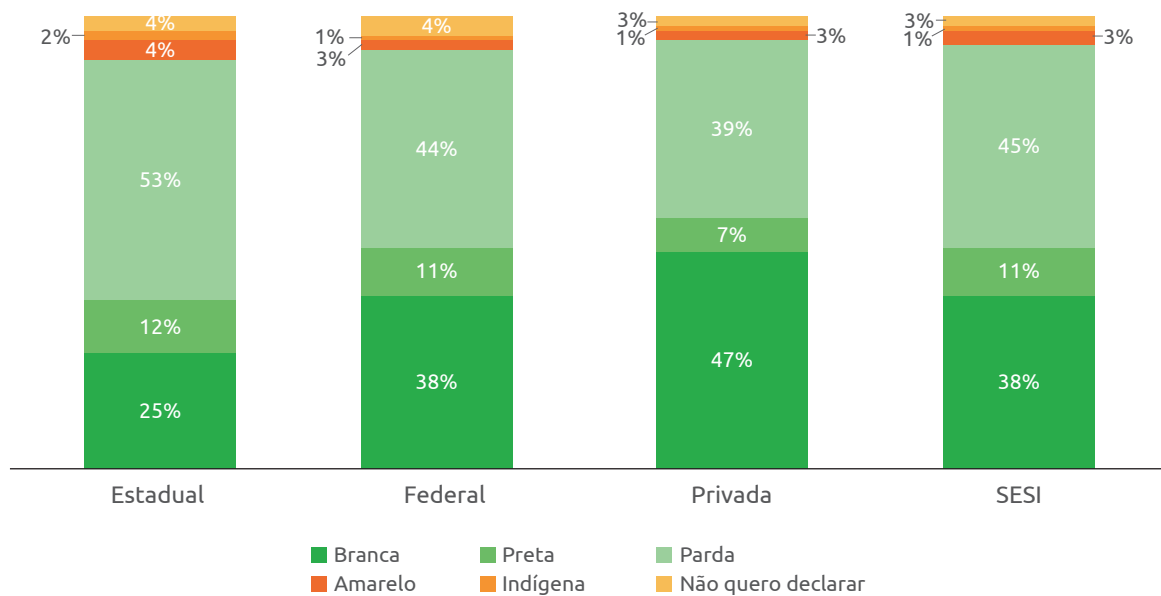
Saber quem frequenta, leciona e dirige uma instituição de ensino é fundamental para conduzir o projeto político pedagógico de acordo com as demandas específicas da comunidade escolar. No caso de uma rede inteira, isso é ainda mais importante, uma vez que ter dados precisos sobre o público em questão é primordial para a tomada de decisões estruturantes e estratégicas de maior escala. A seguir, será apresentado um conjunto de dados sobre o perfil dos estudantes, professores e diretores da rede SESI.

4.1 ALUNOS

A rede SESI é a única em que o gênero predominante dos estudantes é o masculino, com 52% de alunos, contra 48% de alunas. Na rede federal há um equilíbrio entre os dois sexos e nas redes privada e estadual o maior percentual é do sexo feminino.

Assim como na rede pública de ensino (estadual e federal), a cor parda é predominante nos alunos da rede SESI. A rede privada é a única rede em que o maior percentual de alunos são brancos (47%) e o percentual de pretos fica abaixo de 10%. As escolas estaduais apresentam o menor índice de alunos brancos (25%) e a maior parcela de alunos pretos entre as redes analisadas, como se observa no gráfico 1 a seguir.



GRÁFICO 1 - Qual o seu sexo?**GRÁFICO 2 - Qual é a sua cor ou raça?**

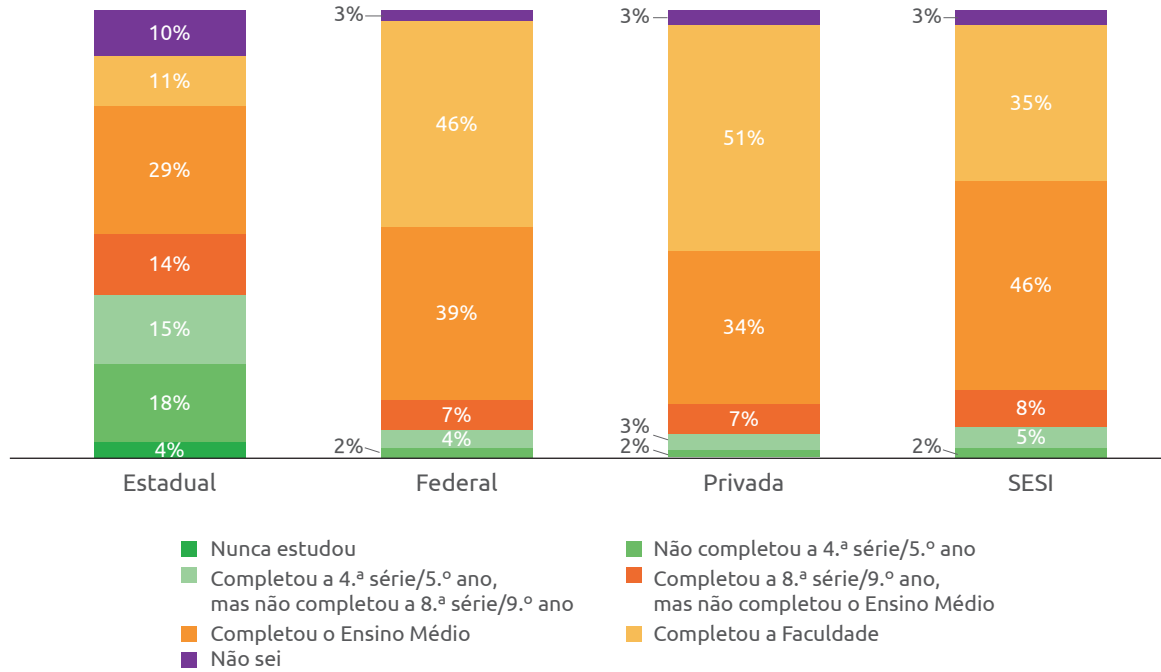
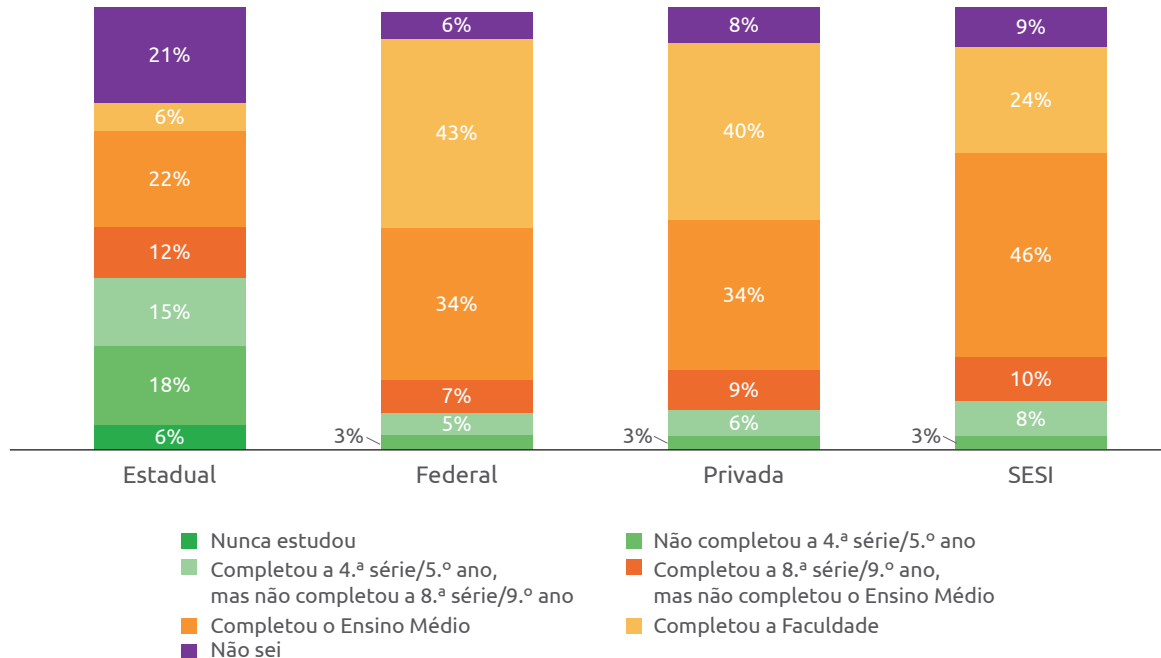
O nível de escolaridade dos pais e mães é um dado importante quando observamos o perfil dos estudantes de uma escola ou rede. Isso porque a literatura especializada, tanto nacional como internacional, mostra que os níveis educacionais dos pais têm impacto no rendimento escolar dos filhos e no quão longe eles vão na jornada de escolarização formal. A Síntese de Indicadores Sociais – Uma Análise das Condições de Vida da População

Brasileira, 2017, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por exemplo, indica que quando os pais não tinham nenhum nível de instrução, somente 4,6% dos filhos conseguiram concluir o ensino superior. Já entre aqueles cujos pais tinham ensino superior completo, 69,6% também concluíram a graduação. Alguns estudos sugerem ainda que a educação da mãe tem um peso maior que a do pai na escolaridade de crianças e adolescentes (SANTOS; MARIANO; COSTA, 2018).

Essa forte correlação entre a escolaridade dos pais e o desempenho dos filhos pode ser minimizada por um ensino de qualidade. É importante que alunos de baixo nível socioeconômico tenham acesso aos recursos necessários para ampliar o seu repertório cultural e a experiências ricas de aprendizagem, que lhes permitam sobrepor a carência de condições financeiras e a falta de estímulos do seu contexto social de origem.

Na rede SESI, somente 35% dos estudantes afirmam que suas mães possuem ensino superior completo. Esse cenário é bem mais favorável nas redes privada e federal, que contam com 51% e 46%, respectivamente, das mães com ensino superior completo. Isso significa que a rede SESI tem um desafio maior no sentido de garantir que os fatores intraescolares (como a qualidade dos professores e do material didático) possam atenuar os fatores extraescolares (por exemplo renda e escolaridade dos pais), de forma a diminuir o impacto do nível socioeconômico no desempenho dos alunos. Indubitavelmente, esse desafio é ainda maior na rede estadual, que conta com apenas 11% das mães com ensino superior. Chama a atenção também o fato de que, na rede estadual, um em cada dez alunos não sabe dizer até que série a mãe ou mulher responsável por ele estudou.

No caso da escolaridade dos pais, enquanto 24% dos pais dos alunos do SESI concluíram o ensino superior, nas redes privada e federal essa taxa é de 40% e 43%, respectivamente. Na rede estadual, esse percentual é de apenas 6%, e o total de alunos que não sabe até que série o pai ou o homem responsável estudou é ainda maior: 21%. Esse indicador ilustra questões importantes sobre as famílias brasileiras, em que muitas crianças são criadas apenas pelas mães, sem contato com os pais e, por essa razão, não sabem dizer qual a escolaridade deles.

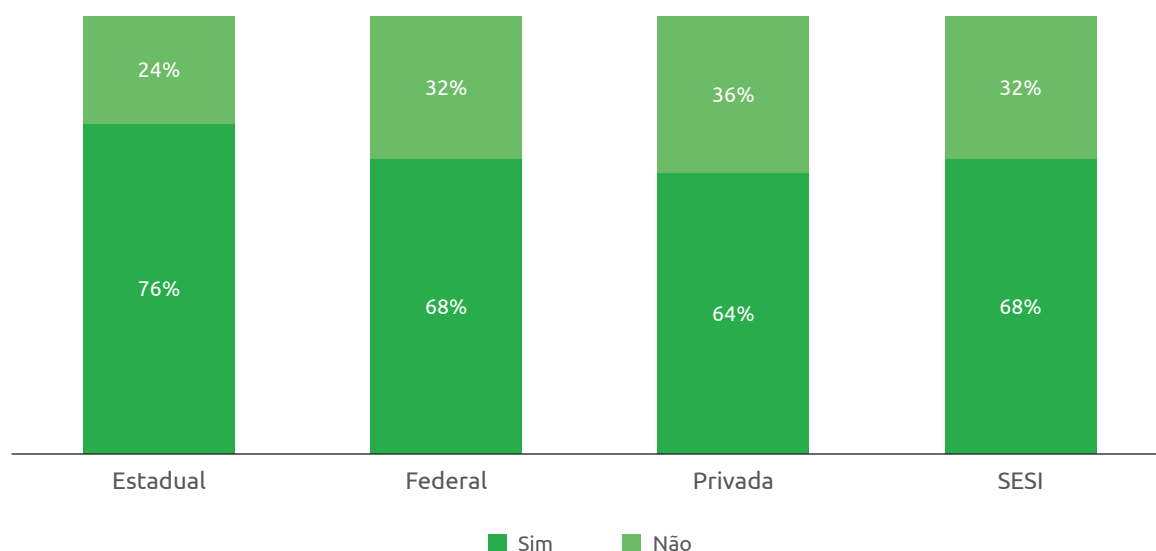
GRÁFICO 3 - Até que série sua mãe, ou a mulher responsável por você, estudou?**GRÁFICO 4** - Até que série seu pai, ou o homem responsável por você, estudou?

O domínio da língua portuguesa e da matemática é fundamental para a progressão escolar e posterior ascensão social. Para aprender geografia e história, por exemplo, é necessário que o aluno consiga ler e interpretar textos com desenvoltura. A linguagem matemática, por sua vez, com gráficos, estatísticas, porcentagens e linhas do tempo, perpassa diversas disciplinas.

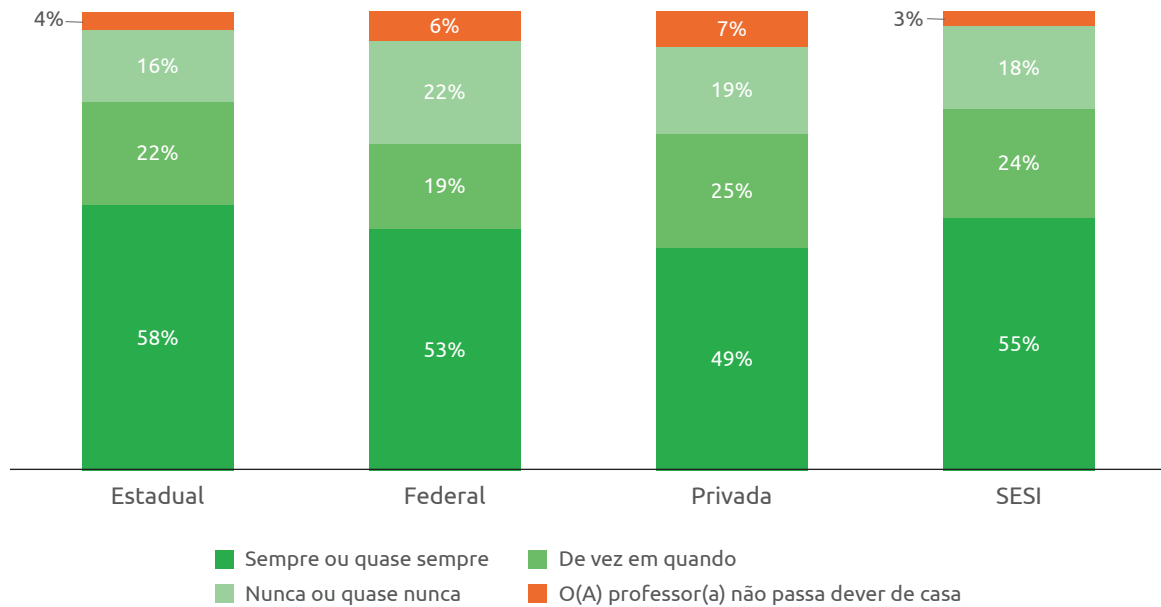
Não à toa, a proficiência nessas áreas do conhecimento é submetida periodicamente a testes de grande escala no país, como os que compõem o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), do Ministério da Educação (MEC). Também são avaliadas no *Programme for International Student Assessment (Pisa)*, da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), que acontece a cada 3 anos com alunos de 15/16 anos.

Por isso, a importância do gráfico 5, que mostra que a maior parte dos alunos da rede SESI afirma gostar de estudar os conteúdos de língua portuguesa. A taxa de 68% é igual à da rede federal e superior ao percentual da rede privada (64%), sendo inferior à taxa da rede estadual (76%).

GRÁFICO 5 - Você gosta de estudar língua portuguesa?



O engajamento dos estudantes também se expressa ao serem questionados sobre o dever de casa dessa disciplina. No SESI, a maioria (55%) diz “sempre ou quase sempre” fazer as tarefas de língua portuguesa - taxa maior do que a das redes privada (49%) e federal (53%). Além disso, os alunos do SESI são os que mais levam lição de português para casa - somente 3% afirmaram nunca terem dever de casa dessa disciplina. Essa é a menor porcentagem entre as redes de ensino. Na rede privada, por exemplo, o índice é de 7%.

GRÁFICO 6 - Você faz o dever de casa de língua portuguesa?

No caso de matemática, situação semelhante ocorre: 62% dos alunos do Sesi afirmam gostar de estudar a disciplina, percentual mais elevado do que as taxas das redes estadual (59%) e privada (56%), e pouco atrás da rede federal (65%). No caso da lição de casa de matemática, 56% dizem realizar "sempre ou quase sempre" e 24%, "de vez em quando". O percentual de alunos que diz "nunca ou quase nunca" fazer dever de casa é o menor dentre as redes analisadas (18%), contra 19% da rede estadual, 21% da rede privada e 23%, da federal. Novamente, a rede Sesi registra o menor percentual de estudantes que dizem que "o(a) professor(a) não passa dever de casa": 1%.

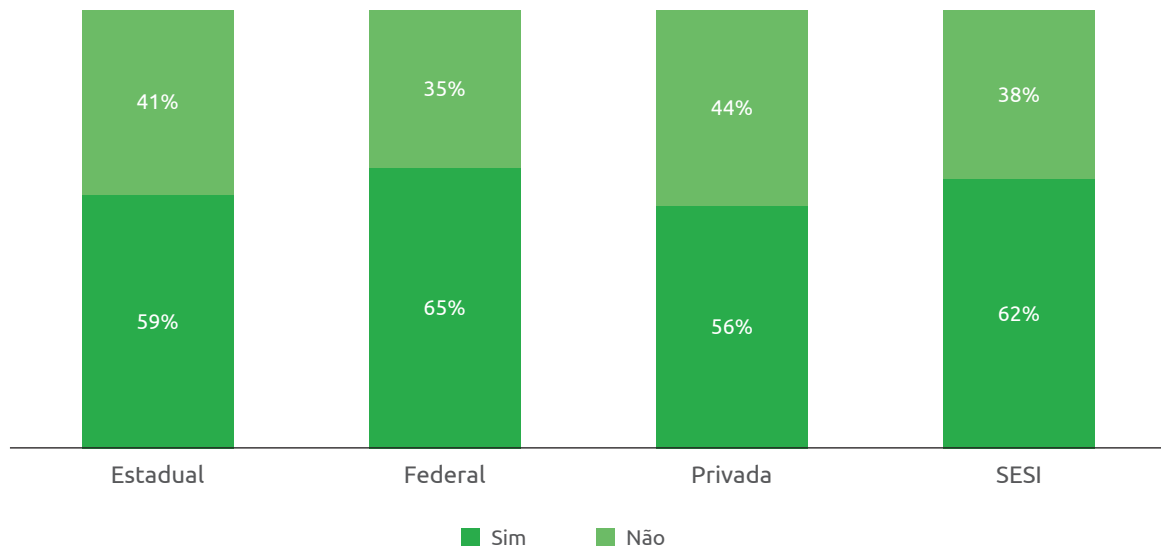
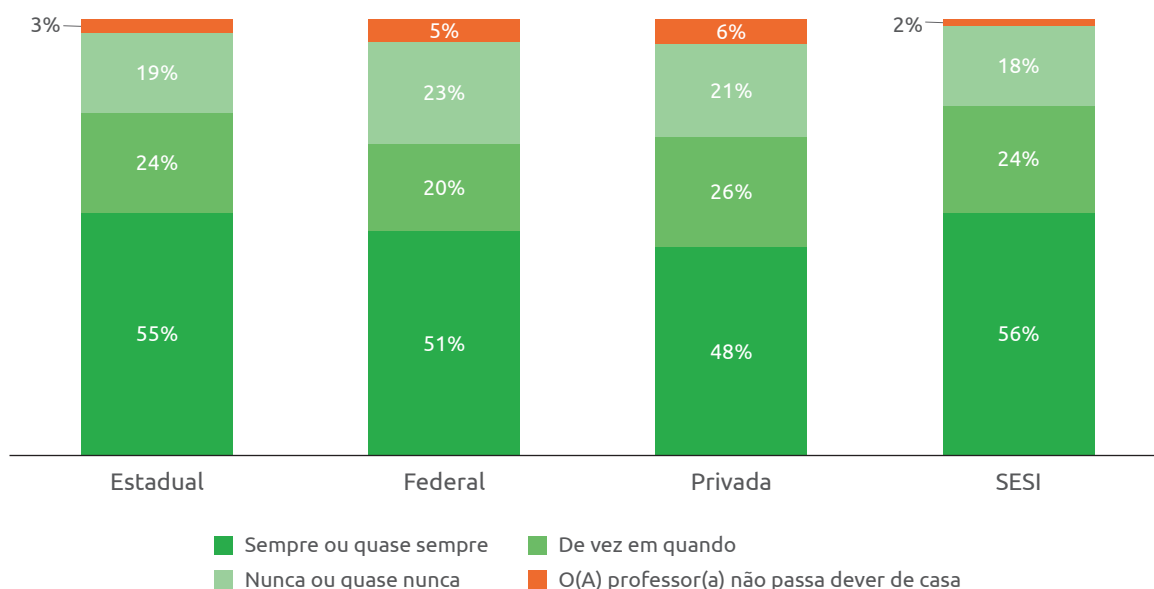
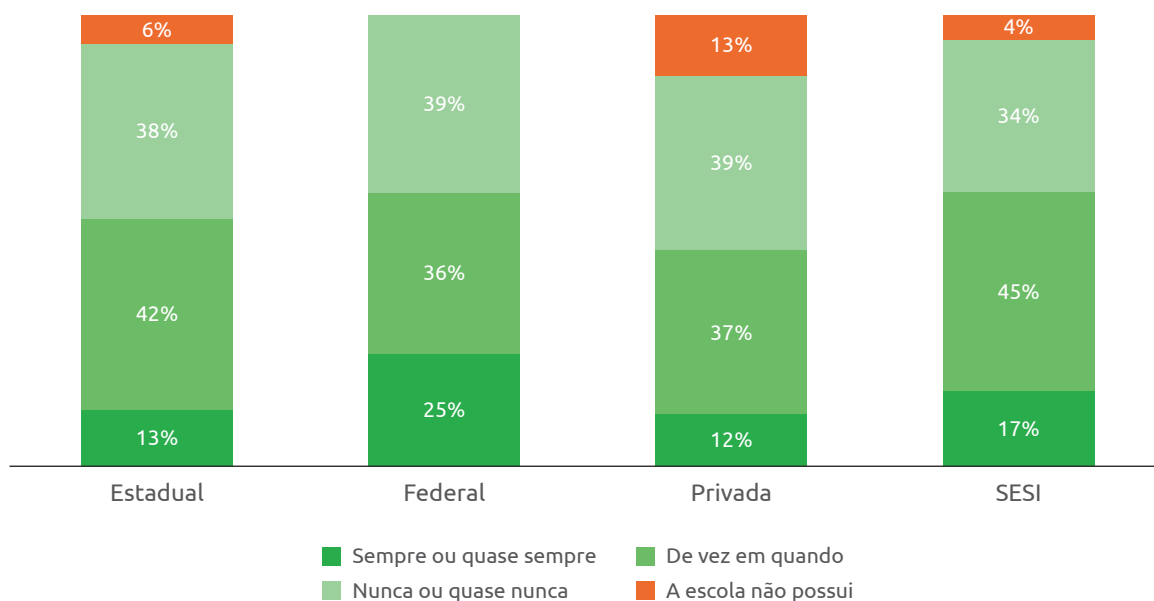
GRÁFICO 7 - Você gosta de estudar matemática?

GRÁFICO 8 - Você faz o dever de casa de matemática?

Já em relação à infraestrutura das escolas, na rede SESI, 62% do alunado afirma frequentar a biblioteca ou sala de leitura com uma certa frequência. A taxa daqueles que afirmam ir “sempre ou quase sempre” é de 17%, superior às das redes privada (12%) e estadual (13%), mas inferior à da rede federal (25%).

É importante pontuar também que apenas 4% dos estudantes da rede SESI declararam não haver esse tipo de espaço em suas unidades de ensino. Na rede privada, o percentual é mais do que o triplo, 13%, enquanto na estadual é de 4%. Na federal, todos os alunos disseram que há bibliotecas, ainda que 39% “nunca ou quase nunca” frequentem o local.

GRÁFICO 9 - Você utiliza a biblioteca ou sala de leitura da sua escola?

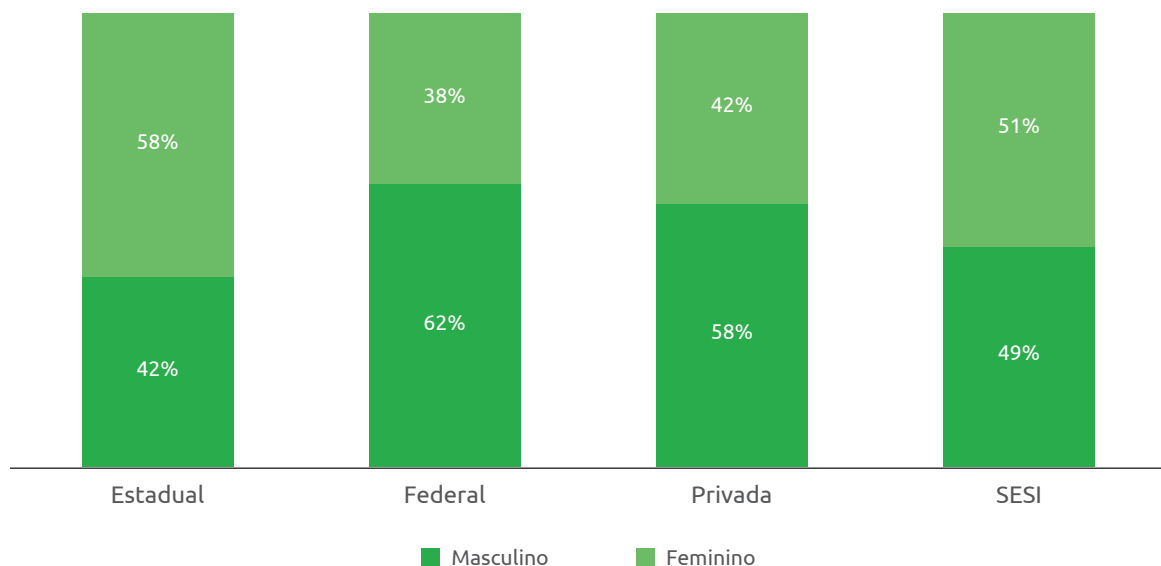
4.2 PROFESSORES

O professor é o fator escolar que mais impacta a aprendizagem dos estudantes. Ao longo de 20 anos, John Hattie, pesquisador da Universidade de Melbourne, na Austrália, e sua equipe realizaram uma meta-análise cruzando informações de mais de 50 mil estudos (envolvendo mais de 250 milhões de estudantes) sobre os fatores que mais impactam o desempenho dos alunos. A pesquisa, chamada *The Visible Learning* (2011), chegou a uma lista de 150 itens, e um veredito: a eficácia do professor é fator mais importante para se atingir bons resultados.

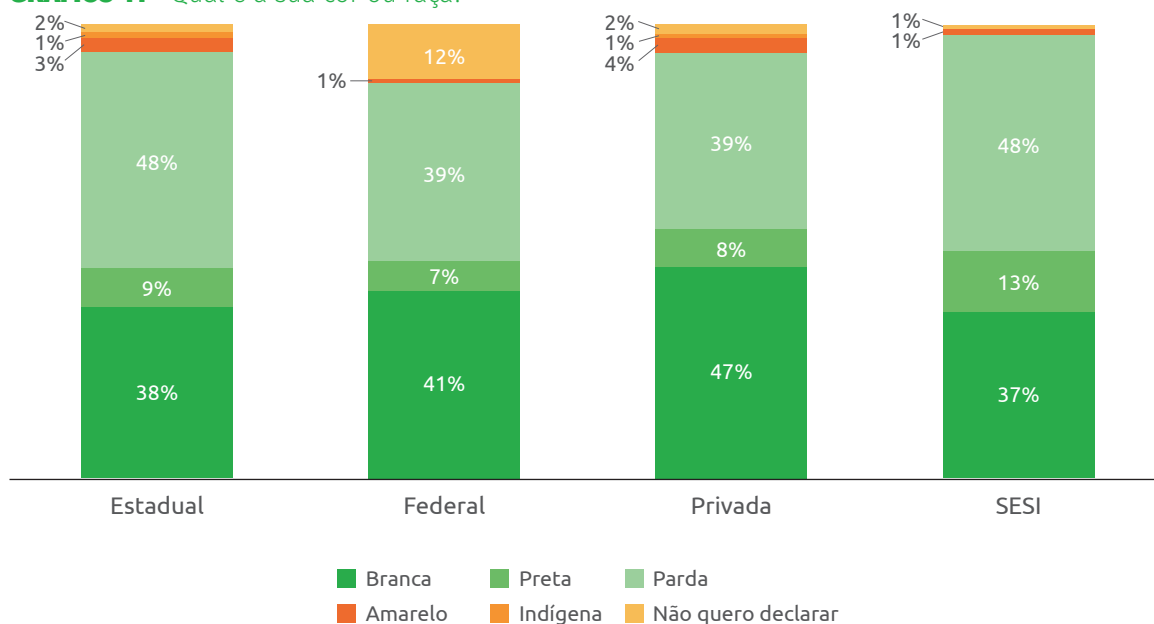
Tendo em vista essa importante evidência científica, é fundamental entender a fundo quem são os professores, o que pensam, quais são suas aspirações e necessidades de desenvolvimento profissional. E, a partir desse conhecimento, pensar em políticas públicas e estratégias de gestão escolar que possam desenvolvê-los.

Nas escolas SESI, há um equilíbrio entre a presença de professores do sexo masculino e feminino, com uma pequena vantagem para o segundo (51%). Além da rede SESI, a rede estadual também apresenta a maior parte de seu corpo docente formada por mulheres (58%) – na federal e privada, os homens são maioria.

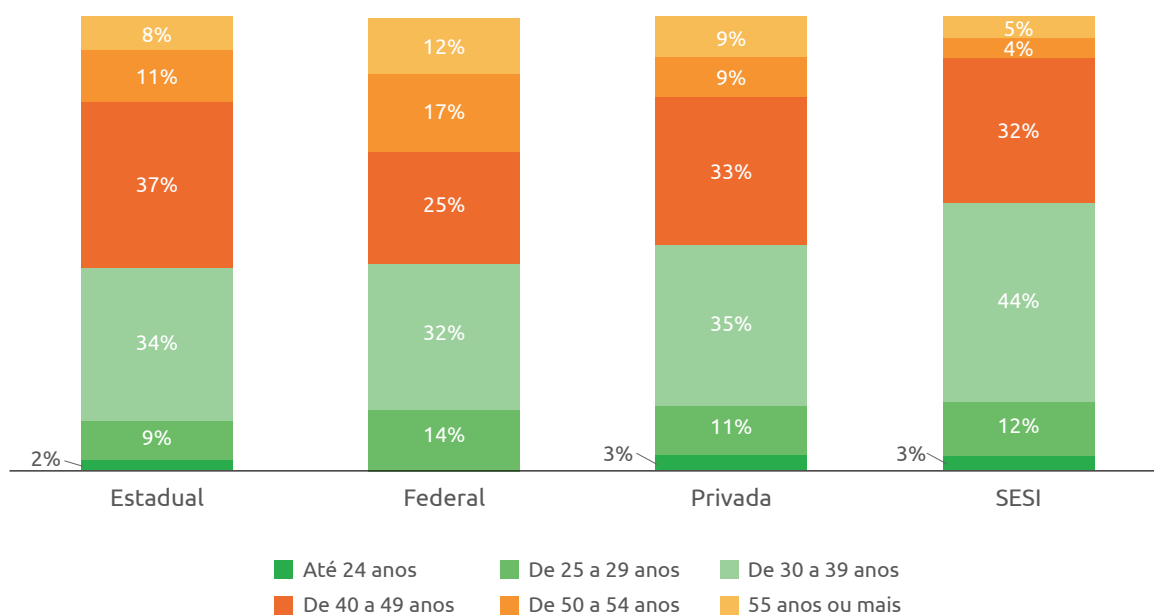
GRÁFICO 10 - Qual é o seu sexo?



Quanto à raça, observa-se que na rede SESI há maior diversidade em relação às demais redes. O percentual de professores pretos e pardos é maior até do que na rede pública: 13% dos docentes SESI declaram ser pretos e 48%, pardos. Na rede estadual, por exemplo, 9% dos educadores são pretos. Na rede privada, essas taxas são de 8% para pretos e 39% para pardos e, na federal, de 7% e 39%, respectivamente, como se observa a seguir.

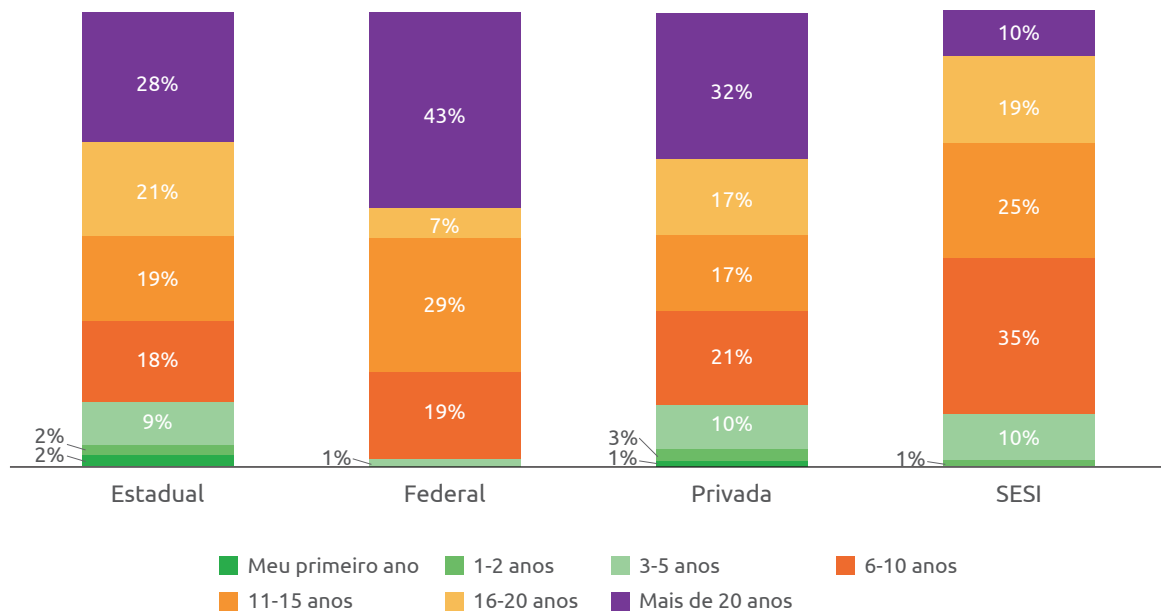
GRÁFICO 11 - Qual é a sua cor ou raça?

Os professores das escolas SESI têm uma média de idade relativamente baixa, fazendo com que a rede apresente o corpo docente mais jovem entre as redes analisadas: 59% dos educadores que atuam nas escolas SESI têm até 39 anos. Quando se observa a faixa etária que concentra os docentes mais velhos, a rede SESI também registra o menor percentual: apenas 5% deles têm 55 anos ou mais. Uma hipótese que poderia ser investigada em estudos posteriores é o quanto esse perfil mais jovem está associado ao desenvolvimento e implementação de ações inovadoras nas escolas SESI (item em que a rede se destaca, com uso de metodologias e recursos pedagógicos diversos, vide capítulo 7. Práticas Pedagógicas).

GRÁFICO 12 - Você poderia nos dizer a sua faixa etária?

O fato de os educadores da rede Sesi serem mais jovens tem, como consequência direta, um baixo percentual com mais de 20 anos de carreira lecionando nessas escolas – o índice é de 10%, o menor entre as redes analisadas. Na rede privada, 32% dos professores atuam há mais de 20 anos; na federal, o índice chega a 43%. Já na rede Sesi, quase metade dos professores (46%) tem até 10 anos de carreira.

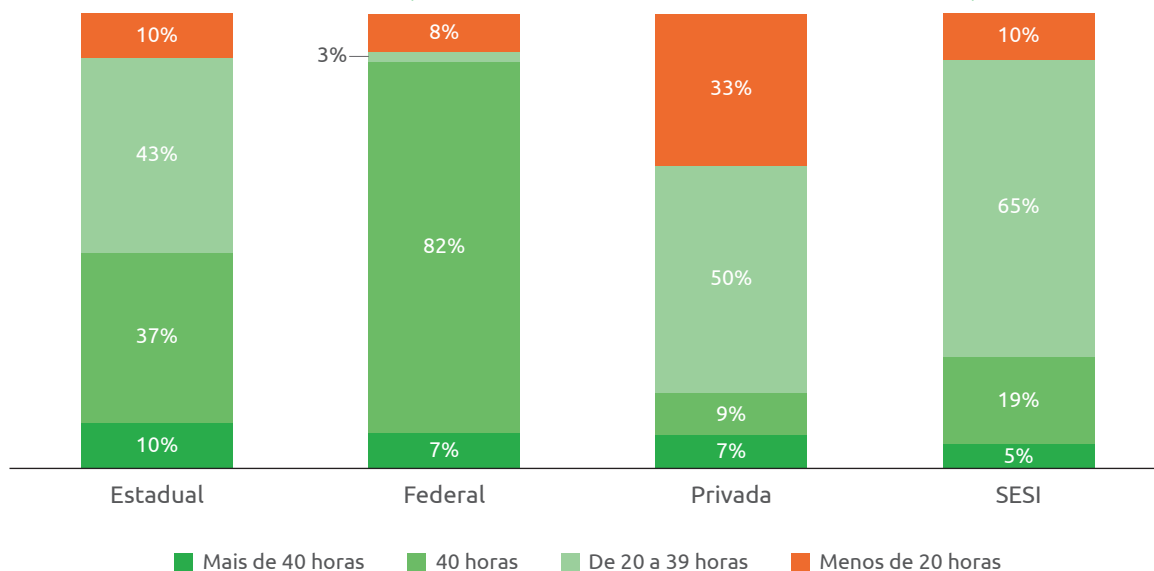
GRÁFICO 13 - Há quantos anos você trabalha como professor?



Em termos de carga horária de trabalho, há grande variação entre as redes. Na federal, por exemplo, a maioria dos professores trabalha com dedicação exclusiva. O percentual dos que têm contrato de 40h semanais chega a 82% - percentual muito maior do que o observado nas demais redes. Esse é um diferencial que impacta o desempenho dos alunos, pois a garantia do contrato de 40 horas amplia a capacidade de dedicação do docente ao trabalho pedagógico e possibilita a destinação de um terço da carga horária para a hora-atividade, condição fundamental para a melhoria do planejamento didático. Além disso, a possibilidade de trabalhar em apenas uma escola, possibilita ganhos para a qualidade de vida do professor. Outro fator importante da dedicação exclusiva é o desenvolvimento de uma relação de pertencimento com a escola, que facilita a integração e colaboração entre os atores escolares e destes com os pais dos alunos e a comunidade.

Nessa perspectiva, tanto o Sesi como a rede privada deveriam desenvolver estratégias para ampliar a carga horária dos professores. Na rede Sesi, apenas 19% têm contrato de 40 horas e na rede privada essa taxa é de apenas 9%. A maioria dos professores do Sesi (65%) têm uma carga horária entre 20 e 39 horas. Apenas 10% trabalham menos que 20 horas – na rede privada, esse índice chega a 33%.

GRÁFICO 14 - Nesta escola, qual a sua carga horária semanal? (Considere a carga horária contratual: horas-aula mais horas para atividades, se houver. Não considere aulas particulares)

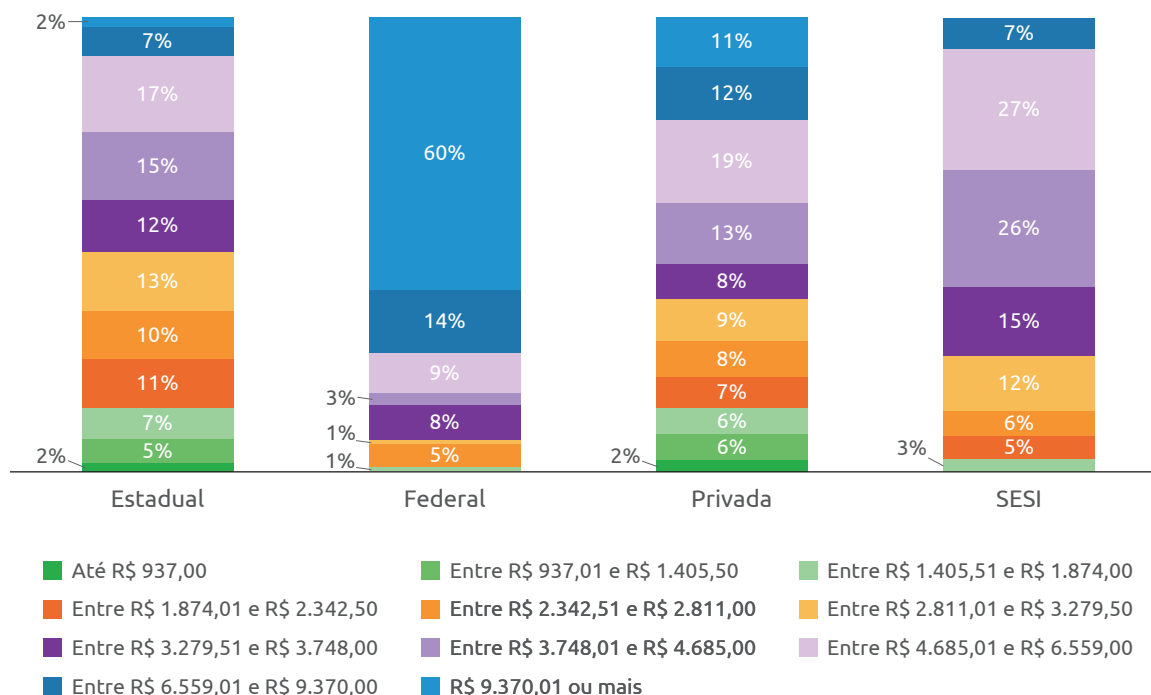


Quando se analisa a média salarial docente entre as redes, 60% dos professores da rede SESI ganham, no mínimo, R\$ 3.748,01 - valor superior ao piso nacional docente, reajustado para R\$ 2.557,74 em 1º de janeiro de 2019. Os dados indicam que 27% deles recebem entre R\$ 4.685,01 e R\$ 6.559,00, um índice mais elevado que o da rede privada para essa faixa salarial, que é de 19%, e da rede estadual, que registra 17%. O destaque nesse item é da rede federal em que 60% dos professores ganham R\$9.370,00 ou mais por mês.

A remuneração é um fator de bastante relevância para aumentar a atratividade da carreira docente no Brasil. Estudo do Iede⁶, de 2018, mostra que somente 3,3% dos estudantes de 15 anos do país desejam ser professores e, o que é mais preocupante, eles tiveram desempenho no Pisa 2015 inferior à média geral dos alunos. A pesquisa Escolha ocupacional pelo magistério: por que muitos bons alunos não se tornam professores?, realizada em 2014 pela Fundação Lemann, Universidade Federal Fluminense (UFF) e Fundação Getúlio Vargas (FGV), aponta que, entre os concluintes de licenciatura que *não* desejam seguir a carreira docente, 66,2% tem como justificativa “porque o piso salarial do magistério público é baixo”. E, de fato, em 2018, o rendimento médio dos professores da Educação Básica correspondia a 69,8% do salário médio de profissionais com curso superior, segundo dados do Anuário Brasileiro da Educação Básica 2019, do Movimento Todos pela Educação.

⁶ Fonte: estudo *O perfil dos Jovens que Esperam ser Professores*, do Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede).

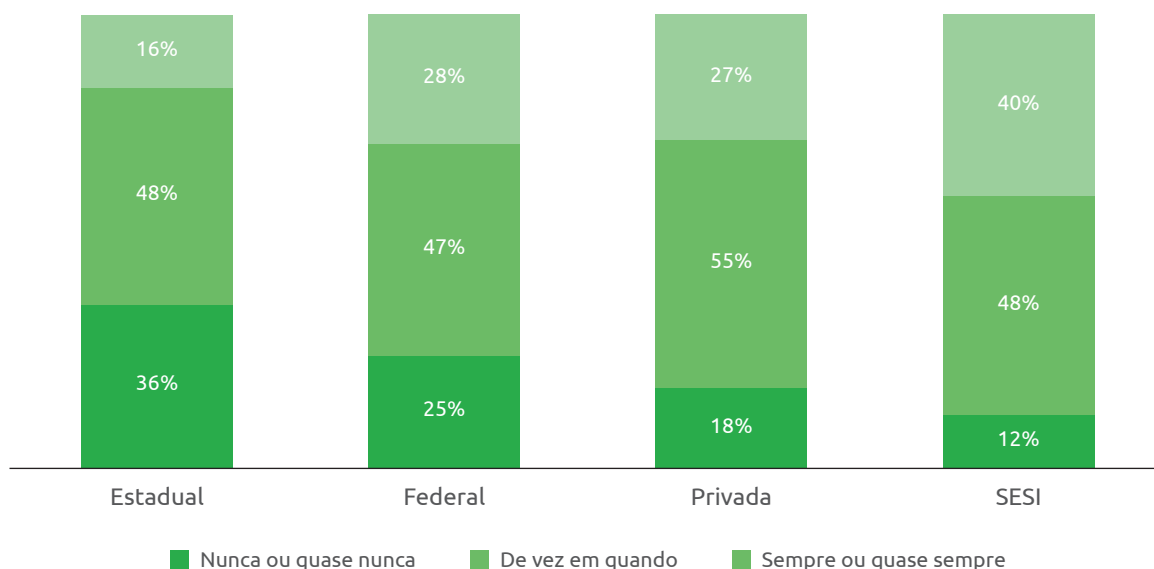
GRÁFICO 15 - Como professor, qual é, aproximadamente, o seu salário bruto? (com adicional, se houver).



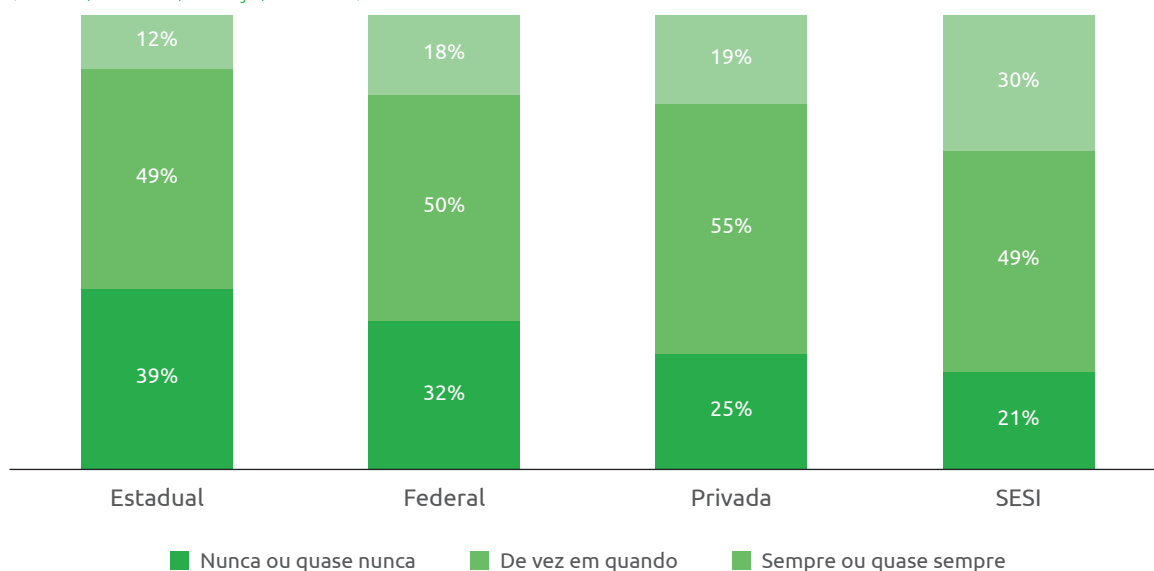
Hábitos culturais enriquecem a visão de mundo do educador o que, inevitavelmente, acaba por impactar na sala de aula. Mas, para além dessa ampliação de repertório, tais atividades são importantes para a saúde física e emocional do professor. Para que ele consiga exercer o seu papel de forma eficaz, não basta que tenha conhecimento da disciplina, é necessário que se sinta motivado, acredite no seu potencial de transformação, esteja sadio e tenha qualidade de vida.

Apenas para ilustrar, uma pesquisa informal da Associação Nova Escola, feita em 2018 de forma online com cerca de 5 mil docentes, mostrou que 66% deles já precisaram pedir afastamento das suas funções por problemas de saúde. Além disso, 87% creem que o trabalho causou ou piorou o problema de saúde em questão.

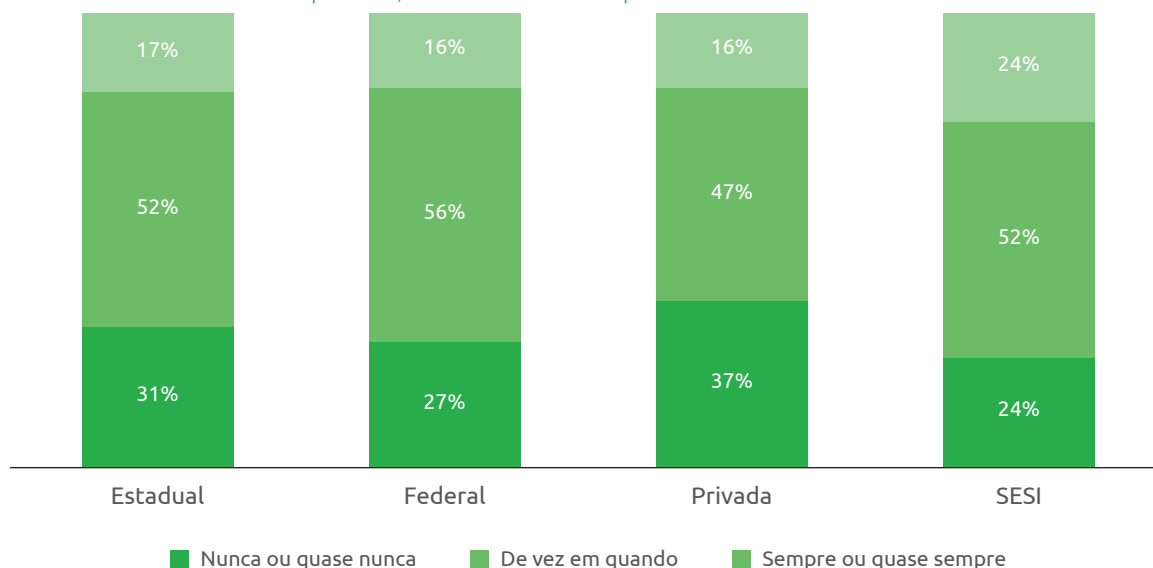
Assim, atividades como ir ao cinema, teatro e outras similares são importantes para garantir uma melhor qualidade de vida. Como se observa nos gráficos subsequentes, 40% dos docentes da rede SESI afirmam ir ao cinema “sempre ou quase sempre” – percentual expressivamente superior ao das demais redes. As redes privada e federal têm índices similares: 27% e 28%, respectivamente. Já na rede estadual somente 16% dos professores dizem que vão ao cinema com essa regularidade.

GRÁFICO 16 - Em seu tempo livre, você costuma: ir ao cinema.

A grande maioria dos educadores da rede SESI também costuma frequentar espetáculos culturais como exposições, apresentações de dança, peças de teatro ou shows de música: 30% sempre realizam esses programas. Esse índice é superior ao de todas as outras redes de ensino.

GRÁFICO 17 - Em seu tempo livre, você costuma: ir a algum tipo de espetáculo ou exposição (teatro, museu, dança, música).

O corpo docente SESI também frequenta bibliotecas assiduamente, o que é positivo, pois podem incentivar seus alunos a adquirirem o mesmo hábito, além de incluírem essa atividade na rotina escolar: 52% afirmam ir a esses espaços “de vez em quando”, enquanto 24% vão “sempre ou quase sempre”. Tais índices são maiores do que os registrados pela rede privada, que apresenta, respectivamente, 47% e 16%.

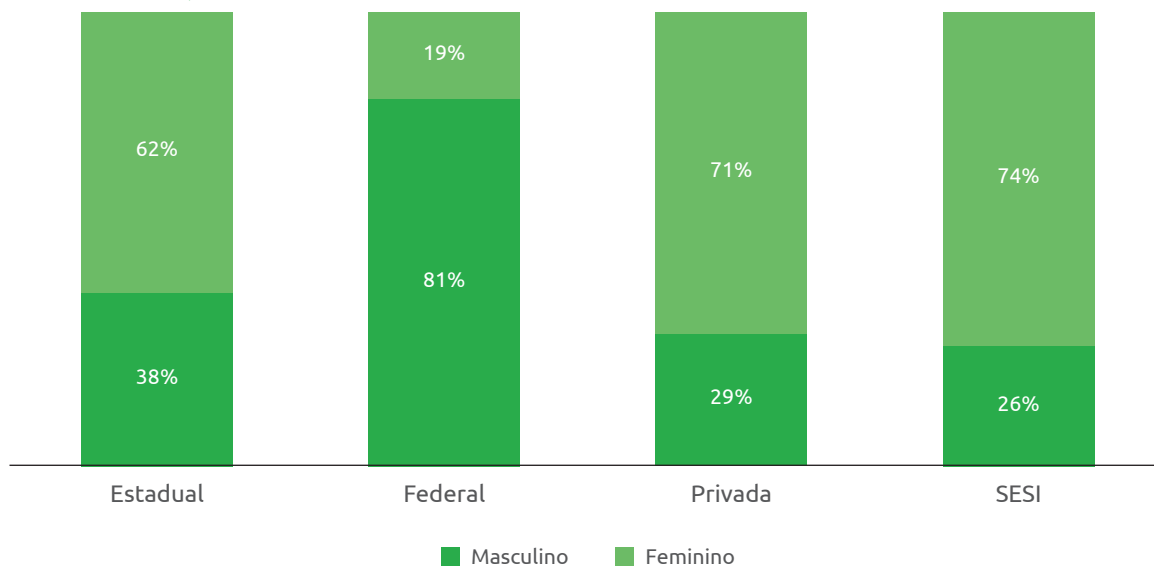
GRÁFICO 18 - Em seu tempo livre, você costuma: frequentar bibliotecas.

4.3 DIRETORES

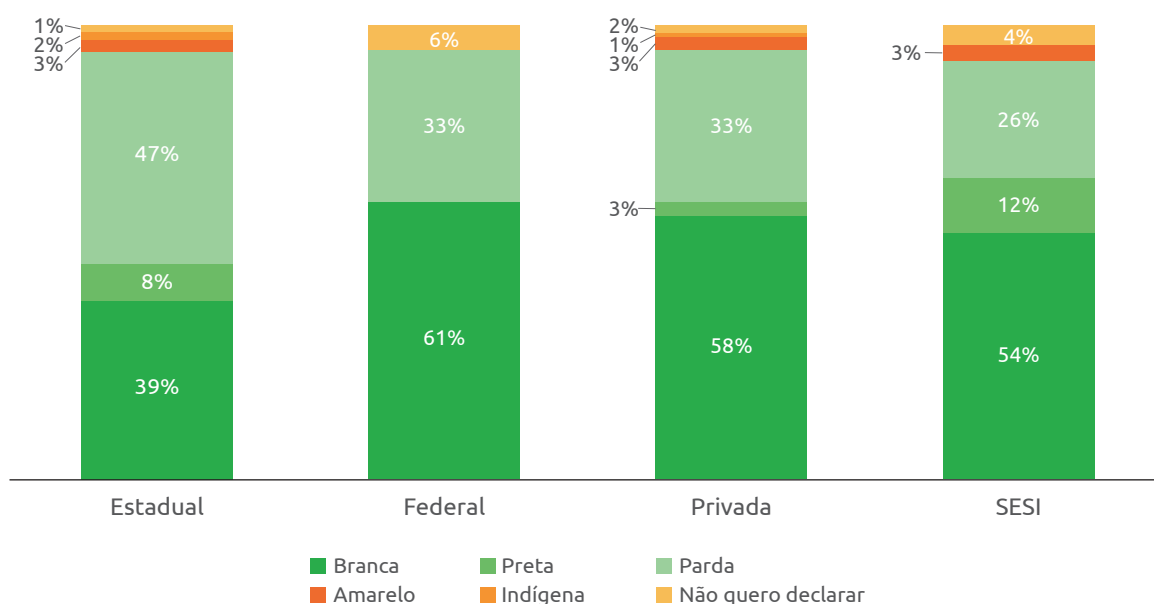
A gestão de uma escola é uma tarefa de grande complexidade, pois exige do diretor ou diretora uma combinação de habilidades e competências que permitam a ele/ela realizar de forma eficaz múltiplas funções:

- administrar a instituição, cuidando de prazos, verbas e organizando a rotina escolar de acordo com as normas estabelecidas pela legislação nacional e local;
- apoiar o trabalho docente, zelando para que o projeto de ensino da escola seja seguido;
- elaborar formações continuadas que atendam às necessidades de desenvolvimento da equipe, bem como pensar em soluções que contribuam para melhorar a aprendizagem dos estudantes;
- cuidar da relação entre a escola e a comunidade, observando as demandas específicas do território e engajando as famílias dos estudantes.

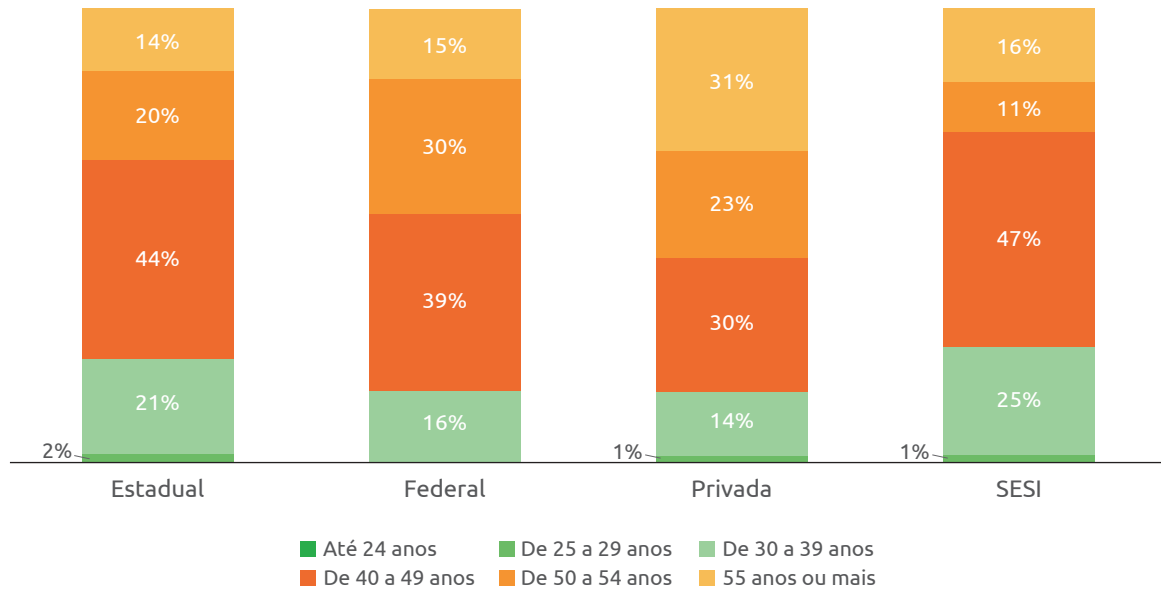
De modo geral, os diretores das unidades de ensino da rede SESI apresentam características similares àquelas registradas pelo seu corpo docente. No comando das unidades, a maioria é do sexo feminino: 74%. Situação semelhante ocorre nas redes estadual (62%) e privada (71%). Apenas a rede federal destoa desse quadro, alcançando a taxa de 81% dos cargos de diretoria ocupados por homens, como se vê no gráfico subsequente.

GRÁFICO 19 - Qual é o seu sexo?

Há também mais diversidade étnica entre os diretores SESI. Enquanto 12% se autodeclararam pretos, na rede privada, o total é de 3% e na estadual, 8%. Na rede federal não há diretores que se autodeclaram da raça preta.

GRÁFICO 20 - Qual é a sua cor ou raça?

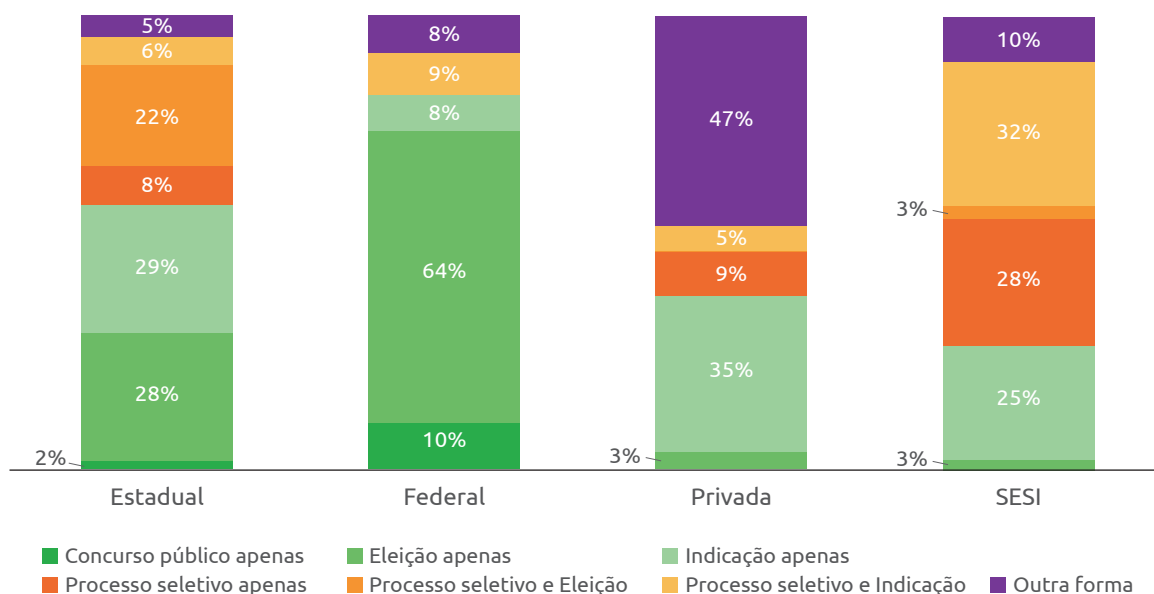
Assim como ocorre no quadro docente, os diretores da rede SESI são mais jovens que os profissionais na mesma posição nas demais redes. A grande maioria (72%) tem até 49 anos e 25% têm até 39 anos. Este é o maior percentual dentre as redes de ensino analisadas. A faixa etária entre 40 e 49 anos é a que concentra a maior parte dos diretores em todas as redes analisadas, com porcentagens que vão de 30% na rede privada a 47% nas escolas SESI.

GRÁFICO 21 - Você poderia nos dizer a sua faixa etária?

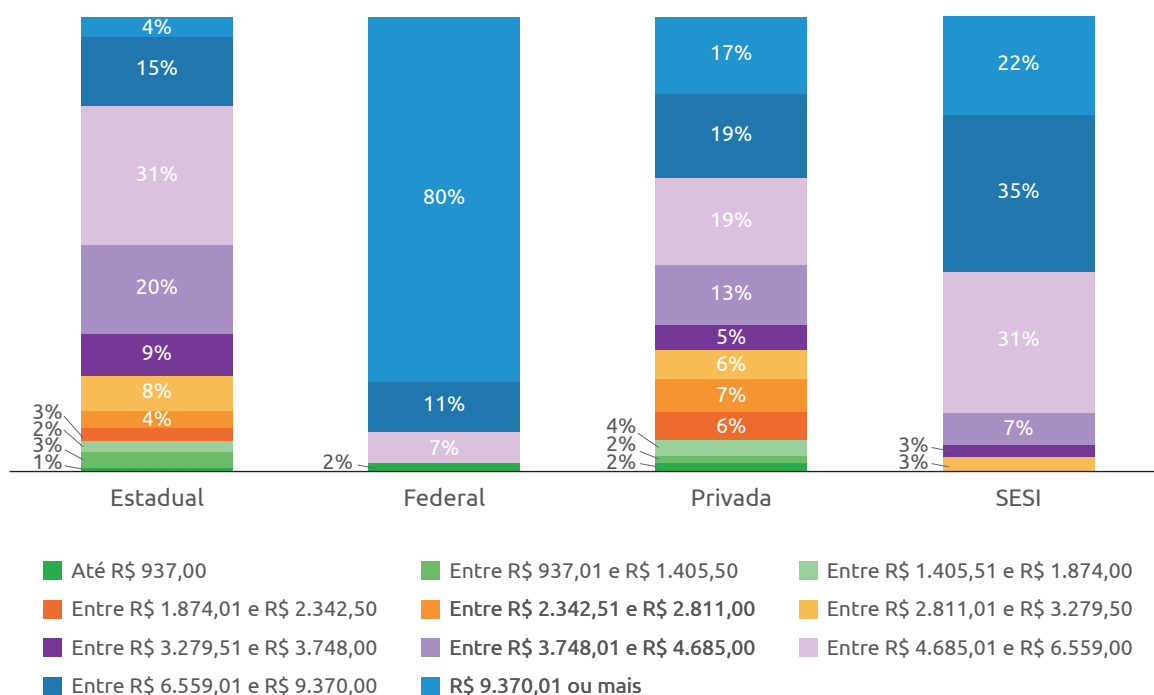
Os dados apontam para um fator bastante positivo referente à forma com que os diretores ocupam seus cargos na rede SESI: 28% deles chegaram a essa posição por meio de processo seletivo como única forma de promoção. É a maior média entre as redes avaliadas, em um patamar muito superior em relação às outras: 9% na privada, 8% na rede estadual, 0% na federal.

Tal dado é relevante porque é uma maneira de garantir a gestão democrática das unidades de ensino, como consta no Plano Nacional de Educação (PNE) em vigência, que tem caráter de lei federal. A meta 19 do documento afirma que a gestão democrática na educação deve ser “associada a critérios técnicos de mérito e desempenho e à consulta pública à comunidade escolar”. A indicação política de gestores, muito comum na rede pública, é bastante criticada na literatura nacional sobre o tema.

Observando a taxa de diretores empregados por meio de uma combinação entre processo seletivo e indicação, a rede SESI registra 32%, novamente a maior proporção entre as redes observadas: 9% na federal, 6% na estadual e 5% na privada.

GRÁFICO 22 - Você assumiu a direção desta escola por meio de:

No que tange à remuneração, é possível observar que 57% dos diretores da rede SESI ganham acima de R\$ 6.559,01. No geral, o salário bruto da rede é considerado alto quando se observa as redes estadual e privada, ficando abaixo apenas da renda dos diretores das escolas federais, que registram 80% dos seus gestores com ganhos acima de R\$ 9.370,01. Nessa faixa salarial, a rede SESI tem 22% dos gestores.

GRÁFICO 23 - Como diretor, qual é, aproximadamente, o seu salário bruto (com adicionais, se houver).



5 FORMAÇÃO INICIAL



5.1 PROFESSORES

A formação docente é uma questão estruturante para a qualidade da educação. Quanto mais preparado o docente, entende-se que melhores serão suas práticas pedagógicas em sala de aula e, por consequência, também os resultados de aprendizagem dos estudantes.

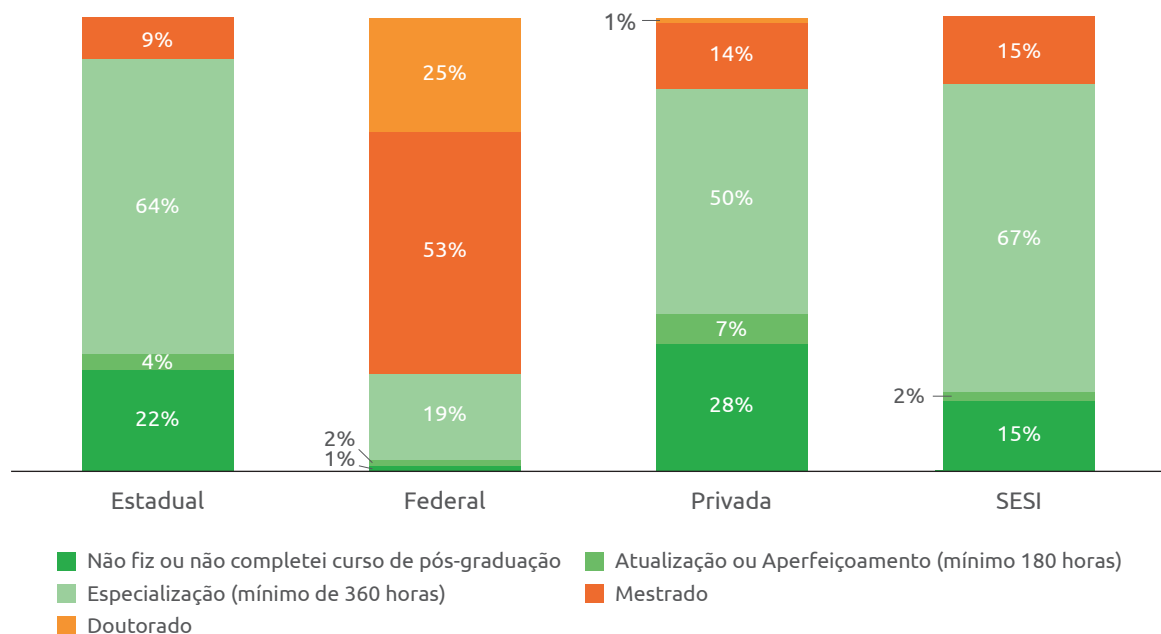
No Brasil, o Art. 62 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), legislação que rege todo o sistema de ensino do país, determina que os professores tenham formação no ensino superior em cursos de pedagogia e/ou licenciatura. São admitidos os cursos em nível médio, na modalidade normal, apenas para aqueles que lecionam na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental. Apesar de constar na legislação, o Brasil ainda caminha para a universalização da taxa de docentes com curso superior. De acordo com o Observatório do Plano Nacional de Educação (PNE), com base em dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), 78,3% dos professores que atuam na educação básica possuem diploma de ensino superior. O Plano Nacional de Educação (PNE) estabelece que esse percentual chegue a 100% em 2024, quando termina a vigência do plano.

Ter ensino superior, entretanto, não significa que o professor tem formação adequada. De acordo com o Indicador de Adequação da Formação Docente 2018, do Inep, somente 51,7% dos professores dos anos finais do ensino fundamental possuem curso de licenciatura (ou bacharelado com complementação pedagógica) na mesma área da disciplina que leciona. No ensino médio, 61,9%.

No caso da pós-graduação, o PNE estipula que metade dos professores tenha concluído cursos desse tipo até 2024. Hoje, considerando os profissionais de todas as etapas da educação básica, esse percentual está em 36%. No ensino médio, especificamente, as redes já superam a meta. No Sesi, 67% dos educadores concluíram cursos de especialização (carga horária mínima de 360 horas). Na rede privada são 50% e na estadual, 64%. Quadro semelhante ocorre com a quantidade de educadores com mestrado. Enquanto 15% dos docentes que atuam nas escolas Sesi possuem essa titulação, na rede privada essa taxa é de 14% e, na estadual, de 9%.

Nas escolas federais, mais da metade do corpo docente concluiu o mestrado, enquanto ¼ chegou ao doutorado. Isso se explica porque no sistema federal de ensino, que inclui as universidades, as exigências de titulação e atuação obedecem a outras dinâmicas, seleções e modelos de carreira – normalmente, mais exigentes.

GRÁFICO 24 - Indique o curso de pós-graduação de mais alta titulação que você possui.

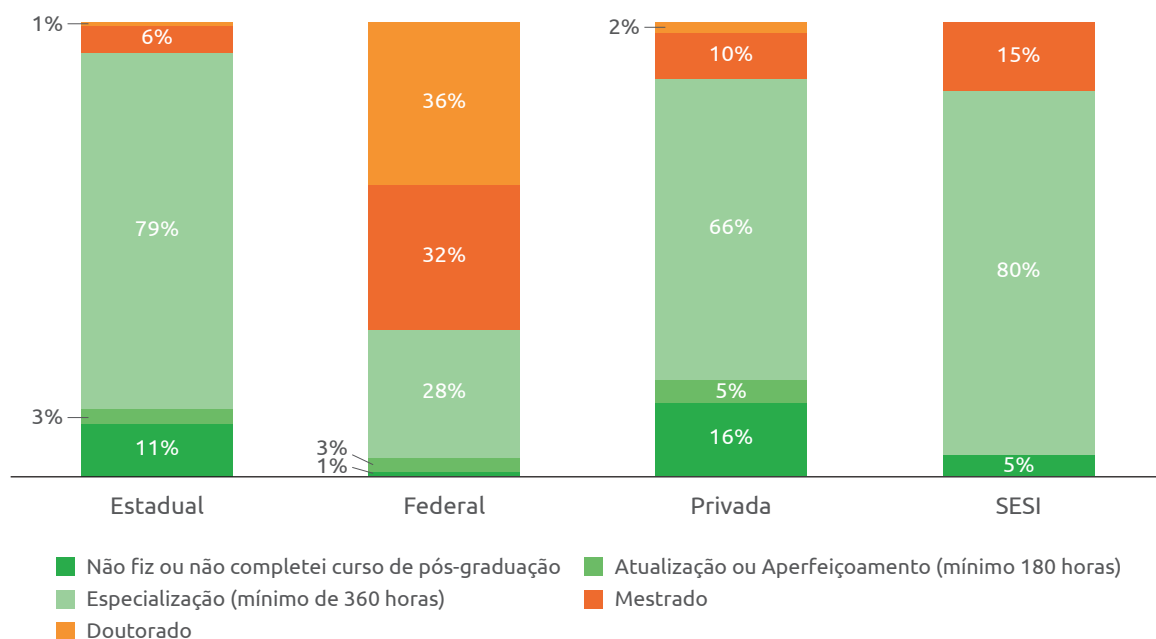


5.2 DIRETORES

Assim como ocorre com o quadro docente da rede SESI, os diretores também têm mais mestrados e especializações do que aqueles que atuam nas redes estadual e privada. Os dados mostram que 80% dos gestores das unidades SESI possuem alguma especialização, ao passo que esse número é de 66% para a rede privada e de 79% para a estadual.

Em relação ao mestrado, enquanto 15% dos diretores do SESI alcançaram essa titulação, esse percentual é de 6% e 10% para as redes estadual e privada, respectivamente.

GRÁFICO 25 - Indique o curso de pós-graduação de mais alta titulação que você possui





6 FORMAÇÃO CONTINUADA



A formação continuada é fundamental para o aperfeiçoamento do professor. Além de ser um momento de atualização e de troca, em que o educador tem acesso a práticas inovadoras e pode aprender com as experiências e trajetórias pedagógicas dos colegas, a formação continuada, muitas vezes, cumpre o papel de suprir deficiências da formação inicial. A pesquisa Profissão Professor (2018), do Itaú Social e do Movimento Todos pela Educação, revela, por exemplo, que um a cada três educadores “discorda totalmente” que a formação inicial os preparou para os desafios da docência. Além disso, 43% dizem que o tópico “gestão da sala de aula” não foi bem trabalhado.

Em um cenário em que 61% dos ingressantes em cursos de pedagogia, em 2017, estavam na modalidade a distância (EAD)⁷, a formação continuada acaba por ganhar ainda mais relevância. O Brasil, todavia, ainda carece de uma política nacional de formação continuada para os profissionais da educação. Apesar de ser uma das exigências da meta 15 do Plano Nacional de Educação (PNE), os parâmetros de criação e implementação de uma estratégia de âmbito federal, em regime de colaboração com estados e municípios, ainda não foram definidos. As escolas e redes de ensino, tanto públicas quanto privadas, realizam atividades de formação continuada de acordo com suas demandas específicas e seus projetos políticos pedagógicos.

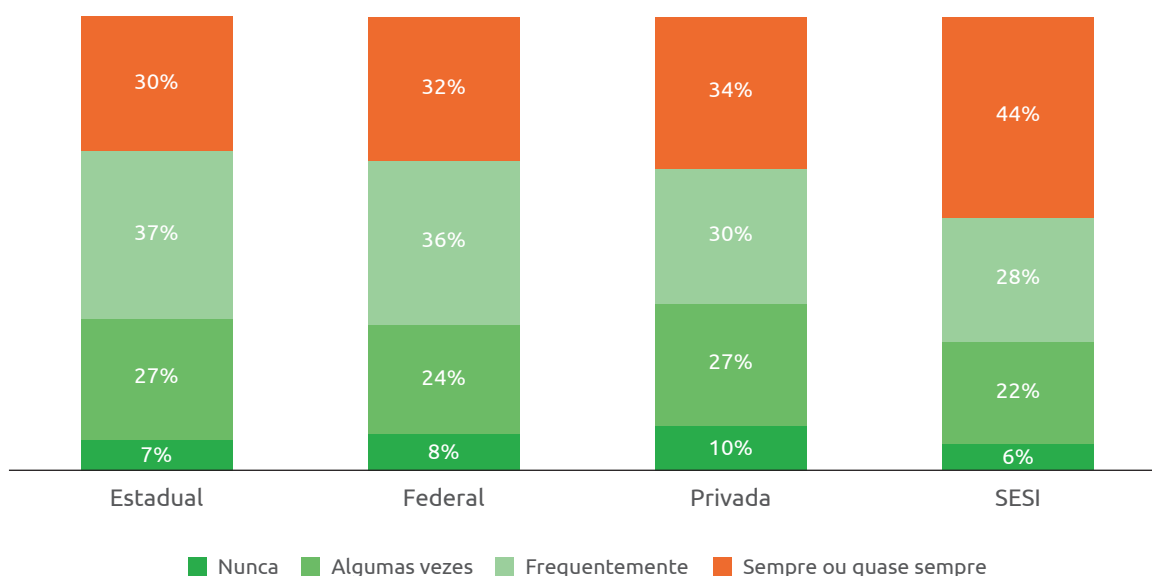
⁷ Dados do estudo Formação Inicial de Professores no Brasil (2019), do Todos pela Educação

6.1 PROFESSORES

A atuação dos gestores da escola é muito importante para engajar os professores em atividades de formação continuada. O apoio do diretor e do coordenador pedagógico é indispensável para o aprimoramento dos educadores, contribuindo, inclusive, para o clima escolar, uma vez que o corpo docente se sente assistido e acolhido por uma equipe gestora interessada nas suas demandas.

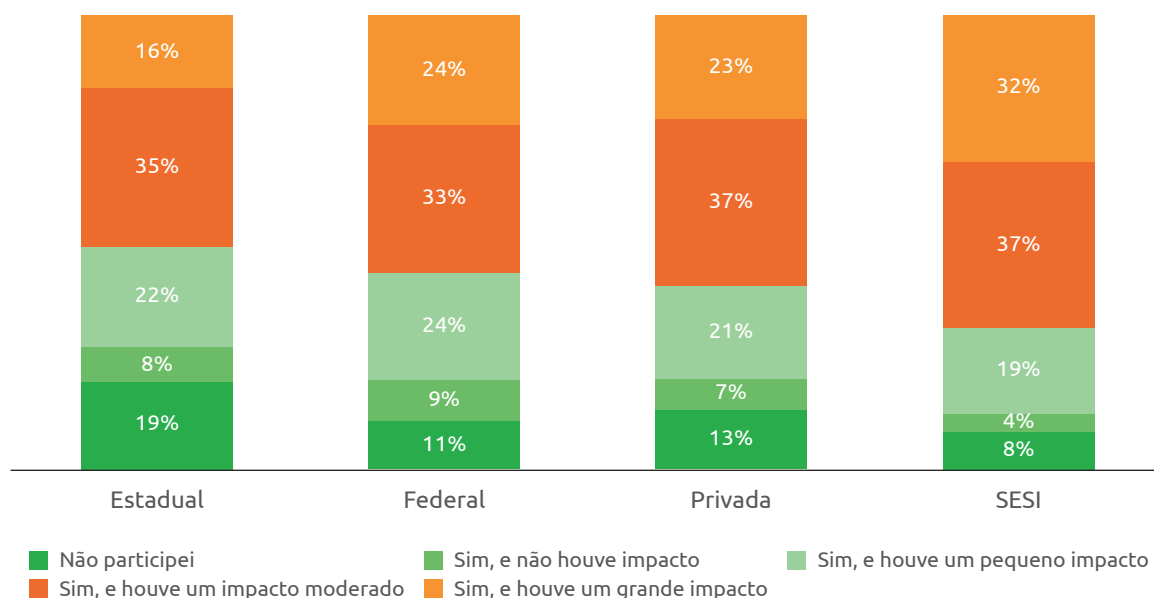
Nesse sentido, 44% dos professores da rede SESI afirmam que seus diretores os informam sempre ou quase sempre sobre atividades de aperfeiçoamento profissional. É o maior índice entre as redes analisadas, uma vez que a privada, a federal e a estadual registraram, para essa mesma questão, percentuais de 34%, 32% e 30%, respectivamente. A rede SESI também apresentou o menor índice de docentes que afirmaram nunca receberem esse tipo de informação de seus gestores: 6%.

GRÁFICO 26 - Nesta escola e neste ano, indique a frequência com que: o (a) diretor(a) informa os professores sobre as possibilidades de aperfeiçoamento profissional.



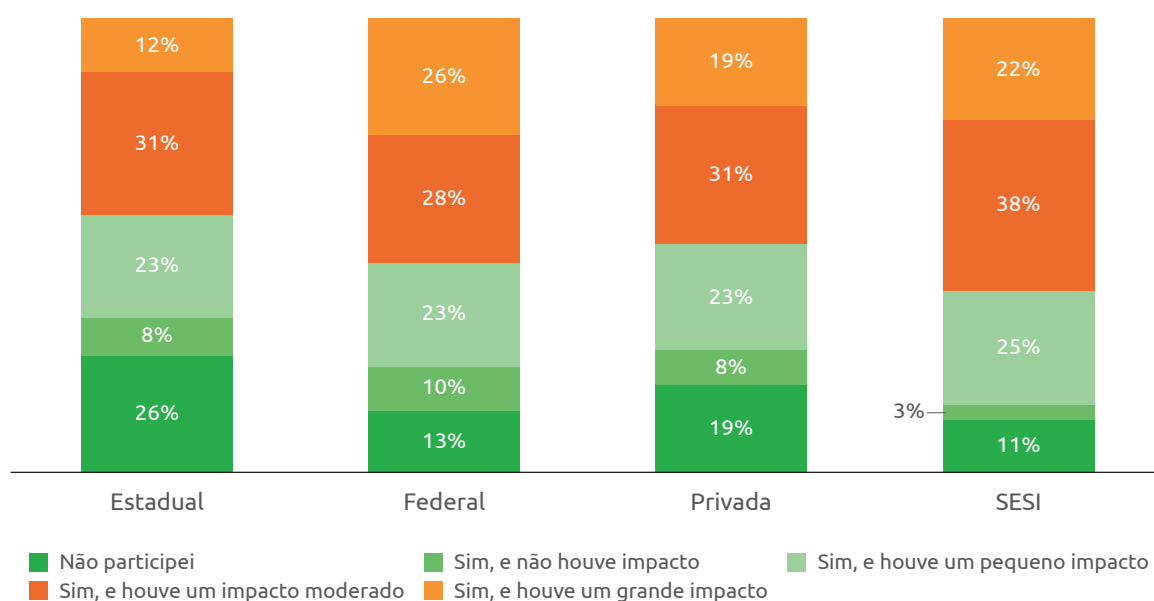
O corpo docente do SESI registra os melhores percentuais referentes à participação em cursos e oficinas sobre metodologias de ensino nas suas respectivas áreas de atuação: 32% dos professores afirmam que, nos últimos dois anos, frequentaram esse tipo de atividade e perceberam que elas exerceram um grande impacto em seu desenvolvimento profissional. É o maior percentual entre as redes analisadas, sendo que na rede estadual, esse índice é de apenas 16%; na privada e na federal, 23% e 24%, respectivamente. Este é um dado relevante, pois revela o engajamento dos docentes no processo de melhoria das suas práticas.

GRÁFICO 27 - Durante os últimos dois anos, você participou de qualquer um dos seguintes tipos de atividades de desenvolvimento profissional, e qual foi o impacto dessa atividade em sua prática como professor? Cursos/oficinas sobre metodologias de ensino na sua área de atuação.



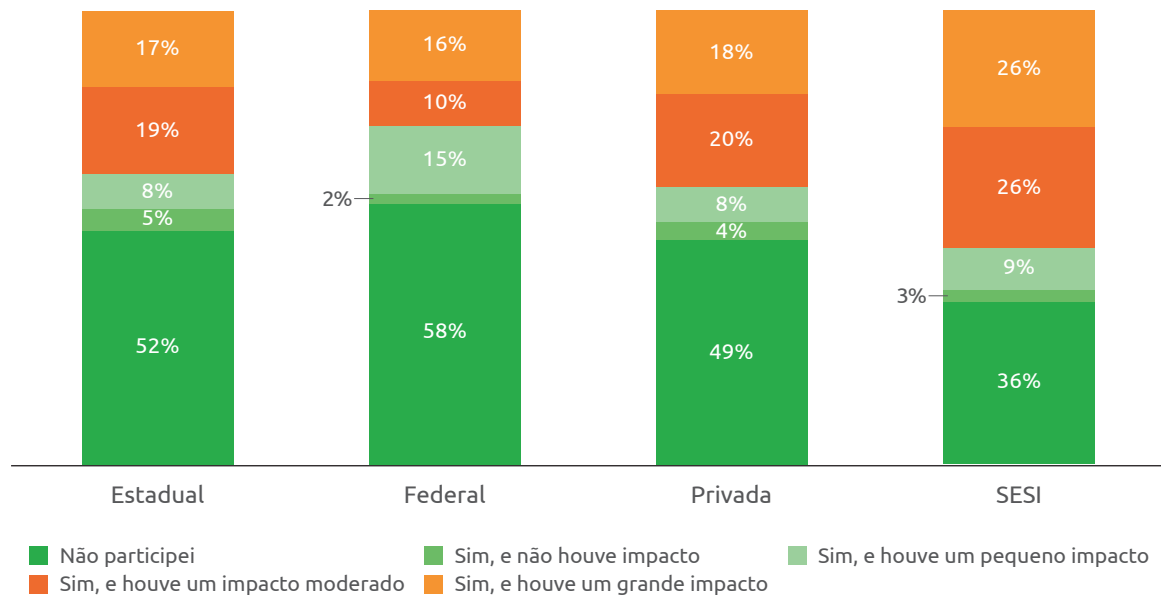
Quando perguntados sobre o envolvimento em cursos e oficinas sobre outros tópicos em educação, 60% dos educadores das escolas SESI disseram que participaram de alguma ação nesse sentido nos últimos dois anos, e que ela teve um impacto grande ou moderado em seu cotidiano. Novamente, é a maior proporção entre as redes avaliadas: a federal apresenta 54%, a privada 50% e a estadual, 43%.

GRÁFICO 28 - Durante os últimos dois anos, você participou de qualquer um dos seguintes tipos de atividades de desenvolvimento profissional, e qual foi o impacto dessa atividade em sua prática como professor? Cursos/oficinas sobre metodologias sobre outros tópicos



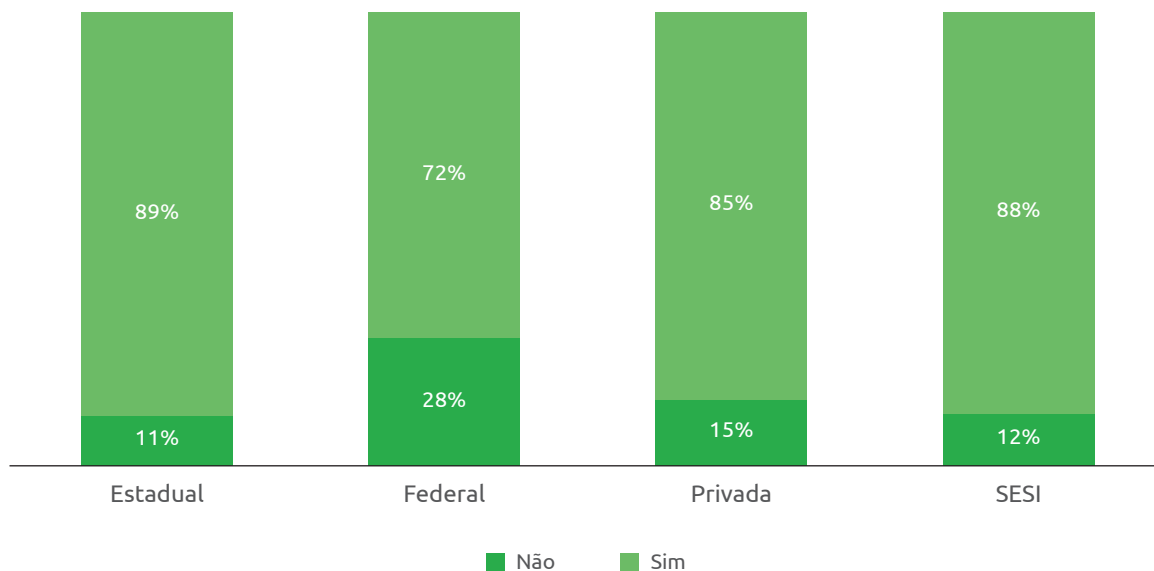
Acompanhando a tendência positiva de pós-graduação do corpo docente, a rede SESI também conta com o maior percentual de educadores que dizem ter concluído alguma especialização (carga horária mínima de 360 horas) ou aperfeiçoamento (mínimo de 180 horas) sobre metodologias de ensino na sua área de atuação, nos últimos dois anos. Mais da metade dos educadores (52%) afirmam que esse curso ou oficina teve um impacto alto ou moderado em sua prática pedagógica, índice superior ao das redes federal (26%), estadual (36%) e privada (38%).

GRÁFICO 29 - Durante os últimos dois anos, você participou de qualquer um dos seguintes tipos de atividades de desenvolvimento profissional, e qual foi o impacto dessa atividade em sua prática como professor? Cursos de especialização (mínimo de 360 horas) ou aperfeiçoamento (mínimo de 180 horas) sobre metodologias de ensino na sua área de atuação.



Apesar do alto índice de engajamento dos professores da rede SESI em atividades de desenvolvimento profissional, como mostram os gráficos anteriores, quando questionados sobre o desejo de participar de ainda mais ações desse tipo, os educadores se mostram receptivos, demandando ainda mais cursos: 88% deles dizem que gostariam de ter participado de mais formações, oficinas e/ou especializações. Tal percentual supera os índices das redes federal (72%) e da privada (85%), segundo o gráfico subsequente.

GRÁFICO 30 - Nos últimos dois anos, você gostaria de ter participado de mais atividades de desenvolvimento profissional do que você participou?



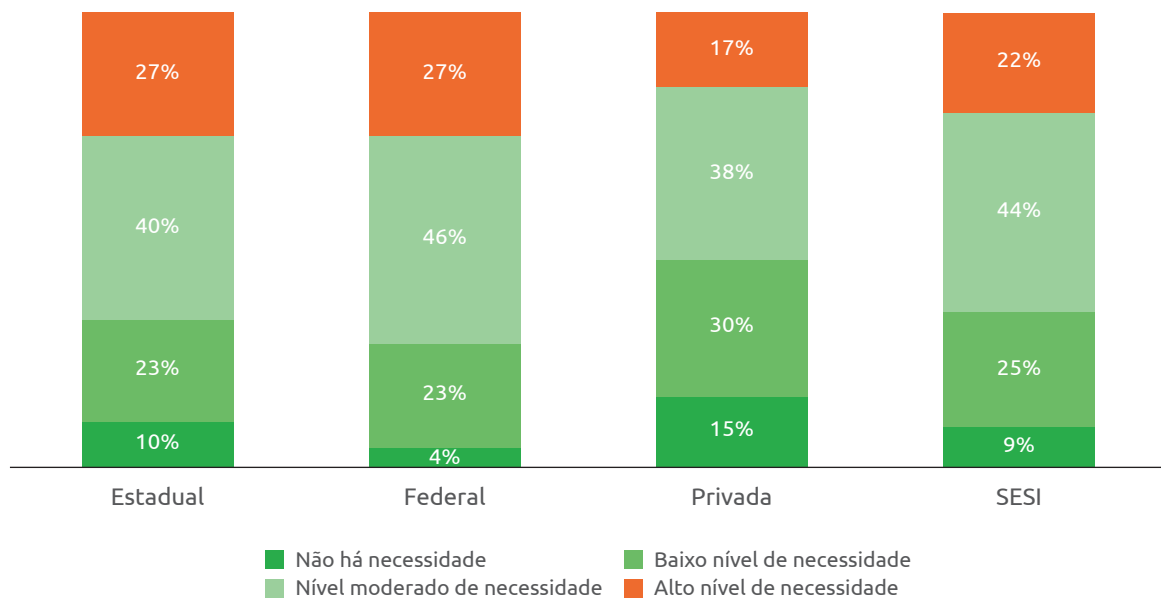
Os educadores da rede SESI demonstram percentuais maiores de “alto nível de necessidade de desenvolvimento profissional” do que os profissionais das demais redes. Tais índices podem sinalizar o alto grau de exigência que têm com sua formação e atuação em sala de aula. Em sistemas de ensino de alta performance, como é o caso de alguns países asiáticos, por exemplo, também são registrados percentuais significativos de “alta necessidade de desenvolvimento profissional” entre os docentes.

A edição de 2013 da Pesquisa *Teaching and Learning International Survey*⁸ (Talis na sigla em inglês), realizada pela OCDE, mostrou que os professores japoneses e coreanos estão entre os mais exigentes sobre a necessidade de desenvolvimento de determinadas competências, superando os índices de sistemas de ensino com níveis de proficiência bastante inferiores. Os dados mostram que 39,6% dos professores japoneses do ensino fundamental II indicam ter um “alto nível de necessidade” de desenvolvimento profissional em práticas de avaliação dos alunos. Na Coreia do Sul, esse percentual é de 25,3%. No que tange ao comportamento dos estudantes e à gestão da sala de aula, 43% dos docentes japoneses afirmam ter alta demanda por aperfeiçoamento nesses temas, enquanto 30,4% dos coreanos pensam o mesmo.

⁸ Disponível em: https://www.istruzione.it/allegati/2014/OCSE_TALIS_Rapporto_Internazionale_EN.pdf. Acesso em 7 de outubro de 2019

Como se observa no gráfico subsequente, um dos temas em que os professores da rede SESI manifestam maior necessidade de aperfeiçoamento profissional é o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação. Essa demanda acompanha a digitalização do trabalho e da comunicação, em que o excesso de conteúdos e informação é uma realidade com a qual a escola precisa lidar. Os dados revelam que 22% dos docentes que atuam nas escolas SESI têm alta necessidade de aperfeiçoamento profissional nesse tema, enquanto 44% relatam uma necessidade moderada – os índices superam os da rede privada: 17% e 38%, respectivamente.

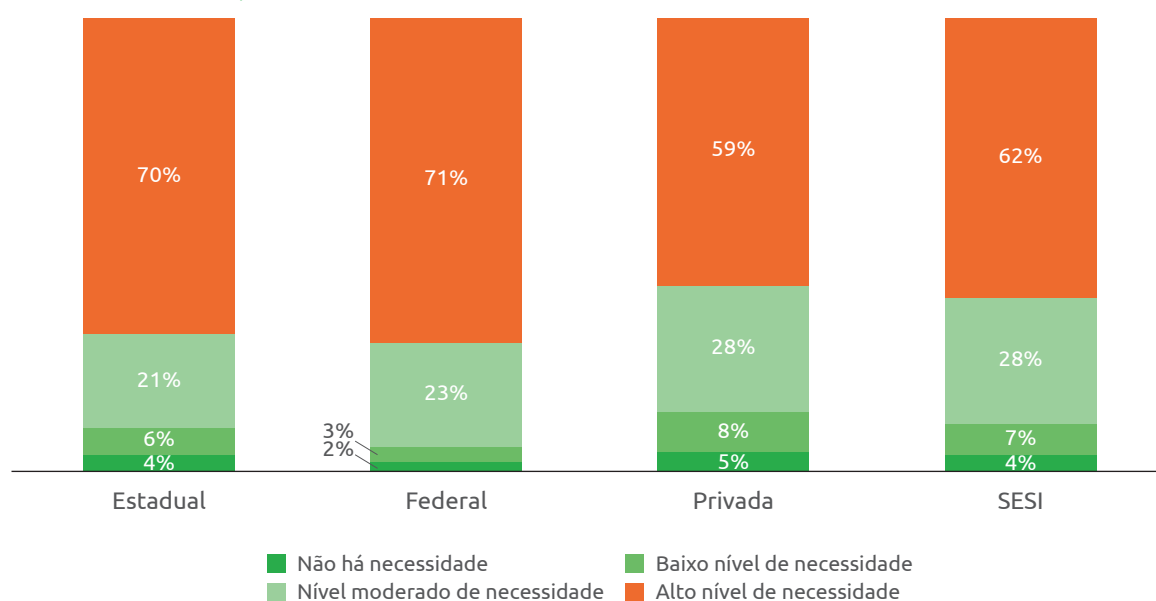
GRÁFICO 31 - Considerando os temas a seguir, indique por favor sua necessidade de aperfeiçoamento profissional. Uso pedagógico de tecnologias de informação e comunicação.



A formação específica para trabalhar com estudantes com necessidades especiais também aparece como uma alta necessidade dos professores da rede SESI e das demais redes de ensino. Tal demanda acompanha a realidade do sistema de ensino brasileiro, que nos últimos anos vem incluindo crianças e jovens com deficiência em escolas regulares, obedecendo à legislação nacional e às orientações internacionais sobre o tema. De acordo com o Observatório do PNE, a porcentagem de matrículas de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades ou superdotação em classes comuns chegou a 84,1% em 2017. A meta 4 do PNE afirma que “o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino”, devem ser universalizados até o fim da vigência do plano, em 2024. Os questionários do Saeb 2017 vão na mesma direção: 90% dos diretores que responderam às questões reportam que há pelo menos um aluno com deficiência ou necessidade especial em sua escola.

O gráfico subsequente mostra que 62% dos docentes das escolas SESI têm alta necessidade de cursos ou especializações para trabalhar com esse público, taxa superior àquela registrada pelas escolas privadas (59%) e atrás das redes estadual (70%) e federal (71%).

GRÁFICO 32 - Considerando os temas a seguir, indique por favor sua necessidade de aperfeiçoamento profissional. Formação específica para trabalhar com estudantes com deficiência ou necessidades especiais.

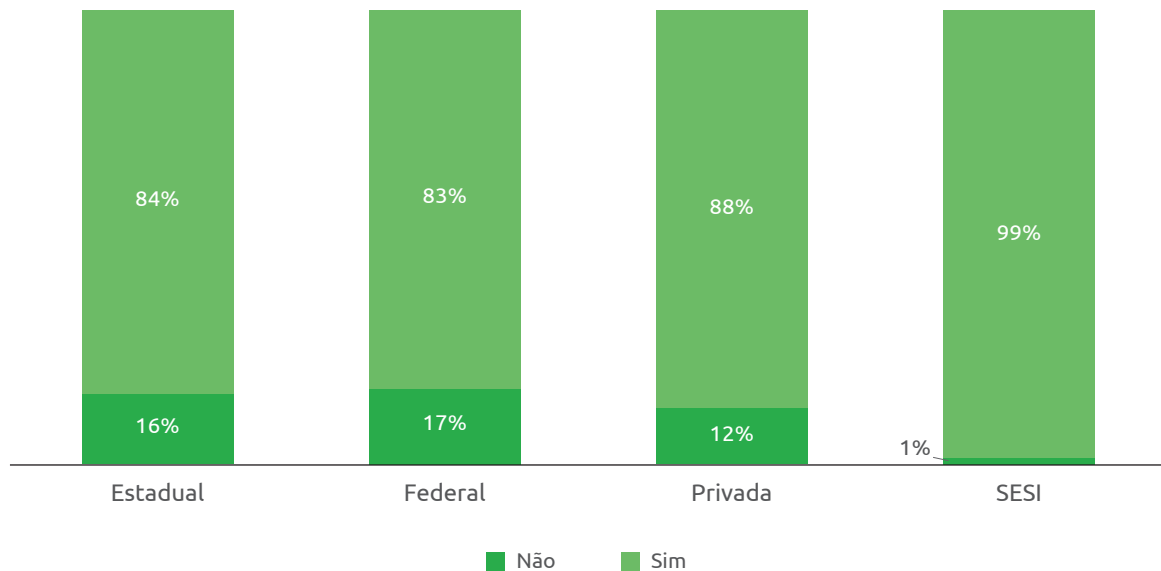


No que tange ao aperfeiçoamento em diretrizes curriculares e práticas de ensino nas áreas em que os docentes atuam, os professores da rede SESI apresentam menor grau de necessidade: 14% e 16%, respectivamente. Ainda assim, tais percentuais são superiores aos índices das redes federal (10% e 7%) e privada (9% e 11%). Isso novamente, pode demonstrar o alto nível de exigência deles. Contudo, para confirmar tal hipótese, análises complementares são necessárias.

6.2 DIRETORES

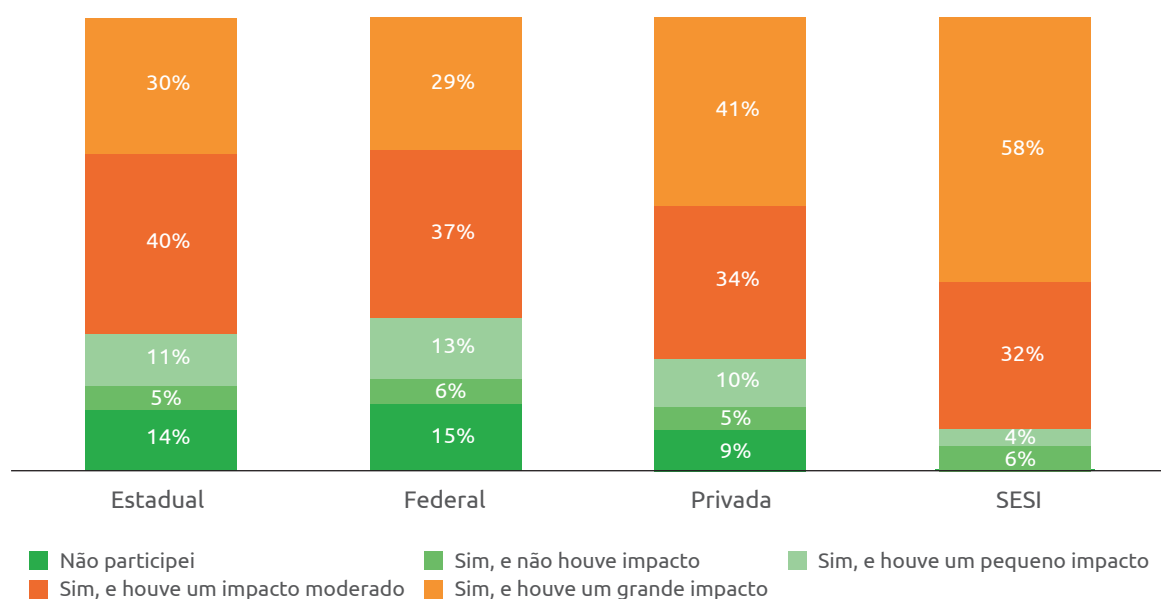
O perfil participativo dos educadores do SESI em atividades de desenvolvimento profissional fica ainda mais evidente quando se observam os dados referentes aos gestores das escolas. Os diretores da rede demonstram alto interesse por desenvolverem suas competências profissionais: 99% deles participaram, nos últimos dois anos, de alguma atividade de aperfeiçoamento. Como se constata no gráfico a seguir, o percentual é bem mais elevado do que o registrado pela rede privada, que alcançou 88%, e pelas redes federal e estadual, que chegaram a 83% e 84%, respectivamente.

GRÁFICO 33 - Durante os últimos dois anos, você participou de alguma atividade de desenvolvimento profissional?



Os gestores da rede Sesi são também os que veem mais valor na formação continuada. Para mais da metade deles (58%), a atividade de aperfeiçoamento teve um grande impacto em sua rotina profissional – índice que é o dobro daquele alcançado pela rede federal: 29%. A taxa da rede Sesi também supera o índice da rede privada (41%) e estadual (30%).

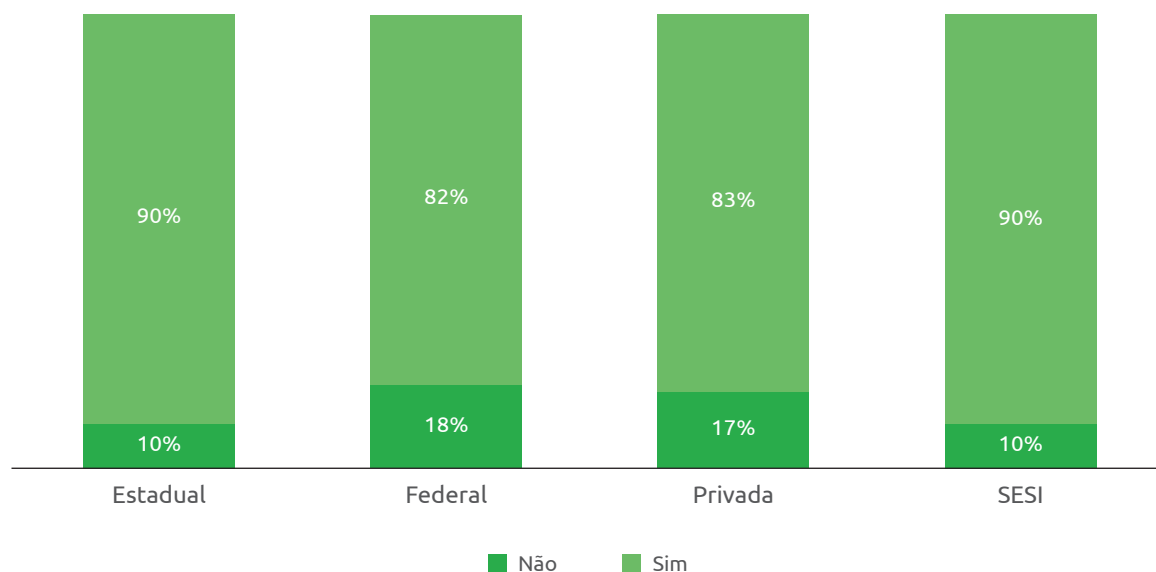
GRÁFICO 34 - Se você participou de alguma atividade de desenvolvimento profissional nos últimos dois anos, como você avalia o impacto da participação em sua atividade como diretor?



A tendência de alto engajamento dos gestores Sesi também emerge da demanda que estes têm por mais atividades de desenvolvimento. Os dados indicam que 90% gostariam

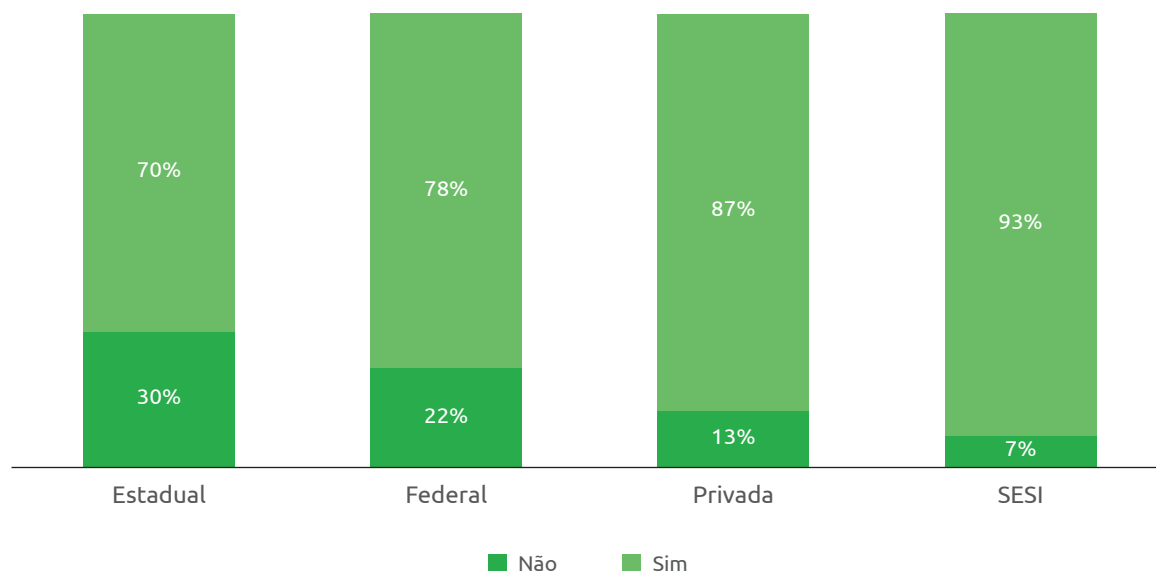
de ter participado de ainda mais cursos, oficinas ou especializações. O percentual mais uma vez supera os índices das redes federal (82%) e privada (83%), mas fica abaixo da rede estadual (90%).

GRÁFICO 35 - Nos últimos dois anos, você gostaria de ter participado de mais atividades de desenvolvimento profissional do que você participou?



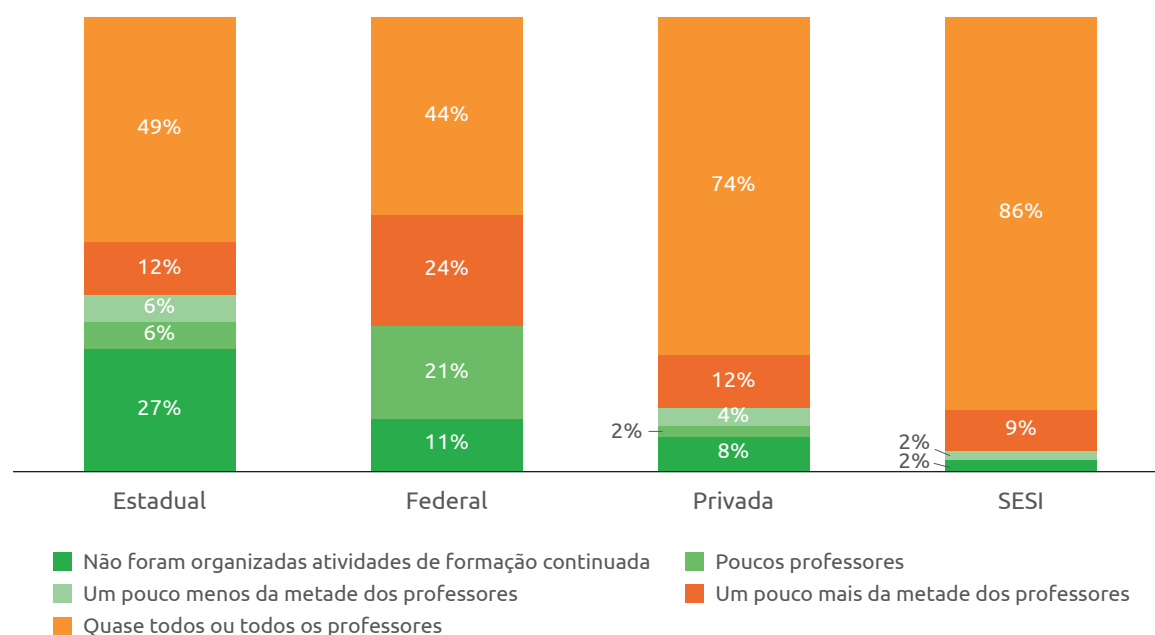
Na comparação com outras redes, os gestores do SESI apresentam o maior percentual de organização de atividades de desenvolvimento profissional para a equipe: 93% afirmam ter realizado ao menos um tipo de capacitação na unidade de ensino nos últimos dois anos. As taxas registradas pelas redes estadual, federal e privada são inferiores: 70%, 78% e 87%, respectivamente, conforme gráfico a seguir.

GRÁFICO 36 - Nos últimos dois anos, você organizou alguma atividade de formação continuada (atualização, treinamento, capacitação, etc.) nesta escola?



O envolvimento dos professores SESI nessas atividades, de acordo com os gestores, também é alto. Como se observa no gráfico a seguir, 86% dos diretores afirmaram que todos ou quase todos os educadores estiveram presentes nessas formações, percentual que é quase o dobro do registrado pela rede federal, com 44%. A rede privada tem um desempenho melhor do que as escolas federais, mas inferior ao da rede SESI no que tange à assiduidade docente nos treinamentos oferecidos pela escola: 74%.

GRÁFICO 37 - Qual foi a quantidade de docentes nesta escola que participou das atividades de formação continuada que você organizou nos últimos dois anos?







7 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS



7.1 BUSCA POR INOVAÇÃO

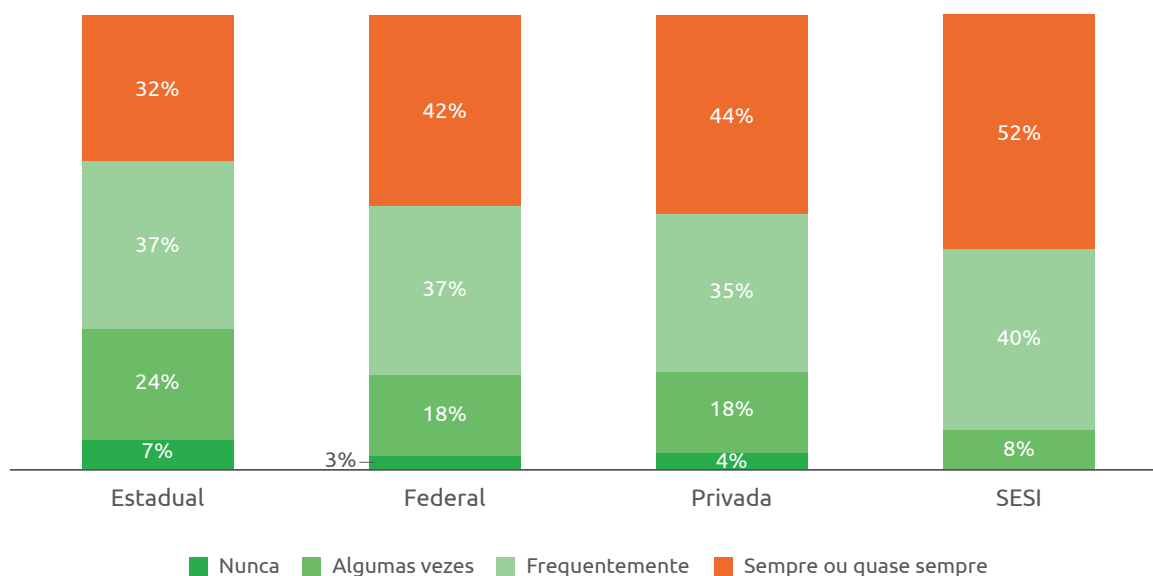
Preparar as crianças e os jovens para aprender com senso crítico, criatividade e responsabilidade, dominando as competências essenciais para o pleno exercício da cidadania e para uma atuação exitosa no mundo do trabalho, é um dos desafios da escola no século XXI. A profusão de fontes de conhecimento e o acesso a ferramentas tecnológicas são aspectos positivos do atual momento, mas que também trazem obstáculos como o excesso de informação e as chamadas “*fake news*”, tornando urgente a necessidade de que os estudantes aprendam a participar do mundo *online* e *offline* de maneira analítica.

A escola não pode ficar à margem desse processo profundo de transformação cultural pelo qual a sociedade passa. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não ignora esse cenário, e prevê que os estudantes saibam manusear as tecnologias de maneira qualificada, tendo em mente os efeitos que tais recursos trazem para a vida cotidiana. Para além do domínio das novas tecnologias, a BNCC também preconiza, por meio da 10ª competência geral, a importância de “exercitar a curiosidade intelectual, e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas”⁹. Assim, a BNCC incorpora o conceito de inovação de maneira transversal, incluindo competências gerais a serem desenvolvidas pelos estudantes ao longo da educação básica, com o objetivo de alcançar uma aprendizagem mais significativa.

⁹ Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 30 de out. 2019

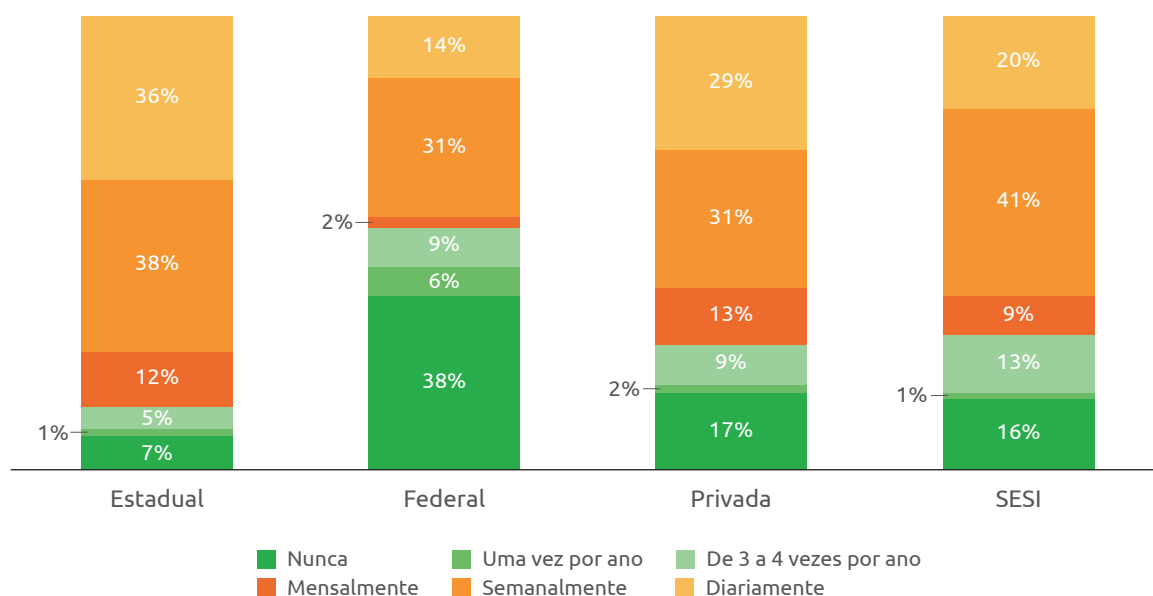
Nesse sentido, é fundamental que os gestores construam, em parceria com os professores, um ambiente escolar que persiga a inovação ao estimular o pensamento crítico e criativo dos alunos. Entre as redes analisadas, os diretores das escolas SESI são aqueles que mais estimulam atividades inovadoras, segundo a opinião do corpo docente. Mais da metade dos professores (52%) afirmam que o diretor estimula esse tipo de ação sempre ou quase sempre. Nas demais redes, os percentuais são menores: 44% na rede privada, 42% na federal e 32% na estadual.

GRÁFICO 38 - Nesta escola e neste ano, indique a frequência com que: o(a) diretor(a) estimula atividades inovadoras.



Práticas mais tradicionais como copiar conteúdos de obras didáticas ou da lousa são menos frequentes na rede SESI: 20% dos professores dizem solicitar diariamente aos alunos esse tipo de atividade. Na rede privada e na rede estadual, o percentual é maior: 29% e 36%, respectivamente. Destaque para a rede federal, em que apenas 14% dos docentes utilizam, todos os dias, essa estratégia didática.

GRÁFICO 39 - Indique a frequência com que você desenvolve as seguintes práticas pedagógicas nesta turma: solicitar que os alunos copiem textos e atividades do livro didático ou do quadro negro (lousa).



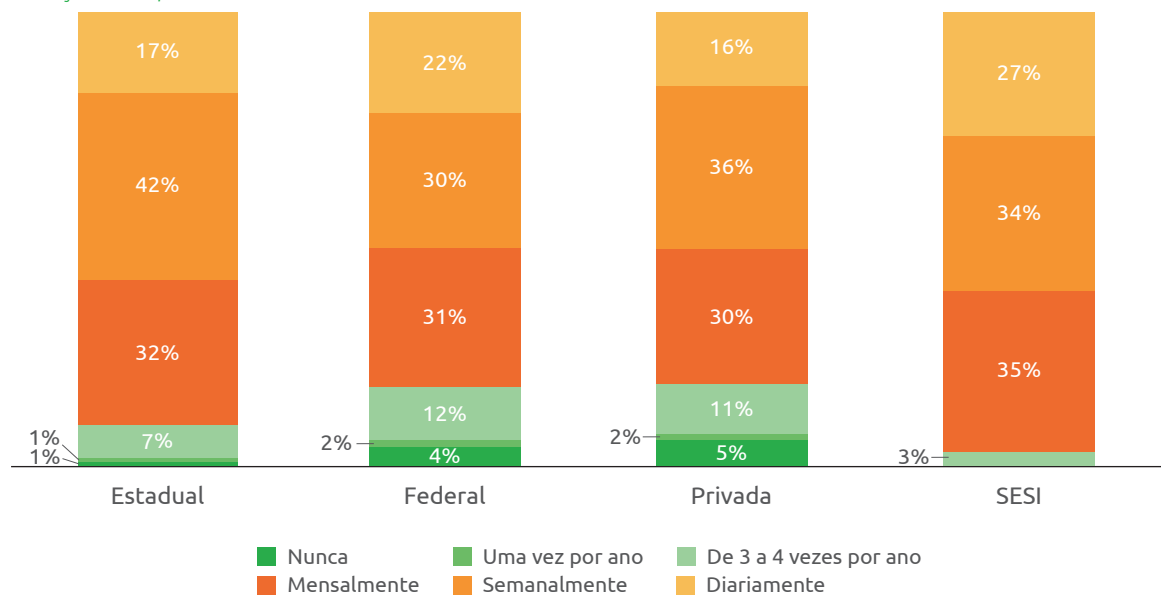
O desenvolvimento de competências socioemocionais é outro tema de grande relevância, que perpassa a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Isso significa que até 2020 todas as escolas devem desenvolver currículos que contemplem o desenvolvimento dessas competências. De acordo com o Ministério da Educação (MEC), elas se dividem em 5 grandes grupos¹⁰:

- 1) Autoconsciência: envolve o autoconhecimento sobre as próprias forças e limitações, sempre mantendo uma atitude otimista e voltada para o crescimento.
- 2) Autogestão: relaciona-se com o gerenciamento eficiente do estresse, com o controle de impulsos e com a definição de metas.
- 3) Consciência social: necessita do exercício da empatia, do colocar-se “no lugar do outro”, respeitando a diversidade.
- 4) Habilidades de relacionamento: relacionam-se com as habilidades de ouvir com empatia, falar clara e objetivamente, cooperar com os demais, resistir à pressão social inadequada (ao *bullying*, por exemplo), solucionar conflitos de modo construtivo e respeitoso, bem como auxiliar o outro quando for o caso.
- 5) Tomada de decisão responsável: preconiza as escolhas pessoais e as interações sociais de acordo com as normas, os cuidados com a segurança e os padrões éticos de uma sociedade.

¹⁰ Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/195-competencias-socioemocionais-como-fator-de-protecao-a-saude-mental-e-ao-bullying>. Acesso em 30 out. 2019

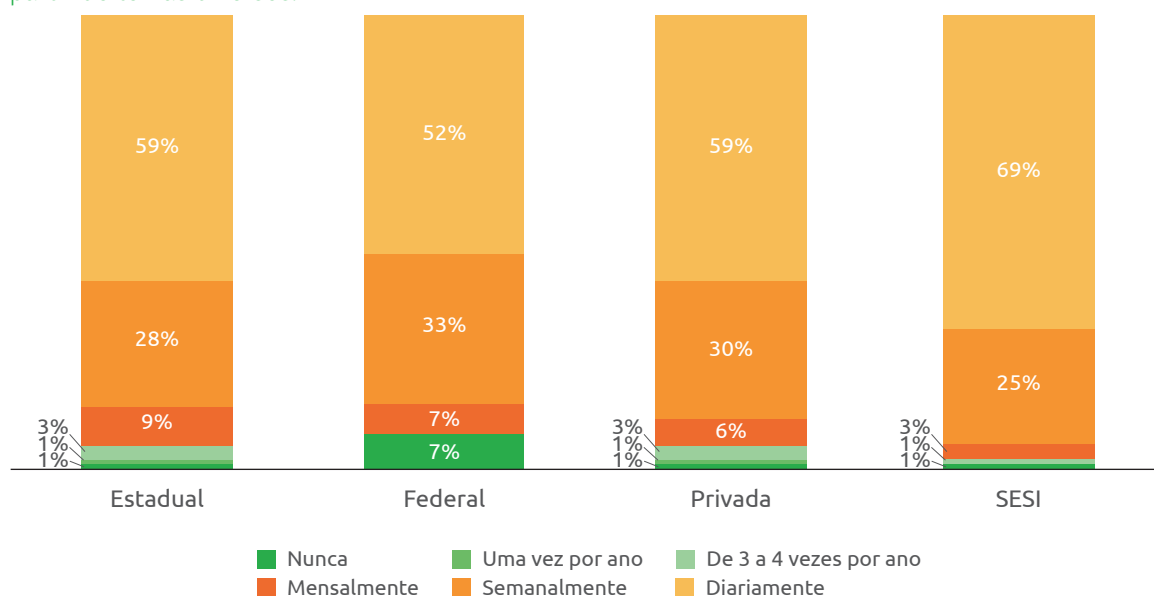
Atividades como trabalho em grupo, por exemplo, podem ajudar a impulsionar tais características no alunado. No caso da rede SESI, 27% dos professores dizem desenvolver diariamente ações pedagógicas que incentivam os estudantes a buscarem soluções de problemas de modo coletivo. É o maior índice entre as redes: 16% realizam essas atividades todos os dias nas escolas privadas, 17% nas estaduais e 22% nas federais.

GRÁFICO 40 - Indique a frequência com que você desenvolve as seguintes práticas pedagógicas nesta turma: desenvolver atividades em grupo, em sala de aula, para que os alunos busquem soluções de problemas.



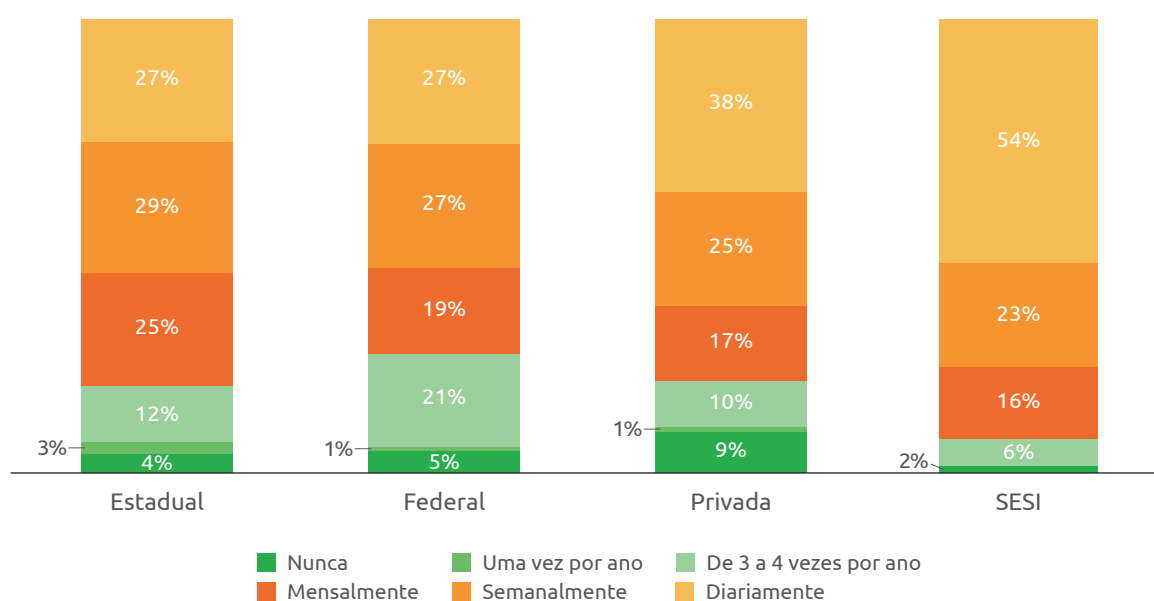
Debates, seminários e outras atividades expositivas são práticas pedagógicas que, se bem aplicadas, podem estimular a eloquência do corpo discente, auxiliando no desenvolvimento do raciocínio e da argumentação. Entre os professores da rede SESI, 69% relatam incentivar os alunos a expressarem suas opiniões diariamente durante as aulas. Nas redes privada e federal os percentuais são, respectivamente, de 59% e 52%.

GRÁFICO 41 - Indique a frequência com que você desenvolve as seguintes práticas pedagógicas nesta turma: estimular os alunos a expressarem suas opiniões e a desenvolverem argumentos a partir de temas diversos.



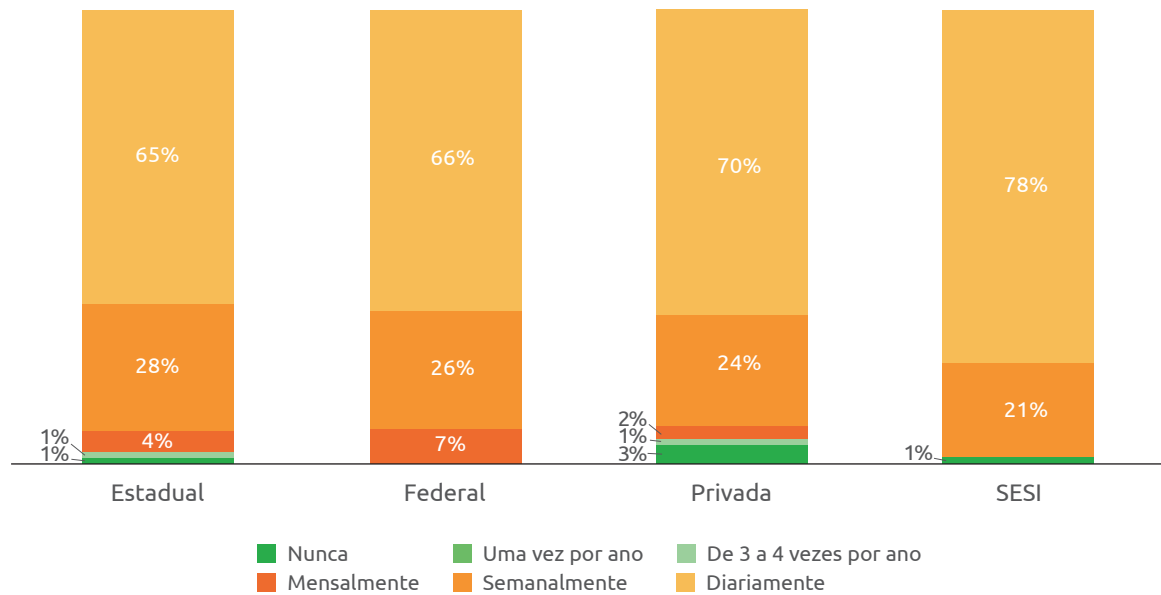
A experimentação na hora de solucionar problemas também é valorizada pelos professores das escolas Sesi: 54% deles dizem testar diariamente diferentes ações (coletar informações, manipular etc.) para incentivar a turma a resolver questões práticas e teóricas nas diferentes disciplinas. Esse mesmo índice é de 38% para os docentes da rede privada e de 27% nas escolas federais e estaduais, como indica o gráfico a seguir:

GRÁFICO 42 - Indique a frequência com que você desenvolve as seguintes práticas pedagógicas nesta turma: experimentar diferentes ações (coletar informações, recortar, explorar, manipular etc.) para resolver problemas.



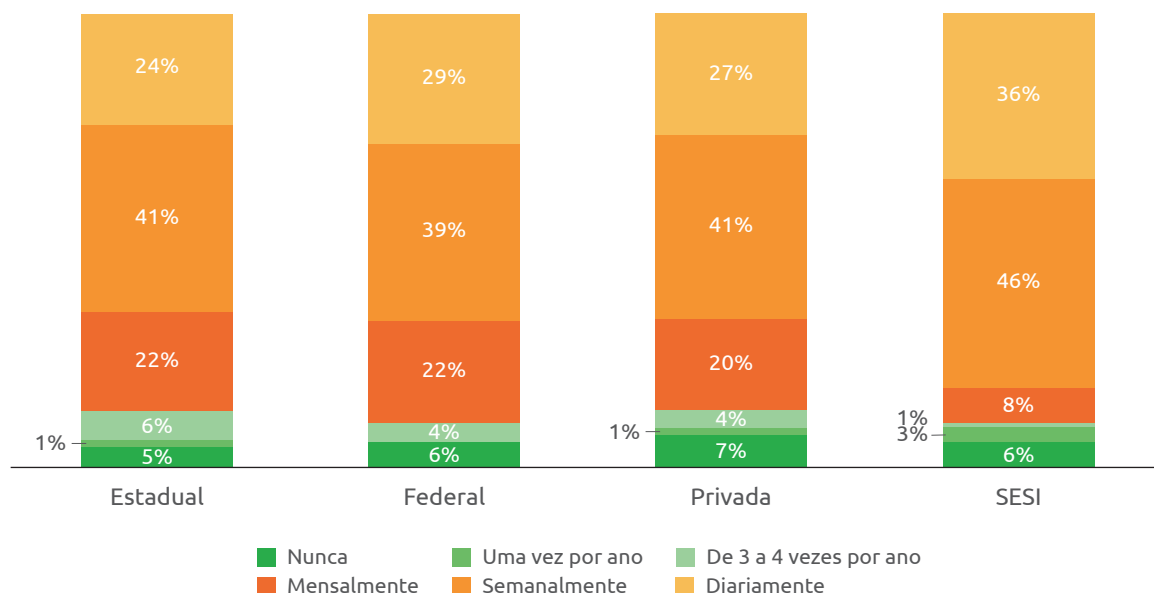
Na área de exatas, a diversidade de formas para solucionar problemas também emerge como foco didático dos docentes da rede SESI. Os dados mostram que eles são os que mais discutem, diariamente, formas diferentes para resolver cálculos com os alunos: 78% deles afirmam adotar tal prática. Na rede estadual, esse percentual é de 65%; na federal, de 66%; e nas escolas privadas, 70%.

GRÁFICO 43 - Indique a frequência com que você desenvolve as seguintes práticas pedagógicas nesta turma: discutir diferentes modos para resolver problemas e cálculos.



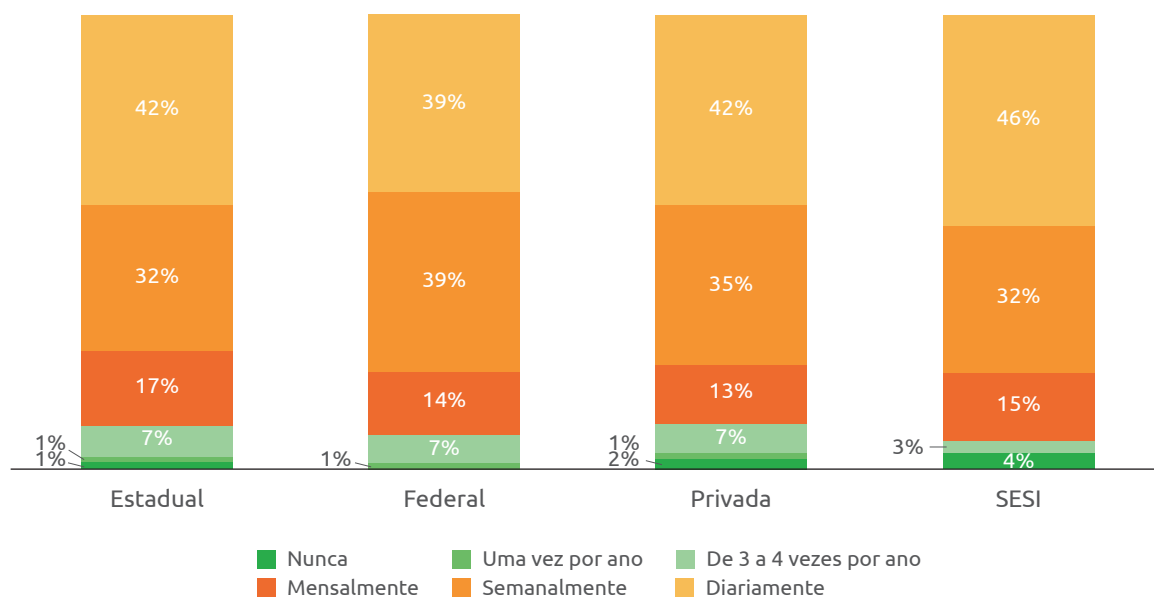
Já na área de humanas, mais especificamente de linguagem, os professores se mostram engajados na busca de uma aprendizagem com sentido para os alunos por meio da utilização de contos, crônicas, poesias e romances como forma de exercitar aspectos da gramática: 36% deles afirmam manusear tais textos diariamente. Nas outras redes esse percentual é menor, sendo 29% na rede federal, 27% na rede privada e 24% na rede estadual.

GRÁFICO 44 - Indique a frequência com que você desenvolve as seguintes práticas pedagógicas nesta turma: utilizar contos, crônicas, poesias ou romances para exercitar aspectos da gramática.



Uma escola conectada com o território e a comunidade que a cerca é premissa para que os estudantes se sintam envolvidos com o processo de aprendizagem, uma vez que veem sentido no que estão aprendendo. Sugerir situações de aprendizagem que façam parte da realidade dos alunos, considerando contextos específicos, é uma prática acionada, diariamente, por quase metade dos docentes da rede SESI (46%). As redes privada e estadual registram os mesmos percentuais: 42%, enquanto na federal a taxa é de 39%.

GRÁFICO 45 - Indique a frequência com que você desenvolve as seguintes práticas pedagógicas nesta turma: propor situações de aprendizagem que sejam familiares ou de interesse dos alunos.



7.2 RECURSOS PEDAGÓGICOS

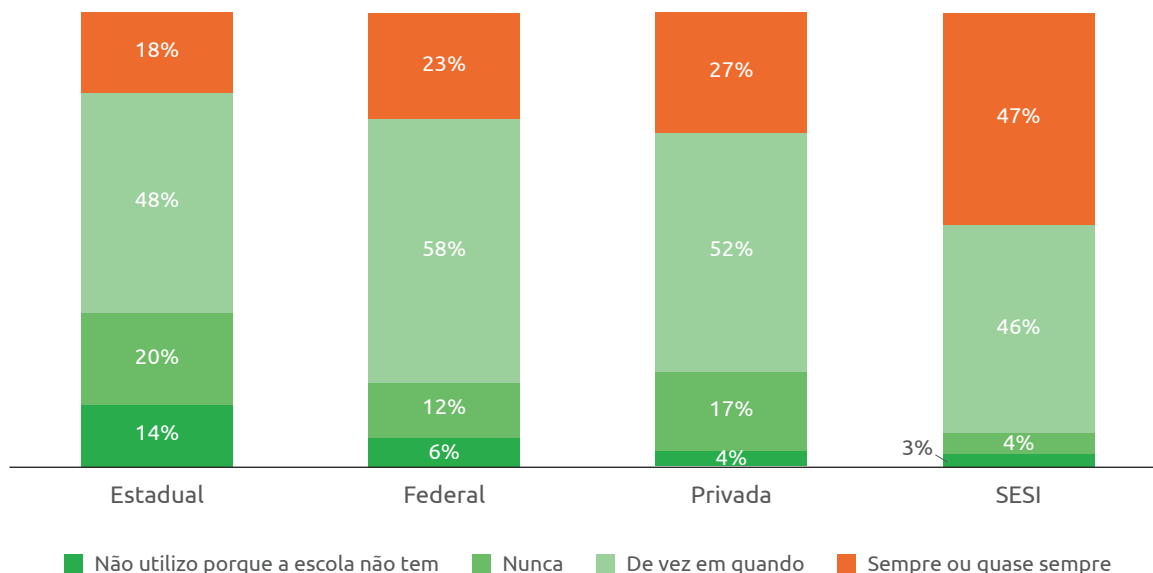
O uso de tecnologias da informação e da comunicação em sala de aula a favor da aprendizagem é um debate que ganha importância no Brasil. A falta de infraestrutura de muitas escolas, especialmente públicas, e a falta de preparo docente para lidar com essas metodologias causam muitas dúvidas quanto à sua eficácia. Os questionários do Saeb 2017 apontam que o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação é uma das áreas em que os professores de todas as redes veem mais necessidade de desenvolvimento, atrás somente da formação para trabalhar com estudantes com necessidades especiais (saiba mais no capítulo 6. Formação Continuada).

Apesar dos entraves, pesquisas como a TIC Educação 2018¹¹, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), mostram que o interesse dos professores por esse tema vem crescendo. A última edição do estudo, publicada em 2019, revela que 76% dos docentes acessam a internet em busca de como expandir seus conhecimentos sobre o uso de tecnologias educacionais. Os dados indicam também que 65% dos professores pesquisam maneiras de aplicar recursos tecnológicos na disciplina em que lecionam. Além disso, 57% interessam-se por orientações de segurança quanto ao uso das redes sociais e do celular, justamente para apoiar os alunos e alunas na navegação pelo mundo digital.

Na mesma direção, os professores da rede SESI são os que mais se destacam na utilização de tecnologias educacionais na sala de aula: 47% relatam usar sempre ou quase sempre programas e aplicativos pedagógicos de computador. As redes privada, federal e estadual, por sua vez, registram percentuais bastante inferiores nesse item: 27%, 23% e 18%, respectivamente.

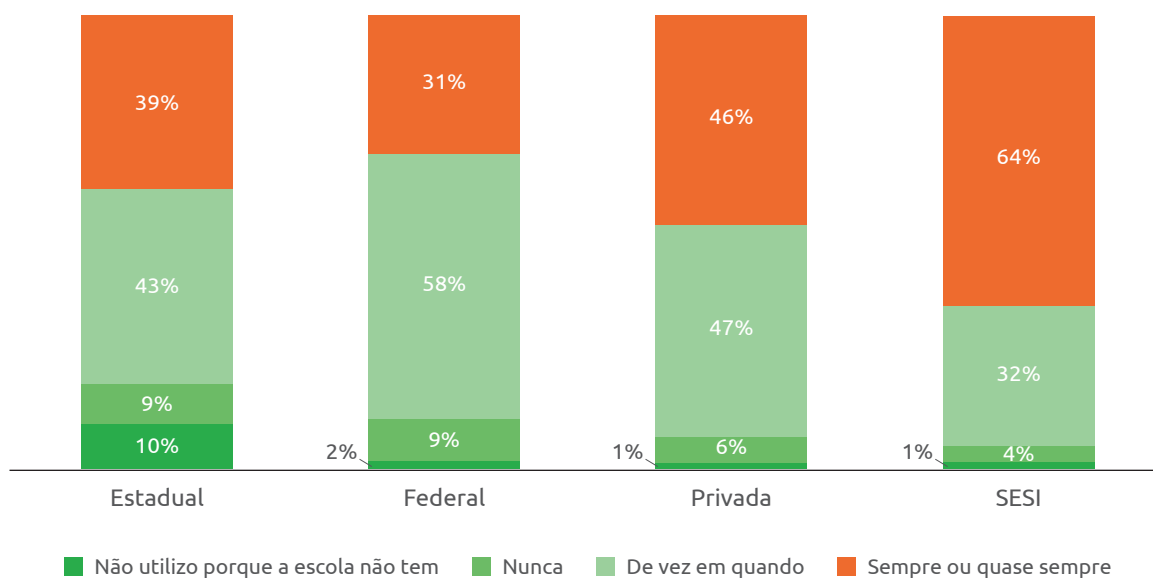
¹¹ Disponível em <https://www.cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nas-escolas-brasileiras-tic-educacao-2018/>. Acesso em 25 out. 2019

GRÁFICO 46 - Gostaríamos de saber quais os recursos que você utiliza para fins pedagógicos, nesta turma: programas/aplicativos pedagógicos de computador.



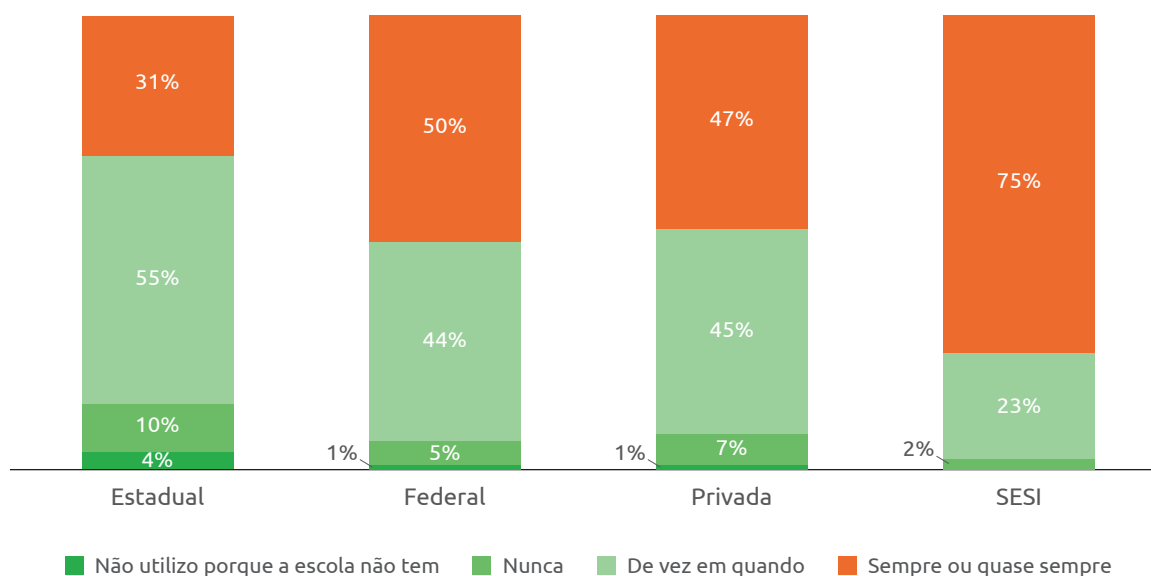
Os docentes SESI também são os que mais acessam a internet para fins pedagógicos. Enquanto 64% afirmam utilizar a rede com alta frequência, essa taxa é relativamente menor nas outras redes de ensino: 46% na rede privada, 39% na estadual e 31% na federal.

GRÁFICO 47 - Gostaríamos de saber quais os recursos que você utiliza para fins pedagógicos, nesta turma: internet



Projetar slides, imagens e outros tipos de conteúdos midiáticos faz parte da rotina didática da maioria dos educadores SESI: 75% dizem utilizar projetores sempre ou quase sempre em suas aulas, taxa bastante alta quando comparada à realidade da rede federal (50%), privada (47%) e estadual (31%), como se observa no gráfico subsequente.

GRÁFICO 48 - Gostaríamos de saber quais os recursos que você utiliza para fins pedagógicos, nesta turma: projetor (datashow, projetor de transparências).

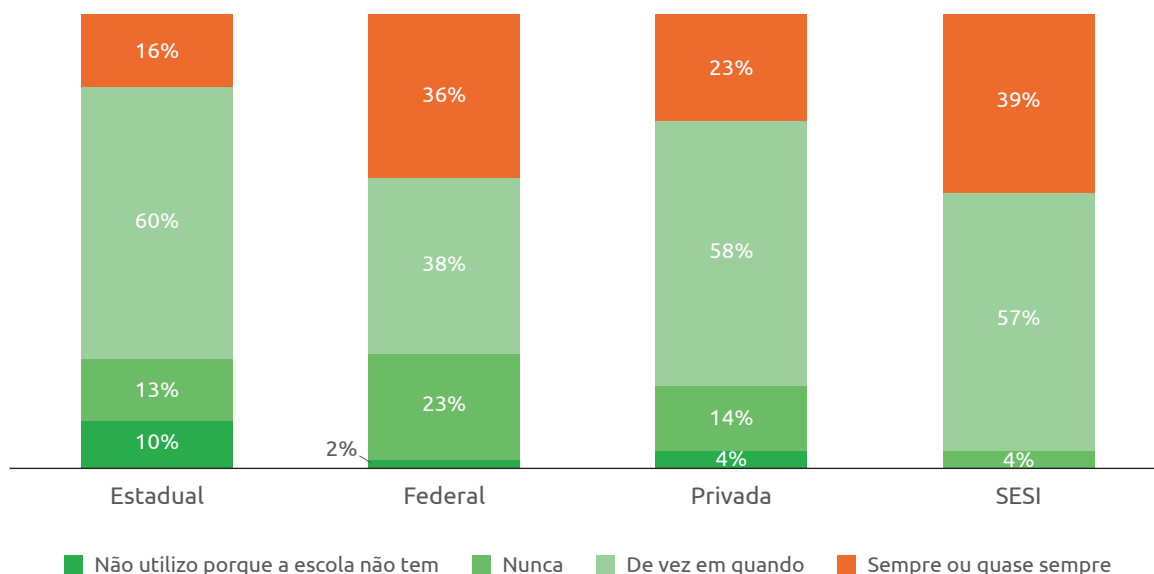


Mais do que o esforço em levar a atualidade para dentro da sala de aula, o uso de recursos analógicos como meios impressos de comunicação pode ser um indicativo do interesse dos docentes em aprofundar práticas de educação midiática. O campo jornalístico-midiático da BNCC¹², que consta na parte de língua portuguesa do documento, tem como objetivo formar os estudantes para os diferentes usos da linguagem, para a análise crítica das mídias e para a produção e consumo dos mais diversos tipos de mensagens – o que inclui o jornalismo e seus gêneros textuais (opinião, reportagem, notícia, editorial, etc.).

Entre os docentes SESI, 39% afirmam utilizar jornais e revistas sempre ou quase sempre em suas aulas, percentual superior ao de todas as redes analisadas. Destaca-se também de forma positiva o fato de apenas 4% dos professores SESI nunca fazerem uso desses recursos. Nas outras redes esse percentual é, pelo menos, três vezes maior.

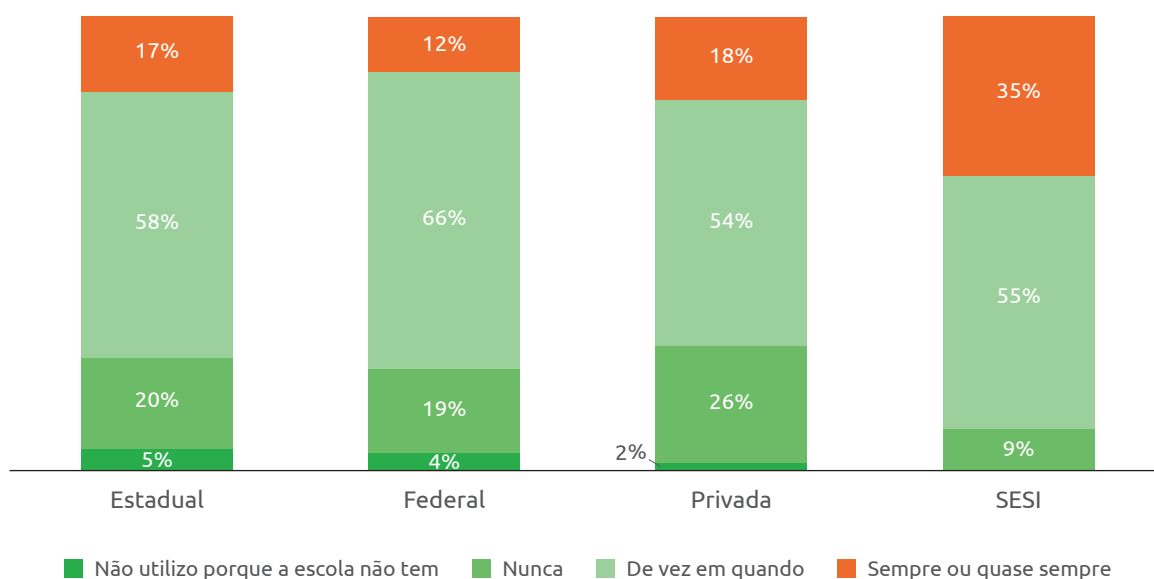
¹² Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em 8 de out. 2019

GRÁFICO 49 - Gostaríamos de saber quais os recursos que você utiliza para fins pedagógicos, nesta turma: jornais e revistas informativas.



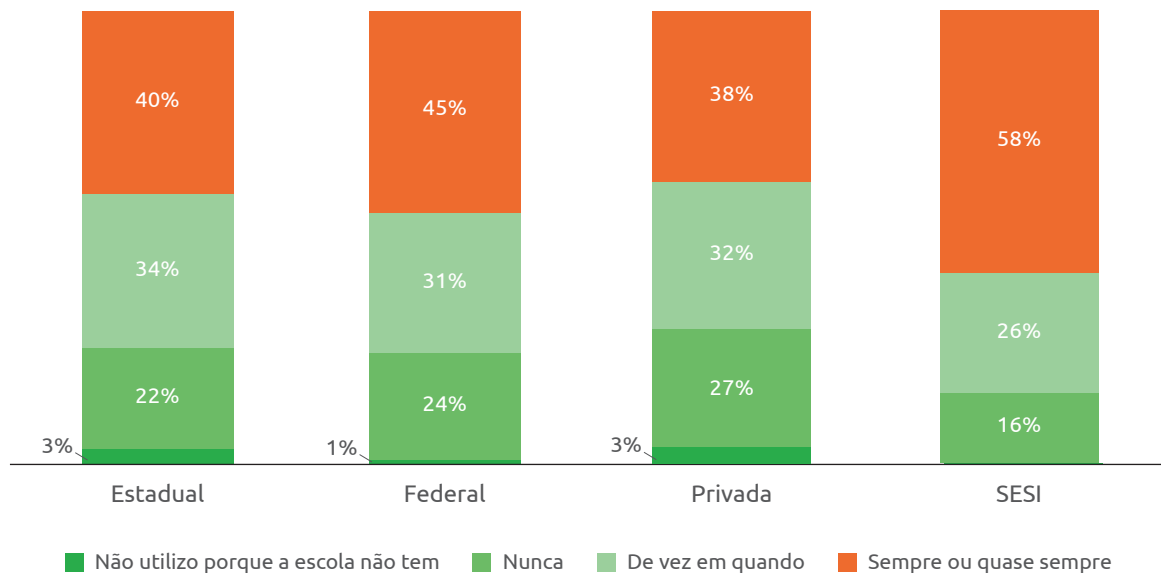
A exibição de filmes, desenhos e documentários é outra ferramenta que, novamente, se bem empregada e com objetivos pedagógicos claros, pode ajudar a envolver os alunos no processo de aprendizagem. Na rede SESI, 35% dos professores declaram utilizar tais recursos sempre ou quase sempre. Tal percentual é mais do que o dobro do registrado pelas demais redes: 12% na federal; 17% na estadual; e 18% na privada.

GRÁFICO 50 - Gostaríamos de saber quais os recursos que você utiliza para fins pedagógicos, nesta turma: filmes, desenhos animados ou documentários.



O incentivo à leitura aparece no uso de livros de literatura na sala de aula. Entre os docentes SESI, 58% utilizam esse recurso com bastante frequência para fins pedagógicos, percentual superior à taxa obtida na rede federal (45%), estadual (40%) e privada (38%). Eles também são os que menos responderam “nunca” para o manuseio de obras literárias com os alunos: 16%, contra 24% da rede federal, 27% da privada e 22% da estadual.

GRÁFICO 51 - Gostaríamos de saber quais os recursos que você utiliza para fins pedagógicos, nesta turma: livros de literatura em geral.







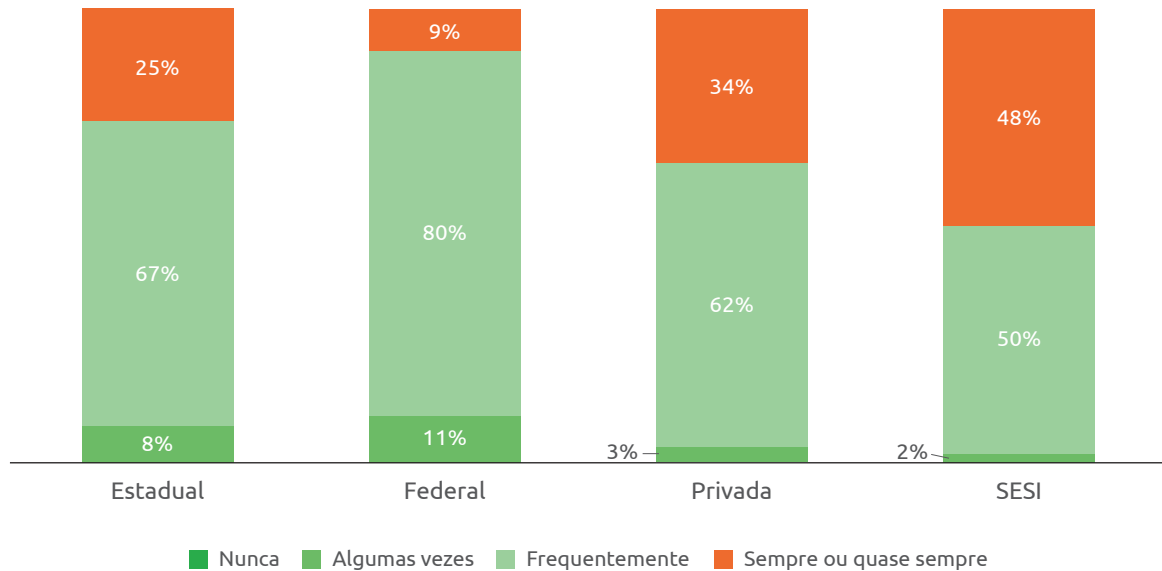
8 ESTRATÉGIAS DE GESTÃO

8.1 GESTÃO PARA A APRENDIZAGEM

Em uma unidade de ensino, é fundamental que os professores e a direção estejam em consonância, perseguindo o mesmo objetivo: a aprendizagem de todos e cada um dos alunos. Tendo em vista que a boa relação entre os educadores e a equipe gestora é premissa para o bom desempenho dos alunos, os diretores da rede SESI demonstram serem os mais assíduos no que tange à discussão de medidas pedagógicas com os professores. Os dados mostram que 48% dos diretores afirmam debater sempre ou quase sempre formas de impulsionar o ensino e a aprendizagem dos estudantes. Tal percentual é cinco vezes maior que o da rede federal (9%) e superior às taxas para as escolas estaduais (25%) e privadas (34%).

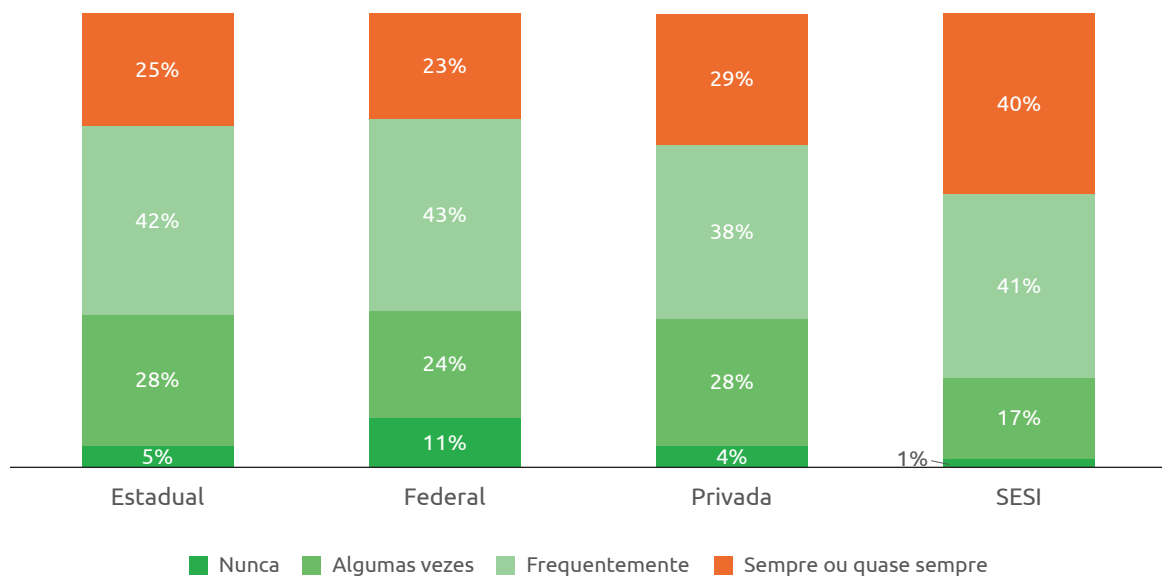


GRÁFICO 52 - Nesta escola, indique com que frequência você discute com os professores medidas com o objetivo de melhorar o ensino e a aprendizagem dos alunos.



As respostas dos diretores estão em sintonia com os índices dos professores que atuam nas escolas SESI. Como se observa no gráfico subsequente, 40% dos docentes declaram que os seus diretores discutem sempre ou quase sempre as metas educacionais da unidade em equipe. A taxa supera a porcentagem da rede privada, que é de 29%, da rede estadual, que registra 25%, e da federal, com 23%.

GRÁFICO 53 - Nesta escola, indique a frequência com que: o(a) diretor(a) discute metas educacionais com os professores nas reuniões.



8.2 GESTÃO PARA ACOMPANHAMENTO DO ALUNO

Acesso, permanência e aprendizagem dos alunos e alunas são a razão de ser de qualquer sistema de ensino e, no Brasil, país de dimensão continental e profundamente desigual, também são grandes desafios. Não basta que o jovem esteja matriculado em uma unidade de ensino: ele deve frequentar as aulas e, o mais importante, aprender os conteúdos específicos de cada ano escolar.

A assiduidade dos estudantes é premissa para que o processo de ensino e aprendizagem seja realmente efetivo. O abandono e a evasão escolar são questões delicadas, especialmente, no ensino médio e na rede pública. Dados do Censo Escolar, do Inep/MEC, mostram que o 1º ano do ensino médio é a série em que mais estudantes abandonam a escola. Em 2018, considerando apenas a rede pública, esse percentual chegou a 8,9%, o que representam mais de 200 mil adolescentes. No 2º ano, outros 6,5% deixaram a escola ainda durante o ano letivo, isto é, mais de 130 mil; enquanto no 3º ano, 4,7%. Já na rede privada, o índice é inferior a 1%.

A evasão escolar – quando o aluno conclui o ano letivo, mas não realiza a matrícula no seguinte – tem múltiplas razões, que podem estar relacionadas tanto a fatores intraescolares (como clima escolar ruim e baixa qualidade do ensino ofertado, por exemplo) quanto a fatores extraescolares. O estudo Políticas Públicas para Redução do Abandono e Evasão Escolar de Jovens, desenvolvido pela Fundação Brava, Instituto Unibanco, Insper e Instituto Ayrton Senna¹³, aponta entre as causas externas dificuldades e necessidades especiais dos estudantes, gravidez, violência, pobreza e trabalho. Esse tópico é desafiador, principalmente, no caso dos estudantes de nível socioeconômico mais baixo, que necessitam trabalhar para ajudar nas despesas domésticas. Análise da Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede), feita a partir dos microdados do Pisa 2015, mostra que 40% dos estudantes da rede pública afirmam trabalhar de forma remunerada após as aulas, enquanto na rede privada o total é de 24,4%.

Concluir o ensino médio tem muitos impactos positivos, desde os mais evidentes, relacionados a trabalho e remuneração, por exemplo, até sobre a formação familiar: “Jovens que concluem o ensino médio tendem a sair da casa dos pais e formarem novas famílias mais tarde. Além disso, 40 de cada 100 jovens que concluem esse nível de ensino têm, em média, um filho a menos do que teriam se tivessem abandonado os estudos após concluírem o ensino fundamental. Também tendem a ter uma menor prevalência de alguma doença crônica. Adicionalmente, há evidência de que a escolaridade também tende a promover

¹³ Disponível em: <http://gesta.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Políticas-Publicas-para-reducao-do-abandono-e-evasao-escolar-de-jovens.pdf> Acesso em: 21 de outubro de 2019.

a solução pacífica de conflitos.” (Políticas Públicas para Redução do Abandono e Evasão Escolar de Jovens, 2017)

A sociedade precisa atuar para que todos os jovens, sem exceção, concluam ao menos a educação básica obrigatória. Nesse sentido, é importante a escola estar atenta às faltas, que podem culminar no abandono ou evasão.

Na rede SESI, 70% dos diretores afirmam que comunicam as famílias sempre ou quase sempre em caso de falta do estudante. É o percentual mais alto entre as redes avaliadas, uma vez que esse índice é de 56% na rede privada e de 48% na federal, como se observa no gráfico 54. Além disso, 62% dos diretores afirmam que sempre ou quase sempre costumam chamar à escola os responsáveis para conversar sobre o assunto individualmente, na tentativa de compreender o que está ocorrendo com o estudante. Esta taxa é de 51% na rede privada e 40% na rede federal (gráfico 55).

GRÁFICO 54 - Indique com qual frequência são desenvolvidas as seguintes atividades para minimizar as faltas dos alunos neste ano e nesta escola: os pais/responsáveis são avisados por comunicação da escola.

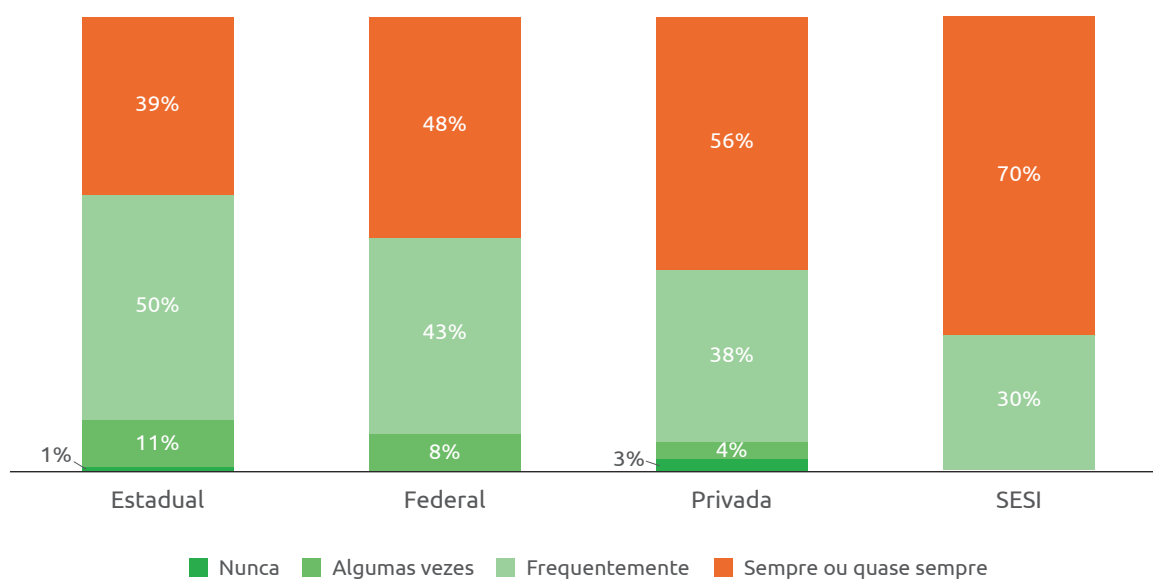
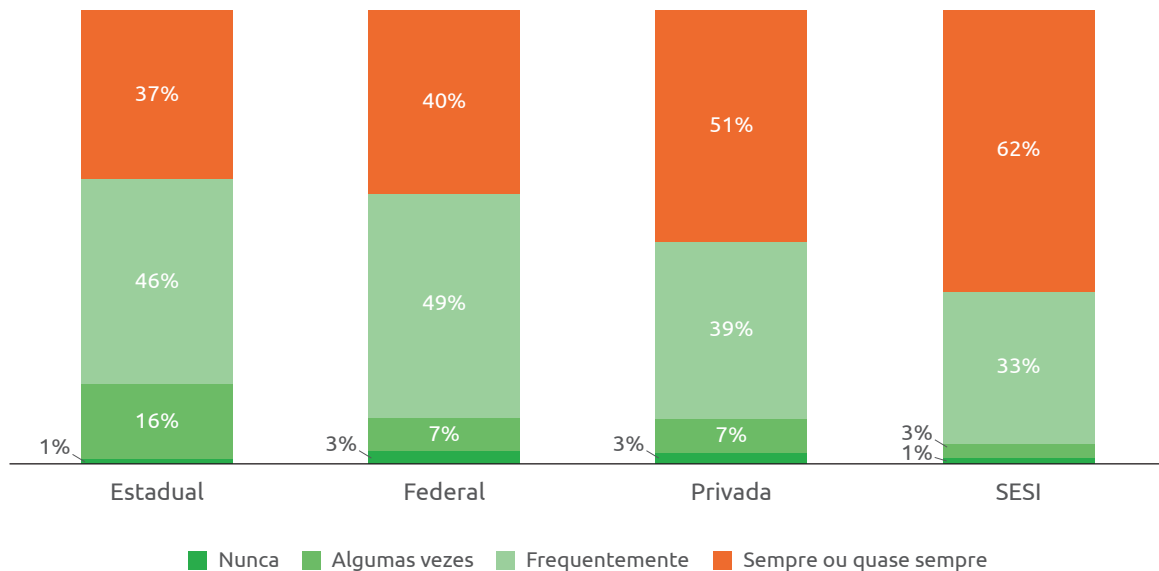
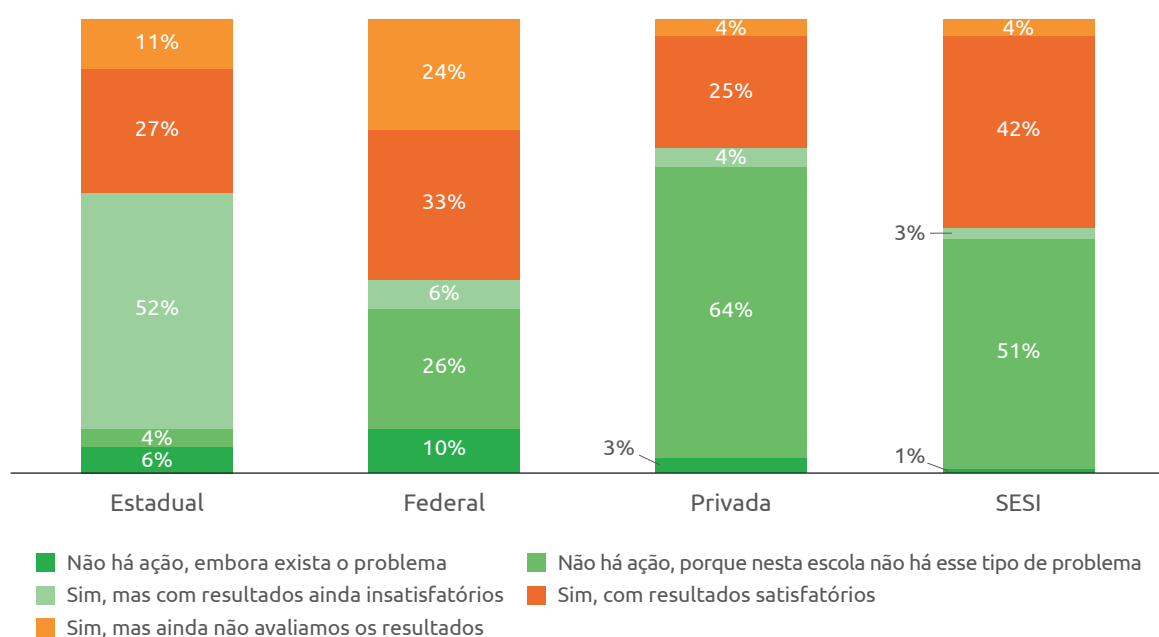


GRÁFICO 55 - Indique com qual frequência são desenvolvidas as seguintes atividades para minimizar as faltas dos alunos neste ano e nesta escola: os pais/responsáveis são chamados à escola para conversar sobre o assunto individualmente.



Mesmo diante de um cenário mais favorável em relação ao abandono escolar na rede privada, 42% dos diretores do SESI desenvolvem ações para mitigar esse problema, com resultados satisfatórios. Tal taxa é de 25% para as escolas privadas e de 27% e 33% para as redes estadual e federal, respectivamente, como se observa no gráfico a seguir.

GRÁFICO 56 - Nesta escola, há alguma ação para redução das taxas de abandono?

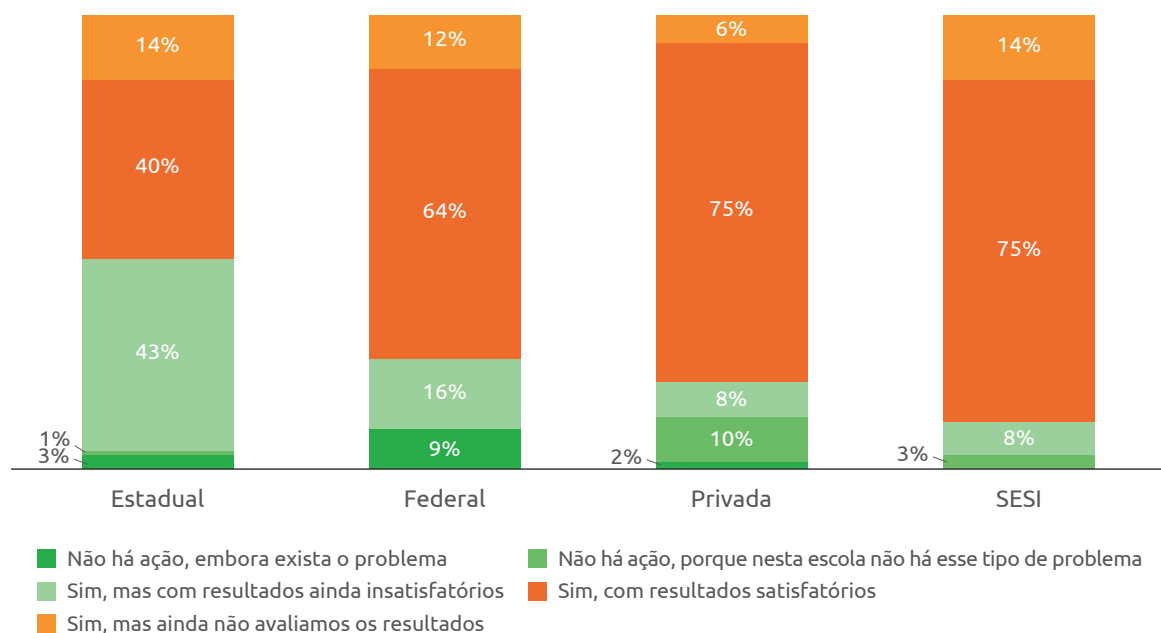


A reprovação é outro fenômeno bastante discutido nas pesquisas educacionais, que apresentam um consenso no que tange à relação entre ela e o abandono escolar: repetir de ano ou série é um fator desestimulante, que serve como motivador para os estudantes interromperem os estudos, pois passam a ser estigmatizados. No Brasil, considerando apenas o ensino fundamental, o 6º ano é o que registra a maior taxa de reprovação: 13,2%. Já no ensino médio, o percentual mais alto pertence ao 1º ano: 16,6%. Os dados referem-se à rede pública. Na rede privada a reprovação atinge 1,1% dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental; 3% dos anos finais; e 3,7% do ensino médio.

Apesar de as taxas de aprovação terem aumentado e, conseqüentemente, os índices de reprovação e abandono terem caído no Brasil na última década, o sistema de ensino do país ainda enfrenta um grave quadro de distorção idade-série (defasagem de dois ou mais anos entre a idade do estudante e a série que ele está cursando). Em 2018, a média nacional para o ensino fundamental era de 17,2% de alunos com distorção idade-série. No ensino médio, 28,2%. Como na rede privada os percentuais de abandono e reprovação são significativamente menores, a distorção idade-série acaba por atingir um percentual também menor de alunos. Em 2018, a taxa geral de distorção idade-série da rede privada no ensino médio foi de 7%.

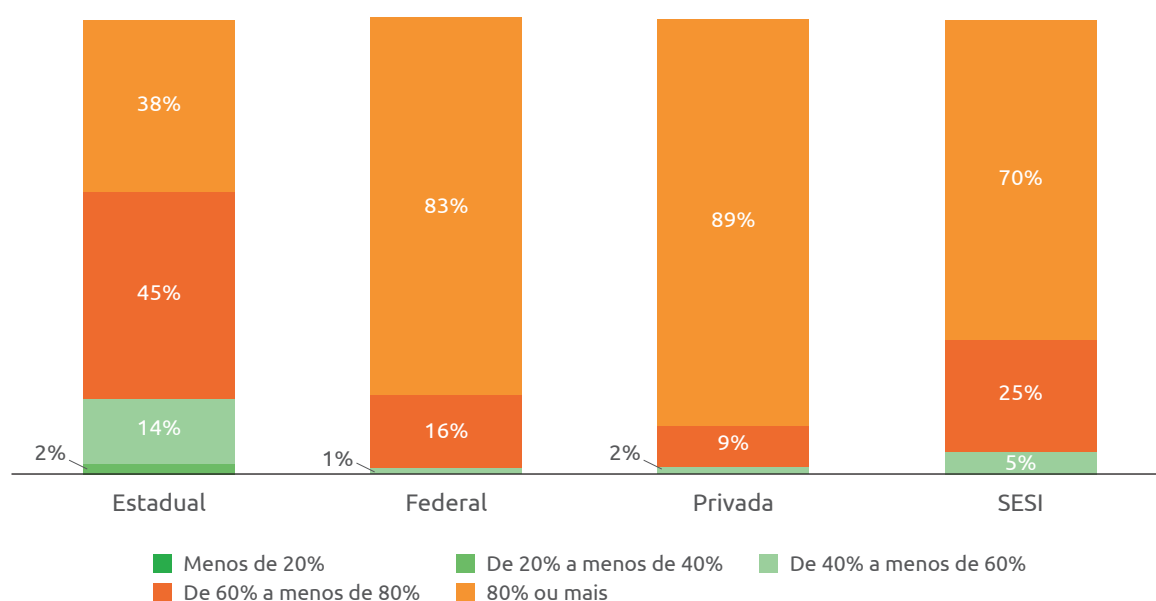
Na rede SESI, 75% dos diretores SESI afirmam adotar algum tipo de iniciativa com bons resultados para coibir as taxas de reprovação e, conseqüentemente, evitar esse tipo de distorção entre seu alunado. Tal percentual é o mesmo da rede privada e superior ao das redes federal (64%) e estadual (40%).

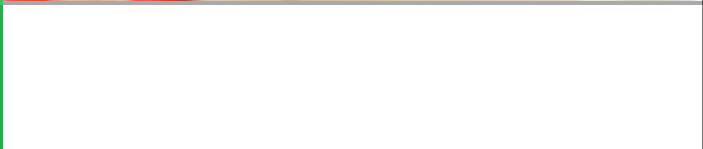
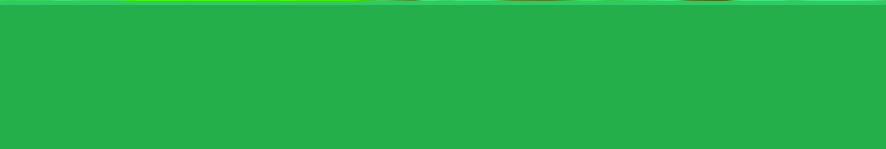
GRÁFICO 57 - Nesta escola, há alguma ação para redução das taxas de reprovação?



Em termos de cumprimento do currículo escolar, 70% dos educadores das escolas SESI dizem ter desenvolvido 80% ou mais dos conteúdos propostos no início do ano. Tal índice é mais elevado do que o apresentado pela rede estadual, que é de 38%, mas fica atrás da rede privada, com 89%, e da rede federal com 83%. Uma hipótese que poderia ser investigada é a se a utilização de metodologias de ensino ativas e recursos tecnológicos na rede SESI tem impactado nesse sentido, exigindo um tempo maior de dedicação dos docentes à preparação e desenvolvimento das aulas, com prejuízo do tempo pedagógico em si. Caso haja relação entre os itens, é necessário refletir sobre estratégias para aumentar o cumprimento do currículo sem que isso represente abrir mão de recursos e práticas inovadoras.

GRÁFICO 58 - Quanto do conteúdo previsto você conseguiu desenvolver com os alunos desta turma neste ano?





9 AMBIENTE PARA A APRENDIZAGEM



Um ambiente favorável à aprendizagem requer diálogo e cooperação entre todos os envolvidos no processo educacional - professores, diretores, coordenadores, funcionários da escola, estudantes e suas famílias e a comunidade. São diversos os fatores que devem se equilibrar para que a escola seja efetivamente o lugar onde o direito à educação é garantido.

Os dados gerais sobre o Brasil, porém, mostram que o país ainda tem importantes desafios nesse sentido. De acordo com a edição de 2018 da Pesquisa *Teaching and Learning International Survey*¹⁴ (Talis, na sigla em inglês), realizada pela OCDE, o sistema de ensino brasileiro é um dos que mais gastam tempo com questões não relacionados à aprendizagem do alunado. Por exemplo: somente 67% do tempo de uma aula é realmente dedicado ao ensino e aprendizagem, uma vez que a busca de soluções para a indisciplina e demais atividades administrativas ocupam o restante. A média da OCDE é de 78%. O estudo levou em conta entrevistas com cerca de 250 mil professores e gestores de 48 países.

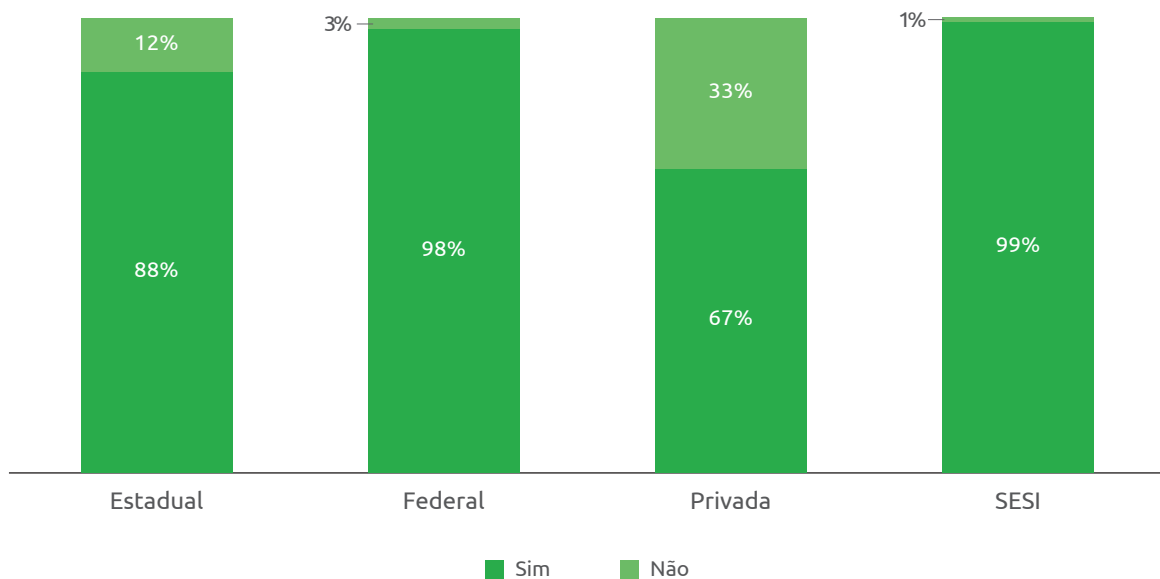
¹⁴ Disponível em: http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pesquisa_talis/resultados/2018/talis2018_results_volume_I_teachers_and_schools_leaders_as_lifelong_learners.pdf. Acesso em 7 de outubro de 2019

9.1 INTEGRAÇÃO ENTRE A GESTÃO

O apoio de instâncias superiores é muito importante para que a gestão das escolas aconteça de maneira eficaz. As diretorias regionais de ensino e a Secretaria de Educação, no caso das escolas públicas, e as mantenedoras, no caso das escolas privadas, têm um papel central na provisão do suporte necessário para que o gestor da unidade tenha plenas condições para desenvolver o seu trabalho. O diretor necessita se sentir legitimado e seguro no cargo de liderança, sabendo que pode contar com agentes externos para lidar com questões que não consegue resolver sozinho.

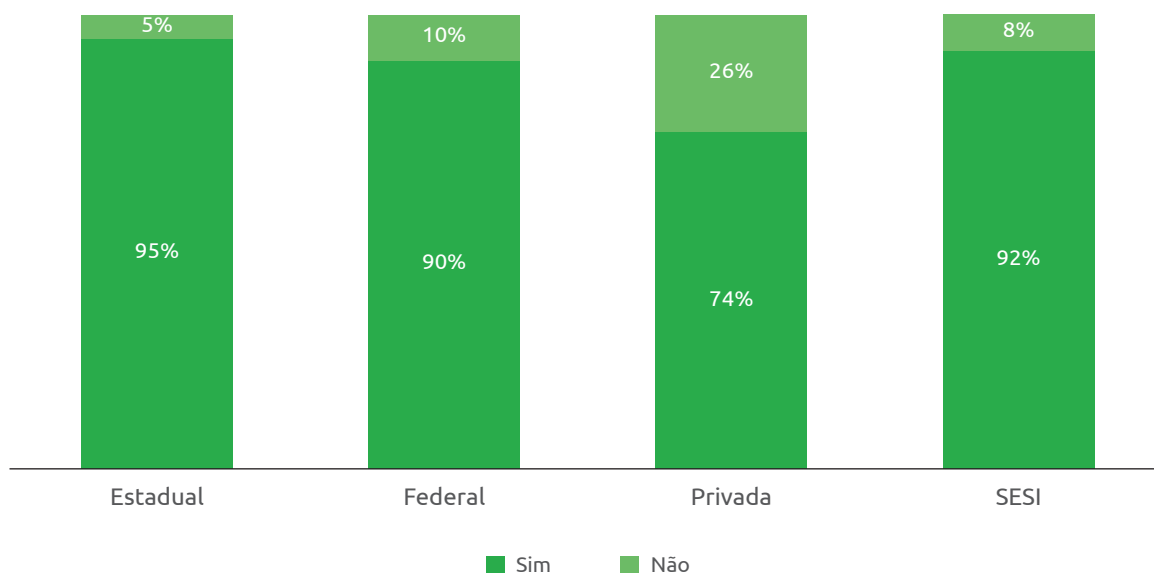
Na rede SESI, quase a totalidade dos diretores (99%) considera que tem esse apoio - percentual superior ao das demais redes analisadas: a privada apresenta 67%; a estadual, 88%; e a federal, 98%, como mostra o gráfico subsequente.

GRÁFICO 59 - Considere as condições existentes para o exercício do cargo de diretor nesta escola: há apoio de instâncias superiores?



A troca de impressões e informações entre os diretores também é um ponto de bastante relevância, uma vez que colabora para o fortalecimento do trabalho de cada um. Os dados revelam que 92% dos gestores SESI adotam tal prática, percentual que supera o cenário da rede federal (90%) e privada (74%).

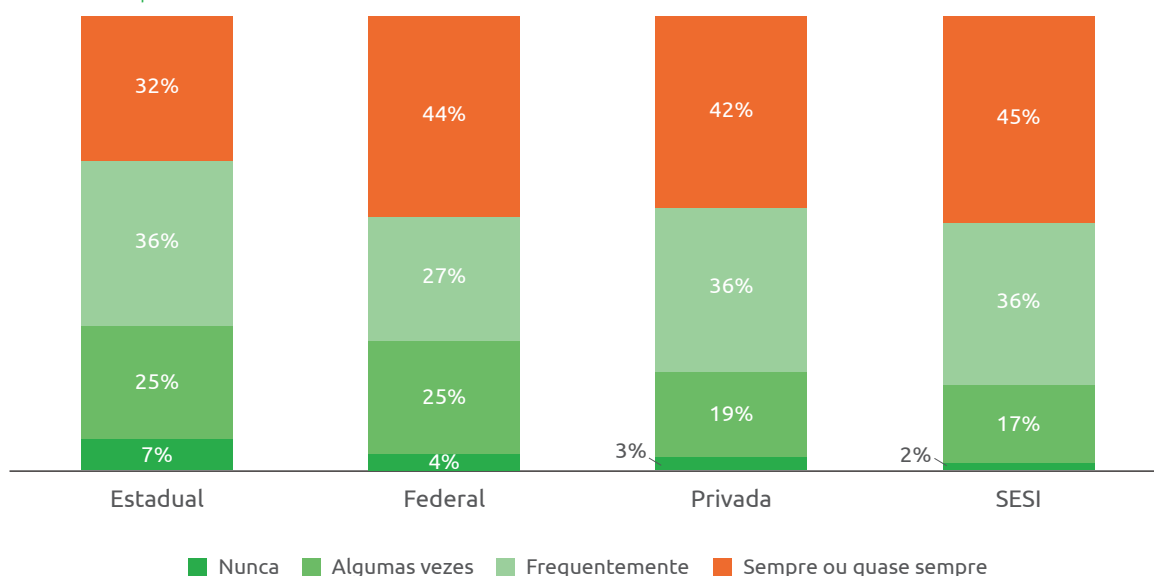
GRÁFICO 60 - Considere as condições existentes para o exercício do cargo de diretor nesta escola: há troca de informações com diretores de outras escolas?



9.2 RELAÇÃO DOS PROFESSORES COM A DIREÇÃO

Como destacado no capítulo sobre formação continuada, os diretores da rede SESI se mostram engajados na realização de atividades que apoiem a formação e atuação dos professores. Estes, por sua vez, valorizam o importante papel dos diretores para a sua motivação e engajamento com o trabalho pedagógico. Na rede SESI, 45% dos docentes afirmam que sempre ou quase sempre seus diretores os animam e motivam para o trabalho – o maior índice entre as redes. Vale destacar também que apenas 2% dos professores do SESI responderam “nunca” para essa questão.

GRÁFICO 61 - Nesta escola e neste ano, indique a frequência com que o(a) diretor(a) me anima e me motiva para o trabalho.



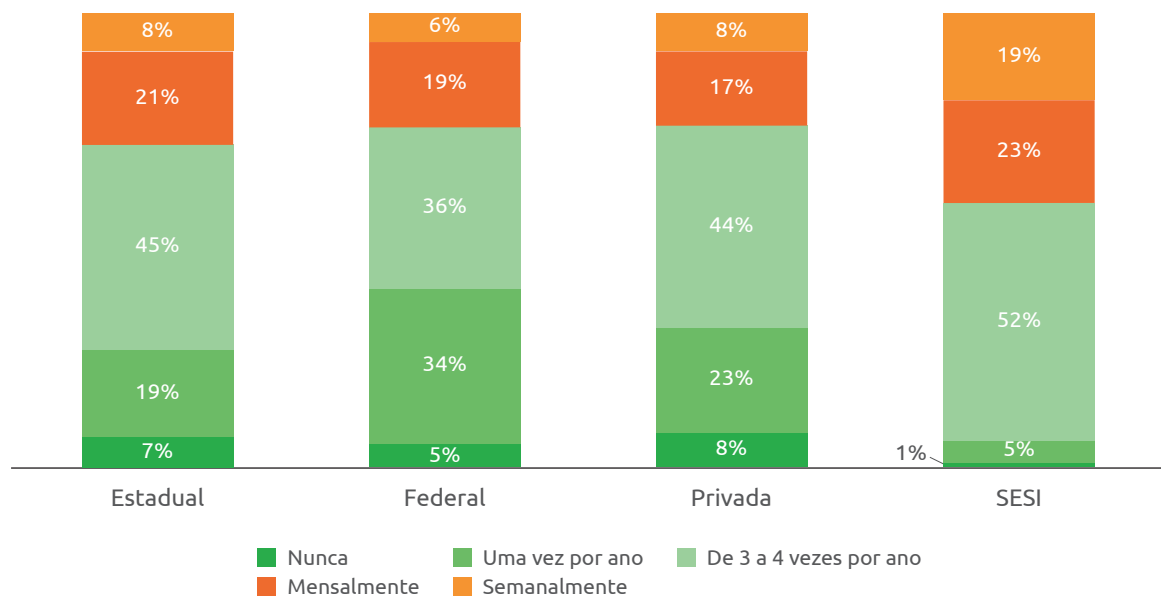
9.3 COLABORAÇÃO ENTRE PROFESSORES

O trabalho colaborativo entre o corpo docente da escola é imprescindível para que o processo de ensino e aprendizagem transcorra de maneira mais eficaz. A diversidade de percepções sobre o mesmo grupo de alunos pode ajudar os professores a compreenderem aspectos da turma para os quais não haviam se atentado, dando chance para que ajam de maneira mais cirúrgica em questões de aprendizagem e comportamento.

A realização de projetos interdisciplinares é um exemplo de atividade colaborativa que, além de estar em consonância com as competências e habilidades exigidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ajuda no fortalecimento de vínculos entre os atores da comunidade escolar.

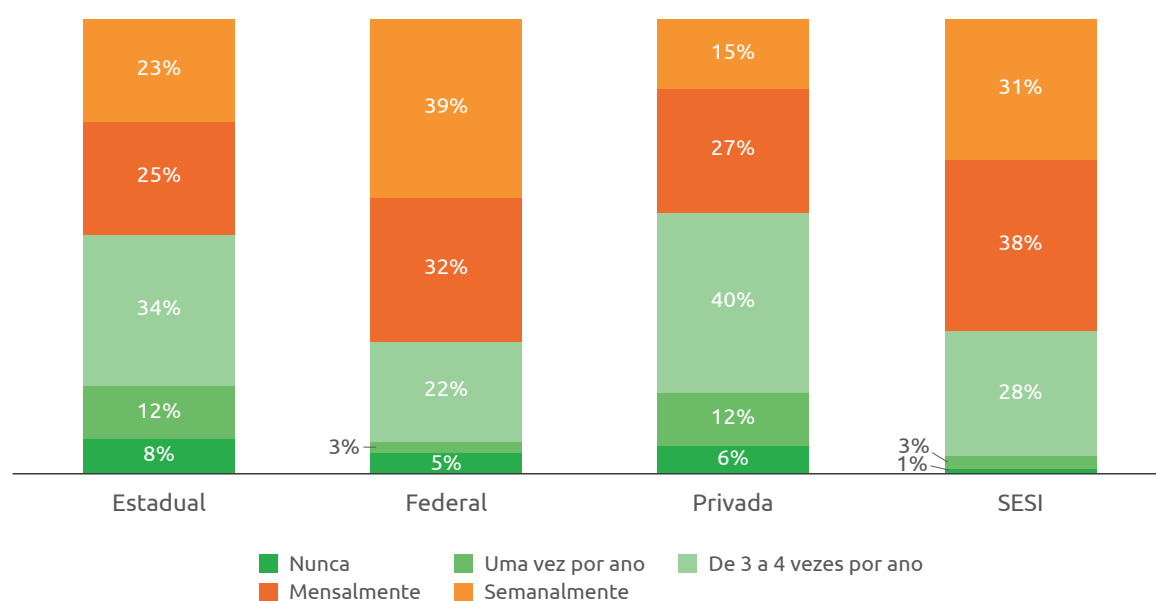
Os professores da rede SESI são os que realizam projetos em parceria com os colegas de outras disciplinas com mais frequência: 19% deles afirmam que se envolvem nesse tipo de iniciativa semanalmente, índice superior ao das redes estadual e privada (ambas com 8%) e da rede federal (6%). Além disso, 23% dos professores do SESI realizam atividades em conjunto mensalmente e apenas 1% afirma nunca desenvolver atividades dessa natureza, como se observa no gráfico a seguir.

GRÁFICO 62 - Nesta escola, com que frequência você fez o seguinte: envolveu-se em atividades conjuntas com diferentes professores (por exemplo, projetos interdisciplinares).



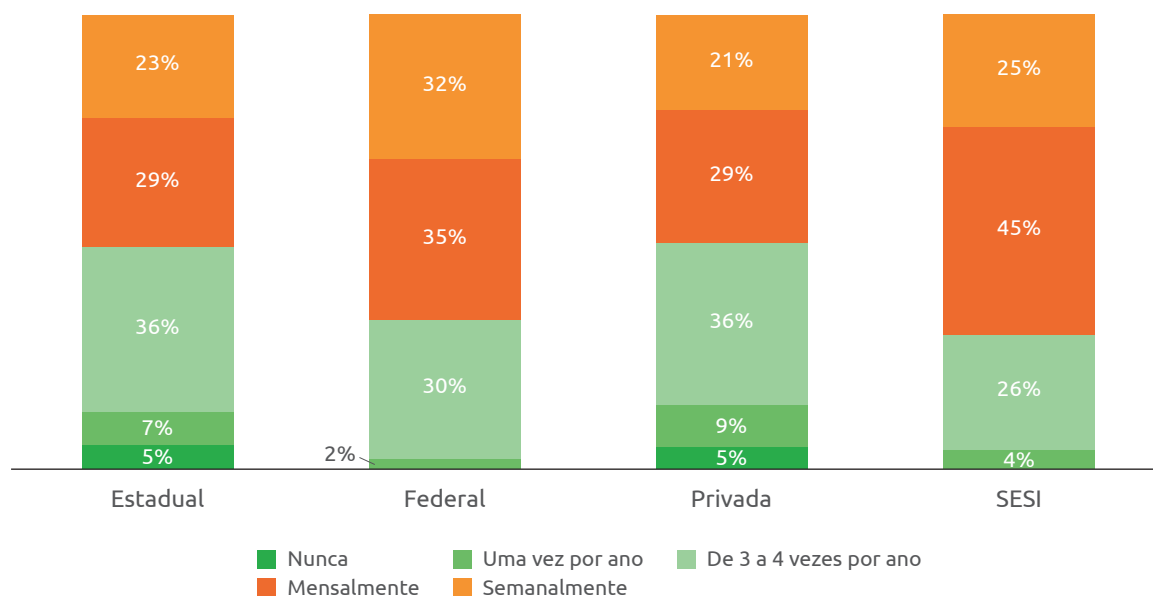
Outra importante atividade colaborativa entre os professores são as reuniões com colegas que lecionam para a mesma série. Tal atividade promove a reflexão sobre o planejamento pedagógico e a discussão sobre metodologias de ensino, além de favorecer a troca de materiais. Na rede SESI, 31% dos professores afirmam fazer esse tipo de encontro semanalmente. Essa taxa é o dobro da registrada na rede privada (15%). Nas redes estadual e federal os percentuais são de 23% e 39%, respectivamente.

GRÁFICO 63 - Nesta escola, com que frequência você fez o seguinte: participou de reuniões com colegas que trabalham com a mesma série (ano) para a(o) qual leciona.



A discussão sobre o processo de aprendizagem dos alunos que necessitam de um apoio direcionado para aprender também é parte da rotina das unidades de ensino. O gráfico subsequente indica que um quarto dos professores da rede dizem discutir semanalmente com seus colegas o desenvolvimento desses estudantes, porcentagem mais elevada que a apresentada pelas escolas privadas (21%) e estaduais (23%). A rede federal, por sua vez, alcança a margem de 32% para essa questão.

GRÁFICO 64 - Nesta escola, com que frequência você fez o seguinte: participou em discussões sobre o desenvolvimento da aprendizagem de determinados alunos.



9.4 PROXIMIDADE DA ESCOLA COM AS FAMÍLIAS

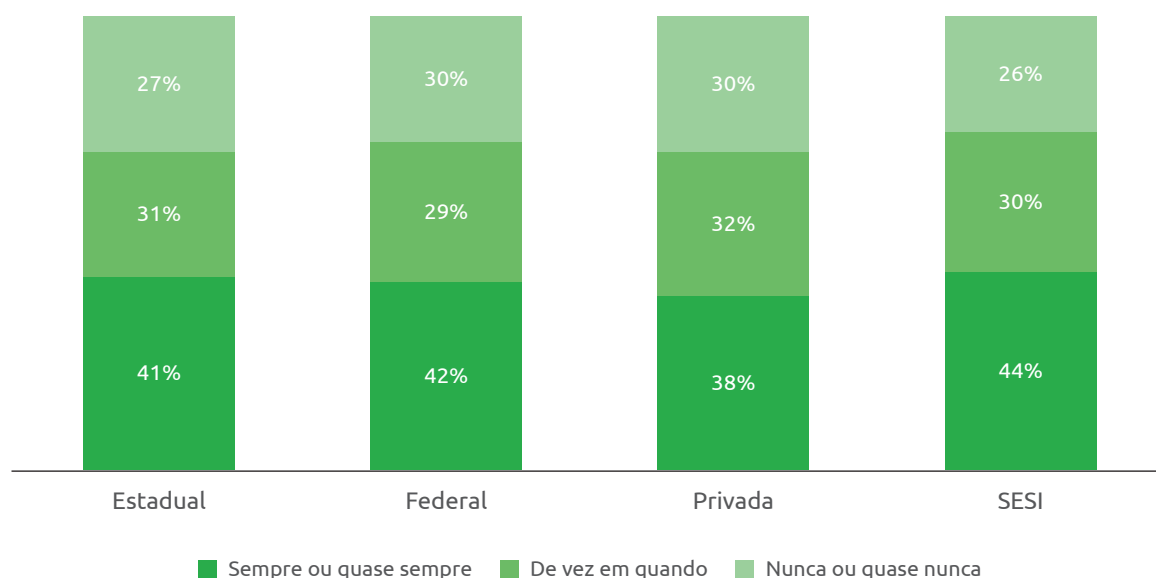
Uma escola é gerida democraticamente quando todos os atores nela envolvidos participam e discutem questões relevantes para a garantia e uma aprendizagem efetiva. A participação familiar pode se dar de diversas maneiras e em diversas instâncias. Na legislação, o artigo 14 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) afirma que é responsabilidade das redes de ensino definir e efetivar modelos de gestão democrática, sempre considerando a “participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes”. O Plano Nacional de Educação (PNE) vigente reforça essa diretriz por meio da meta 19, cujas estratégias detalham a implementação de conselhos escolares e associações de pais e mestres.

O movimento Todos Pela Educação, organização da sociedade civil sem fins lucrativos, defende que os pais se envolvam na educação dos filhos por meio de cinco atitudes, que devem ser encorajadas diariamente. São elas: “valorizar os professores, a aprendizagem e o conhecimento; promover as habilidades importantes para a vida e para a escola; colocar a educação escolar no dia a dia; apoiar o projeto de vida e o protagonismo dos alunos; e, por fim, ampliar o repertório cultural e esportivo das crianças e dos jovens.”

Indubitavelmente, a reunião de pais é uma das maneiras que favorecem a proximidade da família com a escola. Nesse espaço de troca, a escola pode sinalizar conquistas e dificuldades dos alunos, e a família, por sua vez, tem a oportunidade de dividir com a escola questões

familiares que podem estar interferindo no desempenho escolar. Na rede SESI, quando perguntados sobre a participação de seus pais ou responsáveis em reuniões, 44% dos estudantes afirmam que eles comparecem sempre ou quase sempre - índice que supera o registrado nas demais redes: federal (42%), estadual (41%) e privada (38%).

GRÁFICO 65 - Com qual frequência seus pais, ou responsáveis por você, vão à reunião de pais?



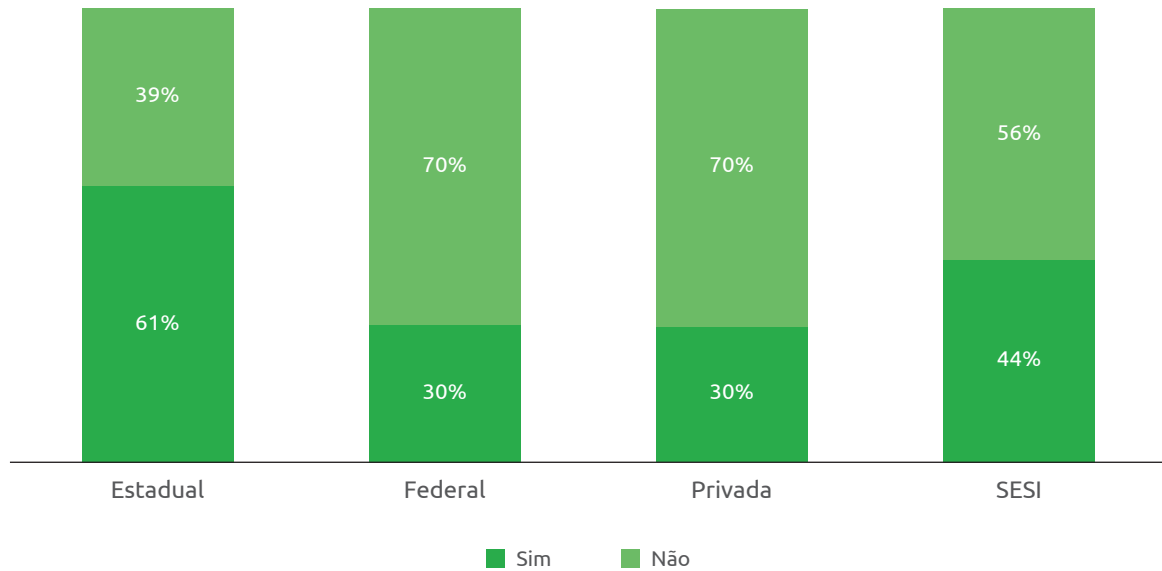
9.5 DESAFIOS ESCOLARES

Dados da edição de 2018 da Pesquisa *Teaching and Learning International Survey*¹⁵ (Talis, na sigla em inglês), realizada pela OCDE, apontam que, no Brasil, mais de 10% dos educadores relatam terem sido vítimas de situações intimidadoras e/ou de violência verbal na escola. Este é o segundo maior percentual dentre os 30 países pesquisados, atrás somente de Flanders (região da Bélgica). Isso evidencia a necessidade de atentar-se à forma de relacionamento entre os alunos e destes com os educadores e funcionários da escola para prevenir incivildades e violências. Estabelecer e manter uma cultura de paz no ambiente escolar é muitas vezes um desafio, mas algo absolutamente necessário para a garantia do bem-estar de todos e para a promoção de um espaço seguro e tranquilo que assegure o pleno desenvolvimento das atividades pedagógicas.

Quando questionados sobre a ocorrência de agressão verbal ou física de alunos a outros alunos da escola, 44% dos professores da rede SESI responderam “sim” para esse tipo de situação. Nas redes federal e privada, esse percentual é de 30% e na rede estadual chega a 61%.

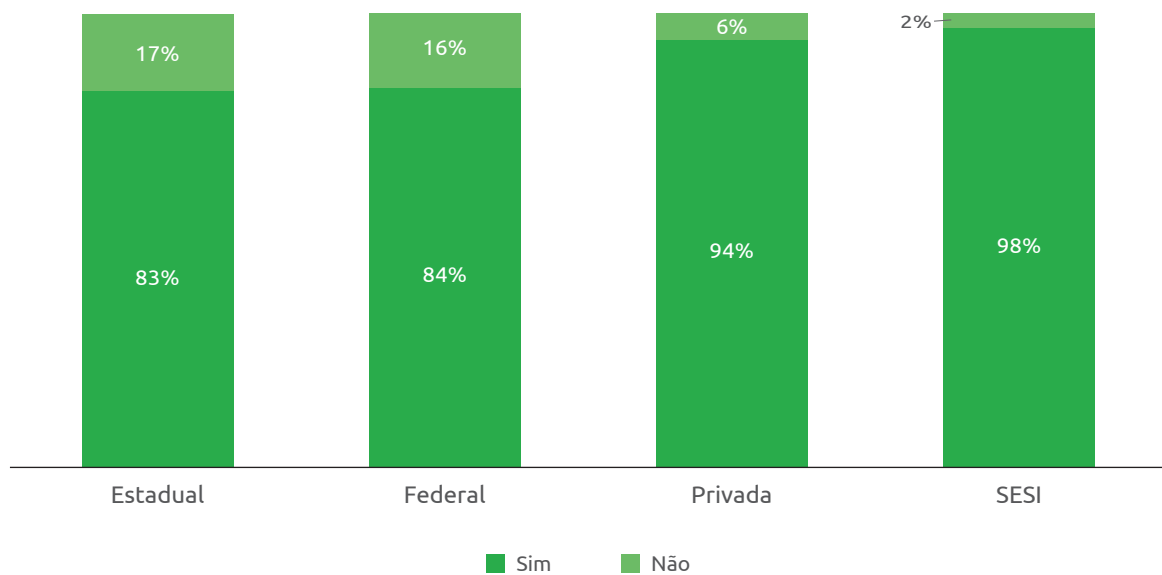
¹⁵ Disponível em: http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pesquisa_talis/resultados/2018/talis2018_results_volume_1_teachers_and_schools_leaders_as_lifelong_learners.pdf. Acesso em 7 de outubro de 2019

GRÁFICO 66 - Sobre os fatos listados abaixo, diga se eles aconteceram ou não neste ano, nesta escola: agressão verbal ou física de alunos a outros alunos da escola.



Tendo em vista a importância de se cultivar uma cultura de paz no ambiente escolar, é fundamental que as escolas desenvolvam projetos anti-bullying com o objetivo de prevenir ações dessa natureza e promover uma relação amistosa entre os alunos. Nessa perspectiva, a rede SESI se destaca: 98% dos diretores SESI afirmaram ter na escola projetos sobre bullying. Na rede privada o resultado foi de 94% e nas redes estadual e federal, 83% e 84%, respectivamente.

GRÁFICO 67 - Nesta escola, há projetos nas seguintes temáticas: bullying.







10 CONSIDERAÇÕES FINAIS



A análise dos questionários da edição de 2017 do Saeb Ensino Médio mostra que, apesar do SESI integrar o sistema privado de ensino brasileiro, o perfil de seus estudantes difere dos alunos da rede particular como um todo e daqueles que estão matriculados em escolas federais. As mães dos jovens da rede SESI têm escolaridade menor: 35% afirmam que elas possuem ensino superior completo, enquanto nas redes privada e federal esses índices são mais favoráveis: 51% e 46%, respectivamente. Essa diferença na escolaridade também é observada em relação aos pais: 24% dos estudantes do SESI declaram que o genitor concluiu a graduação, contra 40% na rede privada e 43%, na federal.

De partida, isso traz um desafio importante, já que a literatura especializada mostra grande correlação entre a escolaridade dos pais e o desempenho escolar dos filhos, sendo esta, indubitavelmente, uma questão ainda mais complexa na rede estadual, onde somente 11% dos alunos dizem que a mãe completou a graduação.

Os grupos de alunos, professores e diretores da rede SESI apresentam maior diversidade étnica em relação às redes privada e federal. Destaca-se positivamente o percentual de diretores que se autodeclaram da raça preta: 12% - índice superior ao das demais redes, incluindo a estadual (8%). Na rede privada, apenas 3% dos diretores se dizem pretos e, na federal, 0%. Esse índice pode ter relação com a forma como os diretores são escolhidos na rede SESI: mais de $\frac{1}{4}$ chega a essa posição por meio de processo seletivo apenas - média esta que se encontra em um patamar muito superior em relação às outras redes: 9% na privada, 8% na rede estadual, e 0% na federal.

Outros 32% dos diretores SESI chegaram a esse cargo em razão da combinação entre processo seletivo e indicação. Esses são números relevantes na medida em que garantem que os mais preparados serão aqueles que irão de fato assumir a gestão, independentemente de sua raça ou sexo, por exemplo.

Tanto os diretores como os professores da rede SESI são mais jovens do que os profissionais das demais redes. No caso dos diretores, a grande maioria (72%) tem até 49 anos. Já em relação aos docentes, 59% estão na faixa até 39 anos de idade. Uma hipótese que poderia ser investigada em estudos posteriores é o quanto esse perfil mais jovem está associado ao desenvolvimento e implementação de ações inovadoras nas escolas SESI, visto que a rede se destaca no uso de metodologias e recursos pedagógicos diversos.

Em comparação com as redes estadual e privada, tanto professores como diretores das unidades SESI possuem escolaridade maior e salários mais altos. A rede federal apresenta um cenário específico e destoante das demais, com 53% dos professores com mestrado e 25%, doutorado, sendo que 60% recebem salários de pelo menos R\$ 9.370,00.

Sobre o perfil dos professores, especificamente, chama a atenção na rede SESI a regularidade com que dizem frequentar cinemas, espetáculos, exposições e bibliotecas. Em todos esses itens, os percentuais são significativamente superiores aos registrados nas demais redes de ensino. No caso do cinema, por exemplo, 40% dizem ir “sempre ou quase sempre” – nas redes federal, privada e estadual, esses percentuais são de 28%, 27% e 16%, respectivamente.

Esse engajamento com atividades culturais tem reflexo não somente na qualidade de vida do educador, mas também na sala de aula: com mais repertório, a tendência é que arrisque mais e adote práticas mais inovadoras e criativas. Os dados mostram que a rede SESI se sobressai em itens como desenvolvimento de atividades em grupo, em sala, para que os alunos busquem soluções de problemas; estímulo à argumentação a partir de temas diversos; e discussão de modos diferentes para resolução de problemas e cálculos.

O item de maior destaque, e que a rede SESI apresenta a maior diferença para as demais, é sobre o uso de tecnologia educacional na sala de aula: 47% dos professores dizem utilizar programas e aplicativos pedagógicos de computador sempre ou quase sempre. Na rede privada, que apresenta o 2º maior percentual, esse índice é de 27%.

Para que atividades inovadoras aconteçam, é fundamental o respaldo e incentivo da gestão. Nesse sentido também, mais da metade (52%) dos professores SESI afirmam que o diretor sempre ou quase sempre estimula atividades inovadoras – o maior percentual entre as redes.

A utilização de recursos e práticas pedagógicas variadas, visando a uma aprendizagem maior e mais significativa, é o principal ponto de destaque da rede SESI. Mas há outros indicadores favoráveis presentes neste documento, como a adoção por parte da gestão de ações objetivando combater as faltas dos alunos e reduzir as taxas de abandono e evasão. A relação do corpo docente com a direção também merece menção: 45% dos professores dizem que o diretor sempre ou quase sempre o anima – o maior percentual entre as redes analisadas.

Já dentre os pontos de aperfeiçoamento e sobre os quais a rede SESI deve se atentar está a carga horária de trabalho dos docentes: somente 24% dos professores têm jornadas de 40 horas semanais ou mais – na rede estadual, o percentual é de 47% e na federal, 89%. A dedicação exclusiva é uma questão importante, com impactos na qualidade de vida do professor e também na aprendizagem dos estudantes, já que, trabalhando em uma única escola, em geral, o professor consegue mais tempo para o planejamento das aulas.

Outro ponto que requer uma investigação cuidadosa por parte do SESI é em relação ao cumprimento do currículo. No total, 70% dos professores dizem ter desenvolvido 80% ou mais dos conteúdos propostos no início do ano com os alunos – índice inferior ao das redes privada (89%) e federal (83%). Uma hipótese que poderia ser investigada é a se a utilização de metodologias de ensino ativas e recursos tecnológicos na rede SESI tem impactado nesse sentido, exigindo um tempo maior de dedicação dos docentes à preparação e desenvolvimento das aulas, com prejuízo do tempo pedagógico em si. Caso haja relação entre os itens, é necessário refletir sobre estratégias para aumentar o cumprimento do currículo sem que isso represente abrir mão de recursos e práticas inovadoras.

Por fim, tanto a rede SESI como as demais devem se atentar para o clima escolar, condição básica para a aprendizagem e um desafio para todas as redes de ensino. Nas escolas SESI, 44% dos professores responderam que já houve a ocorrência de agressão verbal ou física de alunos a outros alunos. Na estadual, essa taxa chega a 61%. É preciso que todas as redes se empenhem na construção e manutenção de um clima de paz entre todos os sujeitos escolares. Estabelecer e manter uma cultura de paz no ambiente escolar é muitas vezes um desafio, mas algo absolutamente necessário para a garantia do bem-estar de todos e para a promoção de um espaço seguro e tranquilo que assegure o pleno desenvolvimento das atividades pedagógicas.



REFERÊNCIAS

ALVES, R. et al. Ser ou não ser professor da educação básica? Salário esperado e outros fatores na escolha ocupacional de concluintes de licenciaturas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 44. 2016. **Anais...** Foz do Iguaçu, 2016.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **TIC Educação 2018**. 2018. Disponível em: <https://cetic.br/>. Acesso em: 25 set. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Uma análise das condições de vida da população brasileira**. Brasília: IBGE, 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. **Microdados dos Questionários do Sistema de Avaliação da Educação Básica 2017**. [S.l.]: INEP, 2017.

INTERDISCIPLINARIDADE E EVIDENCIAS NO DEBATE EDUCACIONAL - IEDE. **Análise inédita do Iede ajuda a entender o perfil dos alunos de 15 anos das redes pública e privada**. ago. 2018. Disponível em: <https://www.portaliede.com.br/analiseinedita-do-iede-ajuda-a-entender-o-perfil-dos-alunos-de-15-anos-das-redes-publica-e-privada/> Acesso em: 2 out. 2019.

INTERDISCIPLINARIDADE E EVIDENCIAS NO DEBATE EDUCACIONAL - IEDE. et al. **Excelência com equidade: a dificuldade das redes de ensino para dar um suporte efetivo às escolas**. São Paulo: IEDE, 2019.

INTERDISCIPLINARIDADE E EVIDENCIAS NO DEBATE EDUCACIONAL - IEDE. **O perfil dos jovens que esperam ser professores**. São Paulo: IEDE, 2018.

FUNDAÇÃO BRAVA; INSPER; INSTITUTO AYRTON SENNA; INSTITUTO UNIBANCO. Políticas Públicas para Redução do Abandono e Evasão Escolar de Jovens, 2017. Disponível em: <http://gesta.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Políticas-Publicas-para-reducao-do-abandono-e-evasao-escolar-de-jovens.pdf> Acesso em 23 out. 2019.

FUNDAÇÃO LEMANN; INSTITUTO CREDIT SUISSE HEDGING-GRIFFO; ITAÚ BBA. Excelência com equidade: os desafios dos anos finais do ensino fundamental. São Paulo, 2015.

FUNDAÇÃO LEMANN; ITAÚ BBA. **Excelência com equidade: as lições de escolas que oferecem um ensino de qualidade aos alunos com baixo nível socioeconômico**. São Paulo: LEMANN; Itaú, 2013.

HATTIE, JOHN. **Visible learning for teachers: maximizing impact on learning**. Estados Unidos: Routledge, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC. **Base nacional comum curricular (BNCC)**. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 9 out. 2019.

OECD. **PISA 2015 assessment and analytical framework**. Paris: OECD Publishing, 2016.

OECD. **Talis 2013 results: an international perspective on teaching and learning**. Paris: OECD Publishing, 2014.

OECD. **Talis 2018 results: teachers and school leaders as lifelong learners**. Paris: OECD Publishing, 2019. v. 1.

SAMMONS, P.; BAKKUM, L. Effective schools, equity and teacher effectiveness: a review to the literature. **Revista de currículo e formación del profesorado**, v. 15, n. 3, 2011. Disponível em: <http://www.ugr.es/~recfpro/rev153ART2en.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

SANTOS, M. M.; MARIANO, F. Z.; COSTA, E. M.; **Efeitos da educação dos pais sobre o rendimento escolar dos filhos via mediação das condições socioeconômicas**. In: ENCONTRO DE ECONOMIA APLICADA, 3. 2018, Juiz de Fora. Disponível em: <http://www.ufjf.br/encontroeconomiaaplicada/files/2018/01/artigo61EconomiaSocialdoTrabalho.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2019.

SOARES, J. F.; COLLARES, A. C. M. Recursos familiares e o desempenho cognitivo dos alunos do ensino básico brasileiro. **Dados**, v. 49, n. 3, p. 615–650, 2006.

TENÓRIO, R. M.; VIEIRA, M. A. **Impacto da escolaridade dos pais e nível socioeconômico familiar nos resultados de testes cognitivos**. Disponível em: http://www.anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT3/GT3_Coimunicacao/MarcosAntonioVieira_GT3_integral.pdf. Acesso em: 17 out. 2019.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Anuário brasileiro da educação básica**. São Paulo: Moderna, 2019.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Formação inicial de professores no Brasil**. São Paulo: Moderna, 2019.

DIRETORIA DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA – DIRET

Rafael Esmeraldo Lucchesi Ramacciotti

Diretor de Educação e Tecnologia

SESI/DN

Robson Braga de Andrade

Diretor

Rafael Esmeraldo Lucchesi Ramacciotti

Diretor-Superintendente

DIRETORIA DE OPERAÇÕES

Paulo Mól Junior

Diretor de Operações

Unidade de Estudos e Prospectiva – UNIEPRO

Marcio Guerra Amorim

Gerente-Executivo de Estudos e Prospectiva

Gerência de Estudos e Prospectiva

Marcelo Bispo

Gerente de Estudos e Prospectiva

Ana Luiza Neiva do Amaral

Ernesto Faria

Lectícia Maggi

Autores

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO – DIRCOM

Ana Maria Curado Matta

Diretora de Comunicação

Gerência de Publicidade e Propaganda

Armando Uema

Gerente de Publicidade e Propaganda

Walner Oliveira

Produção Editorial

DIRETORIA DE SERVIÇOS CORPORATIVOS – DSC

Fernando Augusto Trivellato

Diretor de Serviços Corporativos

Superintendência de Administração – SUPAD

Maurício Vasconcelos de Carvalho

Superintendente Administrativo

Alberto Nemoto Yamaguti

Normalização

Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (IEDE)

Consultoria

Danuzia Queiroz

Revisão Gramatical

Editorar Multimídia

Projeto Gráfico e diagramação


 .sesi.org.br

 /SESiNacional

 @SouSESI

 @sesinacional

 /sesi

 /company/sesi-nacional

ISBN 978-85-7710-414-7



9 788577 104147 >

SESI

Serviço Social da Indústria

PELO FUTURO DO TRABALHO